



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Shirley Lima da Silva Braz

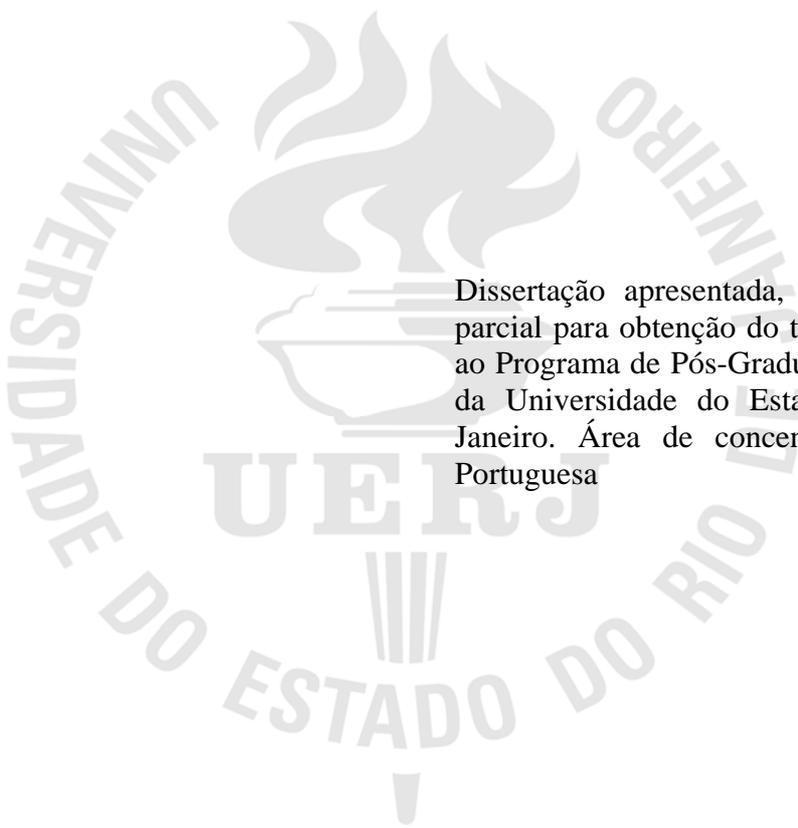
**Neologismos lexicais no português contemporâneo: aspectos da
dinamicidade linguística na linguagem jornalística**

Rio de Janeiro

2006

Shirley Lima da Silva Braz

**Neologismos lexicais no português contemporâneo: aspectos da dinamicidade linguística
na linguagem jornalística**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Cezar Henriques

Rio de Janeiro

2006

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

B827 Braz, Shirley Lima da Silva.
Neologismos lexicais no português contemporâneo: aspectos da
dinamicidade linguística na linguagem jornalística / Shirley Lima da
Silva Braz. – 2006.
116 f.

Orientador: Claudio Cezar Henriques.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa - Neologismos - Teses. 2. Jornalismo -
Linguagem - Teses. I. Henriques, Claudio Cezar. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-316.1

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Shirley Lima da Silva Braz

**Neologismos lexicais no português contemporâneo: aspectos da dinamicidade linguística
na linguagem jornalística**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 28 de março de 2006.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

Prof. Dr. João Baptista Medeiros Vargens
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Nícia de Andrade Verdini Clare
Instituto de Letras da UERJ

Rio de Janeiro

2006

Ao meu pai (*in memoriam*), meu eterno amigo.

À minha mãe, pelo incentivo.

Aos meus três milagres, Gabriel, Clara e Caio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques, pelas indispensáveis e preciosas lições.

RESUMO

BRAZ, Shirley Lima da Silva. *Neologismos lexicais no português contemporâneo: aspectos da dinamicidade linguística na linguagem jornalística*. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Este trabalho visa ao estudo da dinamicidade linguística do português contemporâneo, por meio da observação de neologismos lexicais coletados na imprensa escrita. Levando em consideração o aspecto ideológico da linguagem, busca acompanhar a atuação do falante em relação à produção de novas palavras, os motivos pelos quais surgem e o grau de resistência ao seu uso. Objetiva analisar os principais processos de formação de vocábulos em língua portuguesa e identificar os mais produtivos no âmbito do *corpus*. Ademais, pretende demonstrar as etapas distintas dos processos de inovação e adoção dos neologismos, sobre os quais incidem vários fatores de ordem social, ressaltando a importância da contextualização do vocábulo, cujo exame deve ocorrer sempre à luz dos aspectos discursivos. E, como objetivo último, busca analisar até que ponto as mudanças vivenciadas pela sociedade brasileira estão se refletindo em nossa língua.

Palavras-chave: Léxico. Neologismos. Imprensa.

ABSTRACT

This work seeks to the study of the linguistic renovation in the contemporary Portuguese, through the observation of lexical neologisms collected in the written press. Taking into account the ideological aspect of the language, search to accompany the speaker's performance in relation to the production of new words, the reasons for the which appear and the resistance degree to its use. Lens to analyze the main processes of formation of words in Portuguese language and identify the most productive in the extent of the *corpus*. Besides, it intends to demonstrate the different stages from the innovation processes and adoption of the neologisms, on which happen several factors of social order, the importance of the context in the word, whose exam should always happen at the light of the discursive aspects standing out. And, as last objective, search to analyze to what extent the changes lived by the Brazilian society ar being reflected in our language.

Keywords: Lexic. Neologisms. Written press.

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|----|
| | INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 | CONSIDERAÇÕES ACERCA DO NEOLOGISMO..... | 14 |
| 1.1 | Conceito de neologismo..... | 14 |
| 1.2 | O conteúdo ideológico dos neologismos | 20 |
| 1.3 | Breve histórico sobre os estudos neológicos | 24 |
| 1.4 | O que é léxico?..... | 26 |
| 1.5 | Competência lexical | 27 |
| 1.6 | Bloqueio linguístico | 31 |
| 1.7 | Vários tipos de neologismos | 32 |
| 1.7.1 | <u>Neologismo lexical</u> | 32 |
| 1.7.2 | <u>Neologismo semântico</u> | 32 |
| 1.7.3 | <u>Neologismo cultural (ou de língua)</u> | 34 |
| 1.7.4 | <u>Neologismo literário (formações esporádicas)</u> | 35 |
| 1.7.5 | <u>Neologismo teminológico (tecnoleto ou neônimo).....</u> | 37 |
| 1.7.6 | <u>Empréstimos lingüísticos (estrangeirismos)</u> | 38 |
| 1.7.7 | <u>Gírias</u> | 40 |
| 2 | FORMAÇÃO DE PALAVRAS | 42 |
| 2.1 | Palavra ou vocábulo | 44 |
| 2.2 | Morfema | 46 |
| 2.3 | Classes gramaticais | 47 |
| 2.4 | Mecanismos de formação dos neologismos | 47 |
| 2.4.1 | <u>Princípio da analogia</u> | 48 |

| | | |
|-------|--|-----|
| 2.4.2 | <u>Princípio da economia</u> | 49 |
| 2.4.3 | <u>Composição: justaposição, acoplação ou reduplicação</u> | 50 |
| 2.4.4 | <u>Derivação: prefixação ou sufixação</u> | 53 |
| 2.4.5 | <u>Hibridismo</u> | 55 |
| 2.5 | Neologia primária e neologia secundária | 55 |
| 3 | O CORPUS À LUZ DOS CONCEITOS ARTICULADOS | 57 |
| 3.1 | Critérios de organização | 57 |
| 3.2 | Glossário de temos | 60 |
| | CONCLUSÃO | 105 |
| | REFERÊNCIAS | 108 |
| | ANEXO | 112 |

INTRODUÇÃO

A simplicidade resulta sempre de um violento esforço. Não se atinge uma expressão fácil, concisa e harmoniosa, sem longas e tumultuárias lutas em que arquejam juntos espírito e vontade. (Eça de Queiroz)

Nada separa as classes sociais no Brasil como a língua. Fora a renda, claro. (Luis Fernando Veríssimo)

Procurar novas palavras... Algo semelhante a procurar novos amigos, antes que vão participar de nossas vidas, desconhecidos que se vão revelar aos poucos até que possamos senti-los como parte de nós mesmos. Não é assim que nos sentimos com a linguagem verbal? Como se ela e nós formássemos um só corpo? Como se ela nos pertencesse – e só a nós? Na verdade, a língua pertence à comunidade de seus falantes e é por meio dela que expressamos nossos sentimentos, nossas ações – enfim, nossas vidas.

Este foi nosso sentimento quando empreendemos a busca por novas palavras. Lidar com a criatividade humana, com esse mecanismo que nos permite uma relação produtiva com a construção verbal. Algo excitante! Qual será a nova palavra que acharemos? Será uma daquelas que já vimos mas ainda não constam dos dicionários (afinal, é preciso que o uso as cristalice!) ou será alguma nova em nosso universo? Aquela que buscamos elaborar para expressar aquele sentimento ou aquele objeto visualizado mas que não conseguimos criar?

Vêm-nos à mente os poetas, os prosadores. Mas esses têm o dom exacerbado da construção textual – desde o nível do fonema até o poema completo. E aqui estamos tratando do usuário da língua, daquele que precisa se socorrer de uma criação léxica para expressar uma idéia nova, um objeto novo que ainda não tem nome. Como diz Scherre:

Falar é como andar. Acontece naturalmente, da mesma forma, nas mesmas faixas etárias, em qualquer parte do planeta Terra, independentemente de raça, de cultura, de cor, de gênero e de ensino formal.¹

Quando pensamos em língua, pensamos em poder. A linguagem em si é uma estrutura que constitui (ou institui) poder. Ora, a linguagem se constrói e também representa o sentido das relações sociais; tanto é que os termos da linguagem representam e incorporam as marcas de processos políticos, sejam totalitários, sejam democráticos. Se, por exemplo, procurarmos num dicionário de uso corrente a palavra “pertencimento”, originária do campo político dos

¹ SCHERRE, 2005, p. 9.

movimentos sociais, da época da redemocratização brasileira, com esse sentido, não a encontraremos. Isto ocorre em razão de seu ingresso recente em nosso léxico e também em função de um certo conservadorismo em relação ao vocábulo. Como diz Sergio Rodrigues, “os rumos de um idioma são decididos pelo conjunto de seus falantes, não há nada que se possa fazer”.²

Outro exemplo de produtividade lingüística é encontrado no uso recente do elemento “pit”. Originário da palavra *pitbull*, que designa uma raça de cachorros em geral violentos, foi aproveitada a parte inicial *pit* para a formação de *pitboy*, vocábulo que designa rapazes agressivos de classe média, que fazem valer sua vontade pela força física. Esse prefixo é, sem dúvida, um caso interessante. Daí, já surgiram *pitmamãe*, *pitpapai*, *pitfamília* (*O Globo*, 04/04/04) e já se criou um novo vocábulo – derivado semanticamente de *pitboy*: *Cristoboy*s (*Extra*, 13/06/04), ou seja, manteve-se a parte final (*boy*), juntando-se a palavra Cristo, para designar jovens musculosos, parecidos fisicamente com os *pitboys*, mas que são evangélicos:

Eles têm músculos de sobra, usam camisetas justas e poderiam ser confundidos com *pitboys*. Mas exorcizam qualquer tipo de violência e anabolizantes. São os *Cristoboy*s, fortões liderados pelo pastor evangélico Josias Carreiro, que está levando fiéis para a academia e marombeiros para a igreja. (*Extra*, 13/06/04)

É possível listar um sem-número de incidências de novas palavras. O *ficante*, por exemplo, tão utilizado pelos adolescentes para designar o indivíduo que namora outra pessoa sem compromisso. Ou o *mensalão*, típico dos tempos atuais, vocábulo que parece consagrado. Embora muitas pessoas não saibam explicar ao certo a escolha do termo, sabem muito bem identificar seu significado – e o adotam. É somente uma questão de tempo – aguardar até a próxima edição do *Aurélio* ou do *Houaiss* e constatar se haverá ou não sua incorporação com esse novo significado.³ Novas situações sociais, novos comportamentos, novas necessidades de expressar essas situações, novas palavras para designá-las...

² RODRIGUES, 2005, p. 33.

³ Segundo Felipe Felisbino e Maria Felomena Souza Espíndola, “a palavra *mensalão*, que já se tornou comum aos ouvidos de todos, não consta no dicionário, mas se aderida pelo povo, pode ser oficializada na língua portuguesa nos próximos anos”. *Mensalão* é uma palavra com sentido pejorativo, sinônimo de corrupção, derivada do latim *mens* ou *mensis*, que se relaciona a mês, mensal, mensalidade. A palavra, que tem sido repetida diariamente nos noticiários quando o assunto é escândalo no governo, tanto pode ser incorporada ao dicionário, como pode cair no esquecimento depois de um certo tempo. É o caso da palavra *collorido*, muito usada durante o governo Collor e que as pessoas fizeram questão de deixar de usar. Outro exemplo é a palavra *deletar*. Antes, era usada somente como termo técnico na área da informática, mas hoje já consta nos dicionários da língua portuguesa. Mais um exemplo é a palavra *orkut*, nome dado a uma comunidade virtual. “São as próprias pessoas que definem se uma palavra torna-se oficial ou não, se ela cai em desuso ou não”, explicam (In: <http://www.unisul.br/index>, acesso em 20 de julho de 2005).

Mas importa saber que regras incidem sobre essas novas formações e por que algumas palavras são cristalizadas, consagradas – dicionarizadas, quando assumem uma existência lexical –, enquanto outras são abandonadas.

Que regras nos autorizam a afirmar que um vocábulo estaria construído em consonância com nosso sistema lingüístico, enquanto outros não? Por que, em determinadas situações, o falante se vê diante de construções que, à primeira vista, parecem absurdas? Será que os especialistas dos estudos da linguagem também resistem a essas inovações? Ou será que é comum esse estranhamento?

Seis questões básicas norteiam este trabalho: 1) Por que novas palavras são formadas? 2) Quando elas são formadas? 3) Que mecanismos levam à sua cristalização – ou não – na língua até o processo de dicionarização? 4) Como elas são formadas? 5) Alguns mecanismos revelam-se mais produtivos do que outros? Em caso positivo, quais? 6) Como estão se refletindo as mudanças de nossa sociedade em nossa língua – e em que medida a língua reflete tais mudanças?

Na tentativa de responder a essas perguntas iniciais e a outras que surgirem ao longo deste trabalho, iniciamos o presente estudo, explicando de antemão que o *corpus* adotado é jornalístico, veículo que atinge um número maior de receptores e possibilita de alguma maneira a cristalização do vocabulário. Embora levando em conta que critérios específicos podem interferir no arbitramento do que será ou não dicionarizado, tomamos como ponto de partida a utilização do vocábulo pelos falantes.

Os dicionários utilizados como parâmetro para a consideração do que é ou não neologismo, ou seja, nosso *corpus* de exclusão, foram o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e o *Dicionário Aurélio Século XXI*. Também nos serviu de referência o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)*, neste caso apenas para a atestação dos neologismos lexicais, já que não se trata obviamente de obra voltada para a explicação dos valores semânticos dos vocábulos.

Escolhemos como fonte principal o *Jornal do Brasil* e *O Globo* – e a revista *Veja*, acrescentando ocorrências colhidas na *Folha de São Paulo*. A pesquisa abrangeu o período de janeiro de 2004 a fevereiro de 2006, portanto bastante recente, e reflete como a sociedade brasileira está se comportando diante de tantas mudanças, principalmente em relação aos escândalos políticos ocorridos nesse período. Isto porque, sem dúvida alguma, o contexto político também contribui para a criação de novos vocábulos.

Nosso objeto de estudo são os neologismos lexicais ou de forma, focalizados prioritariamente. No entanto, não nos furtamos a colher alguns exemplos expressivos de neologia semântica na mídia, os quais eventualmente incluídos com finalidade ilustrativa.

Quanto à estrutura deste trabalho, discorremos no primeiro capítulo acerca dos neologismos, seus variados tipos, a questão da ideologia e da linguagem, bem como a maior ou menor resistência dos falantes ao seu uso. O segundo capítulo trata especificamente dos processos de formação de palavras, visando ao entendimento da criação vocabular. No capítulo 3, procede-se a uma análise do *corpus* à luz dos conceitos articulados e, por fim, tecem-se considerações e traz-se, em anexo, o glossário resultante da pesquisa.

1. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO NEOLOGISMO

[...] as línguas humanas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São também reflexo da cultura de um povo. São, além disso, parte da cultura de um povo. São ainda mais do que isto: são mecanismos de identidade. Um povo se individualiza se afirma e é identificado em função de sua língua. (Maria Marta Scherre)

1.1 Conceito de neologismo

A linguagem humana é nosso principal instrumento de comunicação.⁴ Uma língua está a serviço de uma determinada comunidade e possui mecanismos que possibilitam a construção de palavras novas, para atender às necessidades do progresso material e intelectual. As línguas se modificam no tempo, no espaço geográfico, entre as classes sociais. Com a língua, articula-se o intelecto do homem. E, como nos diz José Luiz Fiorin, “é no nível do discurso que devemos, pois, estudar as coerções sociais que determinam a linguagem”.⁵ Isto porque devemos levar em conta que a palavra é território comum do locutor e do interlocutor (cf. Mikhail Bakhtin).⁶ Todavia, é necessário assinalar que é do locutor, no momento único da enunciação, da materialização da palavra, sua propriedade. Somente após esse instante, o interlocutor desempenha papel relevante na construção do sentido.

Assim, as línguas mudam no tempo, pois não consistem em realidades estáticas. Essas mudanças – em estruturas e palavras que existiam e deixam de existir ou em que sua ocorrência é modificada em forma, função ou significado – se dão de maneira lenta e gradual e não nos damos conta delas – nossa expectativa está na permanência, e não na dinamicidade. No entanto, essas mudanças não produzem na língua a perda de seu caráter sistêmico ou, como nos diz Carlos Alberto Faraco, “[as línguas] continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação de seus significados”.⁷

⁴ Evanildo Bechara, em palestra proferida em abril de 2005 na Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, afirmou que a linguagem apresenta três planos: 1. universal (acessível a todas as pessoas que nascem com todas as suas faculdades psicofísicas), que equivale a pensar numa língua; 2. histórico (a língua como mergulho do homem na historicidade da linguagem), ou seja, o homem só fala porque nasceu no berço de uma sociedade que fala; 3. individual (a qual leva em conta a característica da alteridade): o homem adéqua sua própria linguagem à do interlocutor.

⁵ FIORIN, 2005, p. 16.

⁶ BAKHTIN, 2004, p. 113.

⁷ FARACO, 2005, p. 14.

Uma língua que não muda perde sua função de comunicação. Exemplo disso é o que ocorre com a língua francesa falada em Quebec, no Canadá. Lá, tem-se tentado manter a língua imutável, no mesmo estado em que se encontrava quando chegaram os primeiros colonos franceses. Portanto, deixou de servir à comunicação e à integração com o mundo exterior, para se tornar apenas um modo de protegê-los das mudanças que ocorrem, com suas influências culturais e lingüísticas.

Os neologismos são palavras novas, criadas para dar conta de novas situações, novos conceitos, fatos, objetos, assim designadas por um determinado tempo. Ou, como nos diz Sergio Rodrigues, de forma bastante pertinente porém irreverente, os neologismos são “todas as palavras novas, geralmente forjadas com pedaços de outras, que os dicionários ainda não tiveram tempo de registrar”.⁸ Acrescenta que “uma língua que não produz neologismo, satisfazendo-se hoje com o vocabulário de ontem, é uma língua morta”.⁹ Interessante também a forma de tratamento que esse autor dispensa à produção de neologismos: “brincar” com as palavras já existentes.

Traz-se, ainda, a contribuição mais ampla de Jean-Claude Boulanger, para quem neologismo “é uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente ou, ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceita na língua francesa”.¹⁰

A neologia, a seu turno, como assinala Guilbert¹¹, se refere a todos os fenômenos novos que atingem uma língua. Trata-se da criação em si de unidades lexicais, decorrente das regras de produção incluídas no sistema lexical. E consiste, fundamentalmente, em uma questão sincrônica, pois se remete ao momento presente. De fato, a neologia se encontra num campo que se pode chamar de sincronia dinâmica.

No entanto, tudo o que é novo só o é durante certo período. Com as palavras, ocorre o mesmo. Decorrido algum tempo, se consagradas pelo uso,¹² são incorporadas aos dicionários e deixam de ostentar a condição de neologismos, passam pelo que se chama de processo de

⁸ RODRIGUES, 2005, p. 55. André Valente afirma que o neologismo também deixa de ser visto como tal quando desaparece o “efeito do insólito” (VALENTE. In: PAULIUKONIS e GAVAZZI (orgs.), 2005, p. 130).

⁹ Idem, Ibidem.

¹⁰ BOULANGER, 1979, p. 9. Observa-se que o autor está se referindo ao neologismo na lingual francesa.

¹¹ GUILBERT apud ALVES. “Neologia e tecnoleitos”. In: OLIVEIRA, 2001, p. 25.

¹² Segundo Éda H. Pilla, “o uso repetido e duradouro é, na realidade, o que estabelece a palavra como parte de um léxico” (PILLA apud VALENTE, 2005, p. 130).

desneologização. Tornam-se vocábulos incorporados ao léxico. São palavras, como nos diria Bakhtin, aprisionadas, porque, segundo ele, “o signo é, por natureza, vivo e móvel, plurivalente; a classe dominante tem interesse em torná-lo monovalente”.¹³ O processo de dicionarização, portanto, segundo essa visão, tenta tornar estático algo que é por essência dinâmico.

Neste estudo, priorizam-se os neologismos lexicais, assim definidos por Henriques:

São palavras novas, isto é, não-dicionarizadas ou recém-dicionarizadas. Para caracterizá-los, deve-se tomar como referência, no caso do Português do Brasil, o léxico oficial consignado no VOLP, mas os dicionários *Michaëlis*, *Aurélio* ou *Houaiss* também podem ser fonte de consulta.¹⁴

Na prática, observa-se que, mesmo quando as regras de formação vocabular são respeitadas, há uma grande resistência dos falantes em relação à sua adoção. Portanto, há necessidade de que um número significativo de falantes esteja de acordo quanto ao significado do novo significante. O próprio aspecto conservador da língua impede que esse fato se verifique com frequência. Haverá sempre reação ao elemento novo, considerado como um desvio do “bom falar”. No entanto, hoje, observa-se que os jornais e as revistas de modo geral – ou seja, a imprensa escrita – estão mais libertos dessas amarras.

A língua é criada constantemente por seu usuário, o falante, e resulta de um longo processo histórico que não está parado no tempo. Trata-se de um direito do falante mudar sua língua e fazer com que ela acompanhe a realidade que a cerca e que ela própria compõe. Como lembra Marina Yaguello,

a língua envelhece, aparentemente, com aquele que a fala e que se identifica com ela. **Mas o homem não quer envelhecer; ele lê na evolução da língua sua própria decadência.** Assim, ele deseja conservar a língua na pureza, na integridade de sua juventude. Tal como se deseja transmitir aos filhos os valores e a cultura do passado intactos, assim também se espera transmitir-lhes a herança da língua. Mas, de um modo insuportável para o purista, são as gerações jovens que, apropriando-se da língua, a mudam. A língua se encontra, assim, perpetuamente rejuvenescida e não envelhecida, ao passo que seus falantes, inexoravelmente, envelhecem. **Aceitar a mudança é se sentir de certo modo despossuído, é perder um poder sobre e pela língua.**¹⁵ (grifo meu)

Além disso, precisamos levar em conta a questão do preconceito. Quem não se lembra ou não ouviu falar do quanto um ministro oriundo das classes trabalhadoras, Rogério Magri,

¹³ BAKHTIN, 2004, p. 15.

¹⁴ HENRIQUES, 2003 (mimeo), p. 87.

¹⁵ YAGUELLO apud BAGNO, 2001, p. 158

foi censurado pelo uso do adjetivo *imexível*, sendo alvo de comentários preconceituosos, que não levaram em conta as questões morfológicas envolvidas na correta formação da palavra? Não resta dúvida de que foi a repercussão desse fato político que justificou a incorporação do termo ao *Dicionário Houaiss* (“adj. de dois gêneros: em que não se pode mexer; inalterável. Ex.: um plano de governo. Etimologia: in- + *mexível*”). O termo, criado de forma espontânea por um falante que estava diante de câmeras de televisão, acabou por se tornar institucionalizado, familiar a um grande número de usuários da língua.

Na prática, porém, constata-se que, ainda hoje, o preconceito em relação ao uso desse vocábulo permanece. Em publicação datada de 17 de setembro de 2003, na *Revista Isto É*, surpreendentemente, encontra-se o seguinte fragmento:

No horizonte da reforma ministerial, recorrendo ao neologismo do ex-ministro Rogério Magri, Lula frisou que só quatro ministros são “*imexíveis*”.

Qual seria a razão da perplexidade diante dessa passagem? Quanto a ainda ser chamado de neologismo, talvez se deva ao fato de ser um vocábulo recém-dicionarizado. O estranhamento decorre basicamente do uso das aspas para realçar o vocábulo. Se já está dicionarizado, o que levaria alguém a grafá-lo em setembro de 2003 entre aspas? Certamente, *imexíveis* não está entre aspas por se tratar de citação da fala do presidente. Parece que há uma crítica irônica diante de seu uso por Lula, cuja pouca escolaridade é motivo de reiteradas críticas e piadas na mídia. Some-se a isso a menção ao nome de um ex-ministro também egresso de camadas mais pobres da população, o que suscitaria uma desconfiança maior em relação à competência no emprego das regras de construção lexical.

Porque, na verdade, de acordo com as regras de formação, não há qualquer violação relativa à construção do vocábulo *imexível*. Evanildo Bechara assinala:

se não tem tradição no idioma, *imexível* está conforme com aquilo que os lingüistas chamam a virtualidade ou potencialidade do idioma, isto é, aquilo que, ainda inédito, está de acordo com as regras do sistema lingüístico.¹⁶

Imexível, a exemplo de outras palavras como *insubstituível*, *infalível*, *inexecutável*, *inexplicável*, é construída de forma adequada aos critérios lingüísticos. Bechara acrescenta que, dependendo das circunstâncias, *imexível* é um adjetivo que não encontra concorrente.

Podemos contrapor esse exemplo de uso registrado pela imprensa com outra ocorrên-

¹⁶ BECHARA, 1996, pp. 45-6.

cia, nesse caso protagonizada por Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente e sociólogo, pessoa conceituada do ponto de vista intelectual. Durante um seminário realizado em São Paulo, em 1997, FHC declarou: “A globalização cria pessoas dispensáveis no processo produtivo, que são crescentemente *inempregáveis*”. Não houve nenhum alarde ou contestação a respeito desse emprego. A rigor, a maioria das pessoas nem sabe que FHC empregou esse vocábulo, já que a mídia não deu qualquer destaque a ele. Os exemplos não param por aí: Fernando Henrique, enquanto esteve na presidência, cunhou vocábulos como *fracassomania*, *neobobismo* e se valeu de outros, como *opiniáticos*, *catastrofistas*, *cassandras*, que – conquanto não-dicionarizados – não deixaram de causar surpresa a seus interlocutores, cuja reação nunca foi condenatória do ponto de vista lingüístico, idiomático.

Nesse sentido, o que se observa em relação aos usos de FHC é uma situação radicalmente oposta àquela que vivenciou o ex-ministro Magri, a ponto de um jornalista (que se arvora o direito de elaborar manuais de redação para a imprensa)¹⁷ assinalar de uma forma obviamente *tolerante* que:

O presidente mantém uma relação muito peculiar com a língua portuguesa desde que assumiu o governo, em 1995. Palavras e expressões que não costumavam freqüentar falas de presidentes no país começaram a ter curso livre, especialmente quando Fernando Henrique procura rebater críticas.¹⁸

Outro “consultor gramatical”, Pasquale Cipro Neto, manifesta-se a respeito dos neologismos usados por Fernando Henrique Cardoso dizendo que “o presidente segue aquilo que se chama *norma urbana culta*”. E acrescenta: “É claro que, sob a luz da gramática normativa, há problemas em seus discursos, em especial naqueles feitos de improviso”. Pergunta-se: Não soa como uma tentativa de explicação? Não parece que há uma condescendência em torno desses enunciadores, enquanto, em relação a outros, como, por exemplo, Magri, tem-se uma intolerância eternizada? Isso significa dizer que, quando alguém oriundo de uma classe social elevada usa desses recursos, trata-se apenas de *uma relação muito peculiar com a língua*?

O preconceito lingüístico é algo que tem longa história e está enraizado em nossa história. Retrato disso é o que Sergio Rodrigues afirma: “Há mais de um século, com o francês no papel de idioma imperialista do momento, a impressão de vulnerabilidade do português era

¹⁷ Eduardo Martins é jornalista e autor do *Manual de redação e estilo do Estado*.

¹⁸ In: www.estado.estadao.com.br. Acesso em 02 de agosto de 2004.

a mesma”,¹⁹ referindo-se às constantes críticas referentes à assimilação de estrangeirismos em nosso idioma. Maria Marta Pereira Scherre registra que

o preconceito lingüístico, derivado do equívoco milenar da superioridade lingüística, é o mais perigoso dos preconceitos: ele é *naturalmente* aceito pela comunidade, que transita, sem perceber, pela tênue fronteira entre língua como mecanismo de identificação e língua como mecanismo de poder.²⁰

A resistência em relação à adoção de neologismos lexicais deve-se, em parte, ao já apontado conservadorismo da língua, que impede que esse fato se verifique com frequência.

Os preconceitos decorrem da dificuldade vivenciada pelos indivíduos em relação à aceitação das diferenças, as quais são negadas a todo custo. Quando elas são admitidas, entretanto, são taxadas de “feias”, “erradas” ou “inferiores”. Fiorin acrescenta que a raiz dos preconceitos está na “rejeição da alteridade ou na consideração das diferenças como patologia, erro, vício etc.”;²¹ o que corresponderia, em nível psicanalítico, ao narcisismo. Os preconceitos, portanto, surgem sempre da intolerância.

As variações e as inovações lingüísticas ocorrem em todas as línguas. O homem muda. Nada é estático, muito menos a língua. Marina Yaguello ressalta: “Na língua se inscreve a passagem do tempo: de forma lenta e inexorável, a língua se transforma”.²² Na verdade, a língua não é jovem, nem velha: é apenas renovada. Nem sempre, porém, os preconceituosos se dão conta disso.

Os preconceitos lingüísticos têm a ver com o poder e acabam sendo alimentados por quem o detém. São veiculados por meios que, de qualquer forma, estão investidos de poder informativo: escolas, jornais, gramáticos que dão “consultoria gramatical” etc. Quem os propaga não tem consciência – ou não lhe interessa ter – da existência da variedade lingüística: acredita que a variante culta é a única forma possível de manifestação da língua. Essas pessoas não se dão conta de que não se podem classificar as variantes como “fáceis ou bonitas, er-

¹⁹ RODRIGUES, 2005, p. 34. Interessante registrar fragmento desse livro no sentido da criação de neologismos como forma de combater os estrangeirismos, em crônica do início do século passado assinada por Machado de Assis: “O Sr. Dr. Castro Lopes, ilustre latinista brasileiro, começou uma série de neologismos, que lhe parecem indispensáveis para acabar com palavras e frases francesas. Ora, eu não tenho outro desejo senão falar e escrever corretamente a minha língua; e se descubro que muita coisa que dizia até aqui não tem foros de cidade, mando este ofício à fava, e passo a falar por gestos” (Ibidem).

²⁰ SCHERRE, 2000, s.p.

²¹ FIORIN, 2000, s.p.

²² BAGNO, 2001, p. 67.

radas ou certas, deselegantes ou elegantes, são simplesmente diferentes”.²³ Como afirma o poeta Horácio, o supremo critério de validade das formas lingüísticas é o uso. E, como vimos que toda essa questão está intrinsecamente relacionada a aspectos ideológicos, no próximo item exploramos sucintamente a relação entre linguagem e ideologia.

1.2 O conteúdo ideológico dos neologismos

A análise do discurso deve desfazer a ilusão idealista de que o homem é o senhor absoluto de seu discurso. Ele é antes servo da palavra, uma vez que temas, figuras, valores, juízos etc. provêm das visões de mundo existentes na formação social. (José Fiorin)

De acordo com Maria Aparecida Barbosa, deve-se observar o neologismo sob o aspecto de sua utilização como instrumento de uma ideologia, reflexo de um momento social/cultural determinado.²⁴ Ora, não se pode negar que as mudanças sociais estão profundamente associadas à criação lexical, o que, logicamente, motiva relações interdisciplinares. É o que sustenta Laerte Carpena de Amorim:

Conhecer é nomear [...] Criar uma palavra é documentar uma realidade social, cuja lexicalização, resultante do neologismo criado, representa uma economia de mensagem, que fixa a denominação de objetos e de conceitos.²⁵

Assim, para estudar um ramo da linguagem como o da lexicologia – em nosso estudo, especificamente os neologismos –, torna-se necessário refletir sobre essa linguagem levando em conta que se trata de uma instituição social, o veículo das ideologias, o ponto de encontro entre os homens e a natureza, e entre os homens entre si. Isto porque a linguagem – tal como o pensamento –, afirmam Marx e Engels, não é um campo autônomo de estudo, mas “expressões da vida real”.²⁶

Para nós, parece muito clara essa relação vista sob o ponto de vista cultural. Fiorin traz um exemplo ilustrativo quando faz referência ao fato de que, em latim, havia duas formas distintas: *homo* (ser humano) e *vir* (indivíduo do sexo masculino). Uma só palavra passou a servir aos dois propósitos. Em português, desapareceu o termo *vir* e, embora nos falte conhecimento histórico acerca do episódio, acreditamos que isso decorra do patriarcalismo que se re-

²³ FIORIN. “Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito lingüístico”. In: SILVA, 2000, p. 28.

²⁴ BARBOSA. “Da neologia à neologia na literatura”. In: OLIVEIRA e ISQUERDO (orgs.), 2001, p. 34.

²⁵ AMORIM. “Dialectologia e Lexicologia”. In: PEREIRA (org.), 1997, p. 313.

²⁶ MARX e ENGELS apud FIORIN, 2005, p. 8.

instaurou, de forma marcante, a partir da Idade Média. Reforçando esse argumento, vem ao nosso encontro Fiorin, para quem “talvez o fato de o masculino ser, numa série de línguas, o genérico, isto é, o termo que indica conjuntamente nomes masculinos e femininos, deva-se ao prestígio do homem nas sociedades patriarcais”.²⁷

Assim, ser humano seria o indivíduo do sexo masculino, enquanto as mulheres seriam simples seres subalternos aos homens no sentido restrito da palavra. Na mesma linha de raciocínio, o uso do plural no português, quando optamos pela forma masculina. Assim, pai + mãe = pais. Ou menino + menina = meninos.

Da mesma forma, lembramos o uso do imperativo como modo verbal. Numa sociedade antes altamente hierarquizada, em que os que detinham o poder se limitavam a emitir ordens, sem ao menos justificar o porquê, o uso do imperativo era corriqueiro. Hoje, não raro observam-se inúmeras dificuldades em seu uso por parte dos jovens, tendo em vista que não mais é utilizado no dia-a-dia. Nossa sociedade está – ainda bem! – saindo do patriarcalismo e rumando a uma maior democratização entre os sexos e entre os grupos sociais como um todo.

Para finalizar esses exemplos, lembremos o hoje tão discutido *juridiquês*. É fato corrente que as sentenças proferidas por magistrados são incompreensíveis ao leigo. Isto porque, em razão do conservadorismo, os juízes mantêm a mesma postura de “doutores”, que devem estar distantes dos “pobres mortais”. Sob o ponto de vista dos defensores dessa linguagem rebuscada, é mais fácil impor decisões que se revestem de formas eruditas, a que os leigos não têm acesso. Trata-se de uma verdadeira demonstração de poder, enclausurada numa visão antiga. A obscuridade da linguagem coloca o ouvinte em uma posição subalterna, de humildade, obrigando-o a pensar que ainda tem muito a aprender. Atualmente, há movimentos sérios que visam à simplificação dessa linguagem, buscando aproximar os cidadãos dos magistrados.

Todavia, esse olhar diacrônico não deve ser a tônica de um estudo desse tipo. É preciso, fundamentalmente, orientarmo-nos pelo nível do discurso, pois, como afirma Fiorin: “[...] o conjunto de elementos semânticos habitualmente usado nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social”.²⁸ O problema reside justamente quando uma determinada classe não se atualiza nesses elementos, o que acaba por isolá-la do contexto à sua volta.

²⁷ FIORIN, 2005, p. 15.

²⁸ Idem, p. 19.

Mas, para que o assunto se torne mais claro, vejamos as palavras de Fiorin acerca do conceito de ideologia:

A esse conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia.²⁹

Na verdade, ideologia é uma visão do mundo, ou seja, o posicionamento, as idéias de uma determinada classe social a respeito da realidade, e de como essa realidade é por ela explicada.

Retornando ao objeto deste estudo, podemos concluir que, dado o nosso recorte, também ele está impregnado da visão de nossa posição na sociedade, de nossas ideologias. Para Bakhtin, “todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, **toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua**” (grifo meu).³⁰ Desse modo, novas idéias precisam ser expressas pela linguagem, o que nos reconduz ao objeto deste estudo – os neologismos.³¹

A ideologia é algo imanente à realidade e, portanto, indissociável da linguagem, responsável por sua expressão. Não existem representações ideológicas fora da materialização na linguagem e expressas por palavras, que, segundo Bakhtin, são “o signo ideológico por excelência”.³² E, quando Bakhtin fala de ideologia, não se remete apenas aos sistemas ideológicos constituídos, mas também à ideologia do cotidiano, que se expressa no dia-a-dia, verdadeiro espaço de renovação das ideologias. A palavra, portanto, é um indicativo das mudanças – reflete as mudanças e é por elas alcançada. Plena de ideologia, ela não se limita a ser reflexo da realidade, consistindo ela mesma parte dessa realidade. Isto porque “toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acom-

²⁹ Idem, p. 28.

³⁰ BAKHTIN, 2004, p. 15.

³¹ O escritor Mario Prata, em artigo assinado no Jornal *Estado de São Paulo*, de 12 de setembro de 2001, afirma: “Já inventei três [palavras]. Mas os dicionaristas ainda não as incluíram no corriqueiro da língua pátria. A primeira foi em 1982: *Homoternurismo*. Eu precisava explicar a relação entre dois homens na minha peça *Besame Mucho*: Era uma relação de amor, mas sem sexo [...] Depois, ao sentir que estava chegando a velhice, inventei a palavra *envelhescência* [...] A terceira ainda não inventei, para falar a verdade. Mas vou inventar. É que daqui a cinco anos, se eu ainda não tiver inventado uma palavra nova, vou me tornar em sexagenário”. Extraindo o aspecto humorístico do texto, remete-se ao aspecto cultural, das relações homossexuais que hoje são discutidas e encaradas sob um ângulo mais “natural” do que no passado, quando eram simplesmente banidas – também por uma questão ideológica – de nosso vocabulário.

³² BAKHTIN, 2004, p. 16.

panhada de uma refração ideológica verbal”.³³

As palavras estão sempre impregnadas de um conteúdo ou de um sentido vivencial. Segundo Bakhtin, “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc.”.³⁴ Esses conceitos mudam com o tempo, e as palavras se revestem de um *status* bastante elevado, cujo valor exemplar e representatividade como fenômeno ideológico – ainda nos termos do pensador russo – se somam à “excepcional nitidez de sua estrutura semiótica” e “já deveriam nos fornecer razões suficientes para colocarmos a palavra em primeiro plano no estudo das ideologias”.³⁵

A língua como fato social tem sua existência fundada nas necessidades de comunicação. Acompanhando o pensamento bakhtiniano, a comunicação verbal ocorre em consonância com outras formas de comunicação e envolve conflitos diversos que têm a ver com o poder, com relações de dominação e de resistência.³⁶ Não se pode esquecer que a classe dominante também se socorre da língua para reforçar seu poder.

A variação em uma língua obedece a princípios internos ao próprio sistema lingüístico – analogia, economia –, bem como a elementos externos, no caso a natureza social, que é do que cuidamos neste tópico.

Segundo a visão bakhtiniana, novas palavras são criadas, independentemente do fato de a língua apresentar um sistema aparentemente “fechado”, composto de normas fixas, porque o falante nativo reconhece a palavra não como um elemento do dicionário, mas dentro de um contexto discursivo:

Para que se passe a perceber a palavra como uma forma fixa pertencente ao sistema lexical de uma língua dada – como uma palavra de dicionário –, é preciso que se adote uma orientação particular e específica. É por isso que os membros de uma comunidade lingüística, normalmente, não percebem nunca o caráter coercitivo das normas lingüísticas.³⁷

Fixada, portanto, a importância de se visualizarem nos estudos lingüísticos os aspectos correlatos da ideologia, traça-se, no item seguinte, um painel histórico sobre os neologismos.

³³ Idem, p. 38.

³⁴ Idem, p. 95.

³⁵ Idem, p. 36.

³⁶ Idem, p. 14.

³⁷ Idem, p. 95.

1.3 Breve histórico sobre os estudos neológicos

Os neologismos foram rechaçados por muito tempo em nosso país. É possível afirmar que somente nos finais do século XIX e no início do século XX, em razão dos adventos tecnológicos, é que começou a se formar uma corrente mais “favorável”, ou seja, menos crítica (no sentido negativo). Isto porque é fato notório entre os estudiosos da língua que a neologia lexical é mais produtiva nas línguas técnicas do que na língua geral, mesmo levando-se em conta a cotidianidade e as necessidades prementes de nomear fatos, relações e objetos no dia-a-dia.

No início do século passado, o que não faltava eram novos conceitos técnicos e científicos, os quais, logicamente, demandavam a criação de novos termos para designá-los. Como lembra Sergio Rodrigues, se não tivesse sido criado o termo “telefone” para aquele objeto novo que permitia a comunicação a distância, seria bem possível que, ainda hoje, estivéssemos nos referindo a um “aparelho de comunicação oral a distância”.³⁸

Nomes como Júlio Ribeiro, Eduardo Carlos Pereira, João Ribeiro e Maximino Maciel – pessoas formadoras de opinião – encaravam o neologismo como “vícios de linguagem”, assim os classificando em suas gramáticas. Havia, pois, certo preconceito em relação aos neologismos literários. Alguns estudiosos da língua que passaram a admitir novas palavras somente o faziam para atender aos avanços da técnica, da ciência ou da filosofia. Era muito comum que tolerassem a recuperação de arcaísmos, mas não o advento dos neologismos.

No entanto, os “mais liberais” também tinham algum espaço. Maximino Maciel, por exemplo, os encarava como “uma forma de reposição vocabular, compensatória do desgaste ocasionado pelo envelhecimento e conseqüente desuso das palavras”.³⁹ Edith Pimentel acrescenta que, dentro do contexto evolucionista da época, Maximino Maciel considerava duas grandes leis da biologia: a assimilação e a desassimilação, aquela correspondendo aos neologismos e esta, aos arcaísmos.⁴⁰ Essa posição menos purista representava, assim, uma tentativa de imprimir um aspecto de civilidade ao Brasil, movimento em voga numa época em que se tentava afirmar a identidade nacional, e isso se dava principalmente com a assimilação de vocábulos do idioma francês. Nessa linha, João Ribeiro passou a considerar “admissíveis” os neologismos considerados “imprescindíveis”, ressaltando, contudo, a necessidade de essas

³⁸ RODRIGUES, 2005, p. 55.

³⁹ MACIEL apud PIMENTEL, 1988, p. 27.

⁴⁰ Idem, *ibidem*.

novas formações atenderem às regras de formação, recomendando, outrossim, que não houvesse abuso nas derivações.

Mesmo Rui Barbosa, considerado um dos maiores puristas de nossa língua, lançou mão de alguns neologismos culturais, justificando-os como palavras que eram impregnadas de maior precisão semântica. Todavia, não deixou de criticar os de cunho literário, tidos por ele como “nocivos”, “inventados”, “artificiais”. Registre-se também que, na ocasião, havia necessidade de ampliar o léxico científico, em face das inúmeras descobertas. A premência da utilização de palavras que designassem com rigor seus objetos era indiscutível.

Na literatura, embora lutando contra uma resistência institucionalizada, havia muitos que ousavam transgredir o purismo com a criação de neologismos. Edith Pimentel cita os indigenismos, de Gonçalves Dias e Alencar, assim como as formações que se devem a escritores muito criativos, como Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Guimarães Rosa.⁴¹ Quanto ao último, diz-se que verdadeiramente reinventou a língua portuguesa e vários são os estudos que ainda hoje se fazem da obra roseana, podendo-se mesmo dizer que qualquer estudioso de literatura lembra-se, de imediato, de Guimarães Rosa, quando se fala em neologismo nessa esfera. Mérito semelhante, guardadas as devidas proporções, cabe a José de Alencar com o Romantismo.⁴² Mas foi a partir do Modernismo que os neologismos, como assinala Edith Pimentel, ganham estatuto escrito, “sob a indiferença crescente dos gramáticos, que acabam remetendo o assunto para os manuais de estilística”.⁴³

Ao longo do século XX, como já examinado, registramos um número enorme de neologismos, com uma receptividade cada vez maior, tendo em vista que não há como escapar dessa era globalizada que acelera mais e mais nossas vidas e imprime um ritmo diferente. As mudanças são rápidas e não podem ser ignoradas. Outros são os veículos de comunicação – o advento da Internet trouxe grande avanço nessa área. Como assinala Valente, “atualmente, junto à literatura, é inegável que linguagens várias (jornalismo, publicidade, música etc.) têm

⁴¹ Idem, *ibidem*.

⁴² Nilce Sant’Anna afirma: “A primeira vítima dos pruridos puristas contras os neologismos, importados ou julgados de má-formação, foi José de Alencar, que, no seu empenho de criar um estilo novo, sonoro, se valeu de inovações que explica trabalhosamente, descendo a minúcias sutis, muitas delas reveladoras de preocupação com a eufonia, a musicalidade das palavras e frases; com isso, mostra ainda o seu pendor para a erudição e gosto pela polêmica [...]” (Idem, pp. 30-31).

⁴³ PINTO, 1988, p. 30.

contribuído para a renovação do nosso léxico”.⁴⁴ E acrescenta:

Do poeta Manoel de Barros ao compositor Chico César, passando pela imprensa brasileira (hoje, certamente, a maior fonte criadora de neologismos), a língua de Camões e Pessoa, de Drummond, João Cabral e Guimarães Rosa, tem-se enriquecido extraordinariamente.⁴⁵

Em termos mais globais, tem-se que o primeiro trabalho de caráter lexicológico, como ensina Ieda Maria Alves,⁴⁶ foi publicado em 1950: *La formation du vocabulaire des chemins de fer em France*, de Peter Wexler. A esse trabalho, seguiram-se: *Le vocabulaire politique et social em France – 1869/1872* (Dubois), *La formation du vocabulaire de l’aviation* (Guilbert) e *Le vocabulaire de l’aeronautique* (Guilbert).

Mas foi a partir da década de 1970 que constatamos um grande avanço nos estudos neológicos, inclusive ampliando o conceito de neologia à questão polissêmica do vocábulo, os neologismos semânticos, quando, antes disso, só se entendia por neologia aquela circunscrita ao aspecto lexical.

1.4 O que é léxico?

Falamos, até agora, de léxico. Mas em que consiste? A primeira resposta que nos vem à mente é que seria o conjunto das palavras constantes nos dicionários. No entanto, a questão vai além desse aparente simplismo.

A língua, segundo senso comum, serve para que as pessoas se comuniquem entre si acerca de tudo o que as cerca, ou seja, objetos, outras pessoas, idéias e também as respectivas relações existentes. Para tanto, é preciso que recorramos às palavras e que elas expressem as características desses objetos, essas pessoas, essas relações, bem como nossos pensamentos acerca deles.

Segundo Margarida Basílio, “o léxico é um banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados”.⁴⁷ Ou seja, o léxico categoriza os elementos utilizados na comunicação, as palavras, as quais se relacionam para a construção de enunciados mais complexos.

⁴⁴ VALENTE. “A criação vocabular”. In: PEREIRA (org.), 1997, p. 98.

⁴⁵ Idem, p. 99.

⁴⁶ ALVES, 2004, p. 26.

⁴⁷ BASILIO, 2004, p. 9.

Assim, o léxico – saber partilhado pelos falantes de uma língua – seria a reunião ou o conjunto das palavras que utilizamos para expressar nossas necessidades, nosso dia-a-dia, nossas relações com outras pessoas. Elas estão reunidas no dicionário – nosso acervo lexical.⁴⁸ Mas vimos falando até agora no aspecto de dinamicidade da língua. Como, então, explicar aquelas novas palavras que ainda não estão dicionarizadas? Não estariam elas também incorporadas ao nosso léxico?

A mesma Margarida Basílio nos apresenta a solução, trazendo a noção de léxico externo e léxico mental (ou virtual). Ao primeiro, destinamos as palavras já consagradas pelo uso e já incorporadas aos dicionários; aos segundos, a potencialidade na criação de novas palavras, ou seja, um sistema preexistente – uma série de entradas lexicais – que permite ao usuário criar novas palavras. Isto porque, como ela explica, a língua obedece a um princípio de economicidade. Não haveria como um falante “decorar” ou memorizar várias palavras a cada nova situação surgida.

A autora também afirma que “o léxico é ecologicamente correto”, fazendo o que ela chama de “reciclagem”, ou seja, aproveita palavras já existentes, ou melhor, pedaços de palavras, para formar outras. Nesse sentido, o processo de formação de palavras utiliza material lingüístico preexistente na língua. Mas existem regras para que esses pedaços se juntem e formem novas palavras. Exploraremos mais a fundo a questão no próximo capítulo, quando do exame da formação de palavras. Por ora, passemos ao conceito de competência lexical.

1.5 Competência lexical

Neste ponto, interessa-nos conhecer um pouco mais do processo de criação dos neologismos e como o falante/o ouvinte recebem novas unidades lexicais e por que eles as consideram boas ou aceitáveis, evitando a formação de unidades tida como inaceitáveis.

Luiz Carlos de Assis Rocha registra que, “por competência lexical, entende-se o conhecimento que o falante tem do léxico de sua língua”.⁴⁹ Nelly Medeiros de Carvalho contri-

⁴⁸ Maria Tereza Camargo Biderman assinala que o “dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura” (BIDERMAN. “As ciências do léxico”. In: OLIVEIRA e ISQUERDO (orgs.), 2001, p. 17). Um dicionário, portanto, é composto de entradas lexicais. O dicionarista, a seu turno, é alguém que atua como uma espécie de porta-voz da comunidade lingüística.

⁴⁹ ROCHA, 2003, p. 35.

bui para a questão, apontando que

todos os falantes testam diariamente sua competência lexical em relação à da comunidade como um todo (língua) ou como uma fração (discurso). Testemunham, por vezes, uma competência lexical insuficiente: as criações lexicais funcionam para superar essa deficiência.⁵⁰

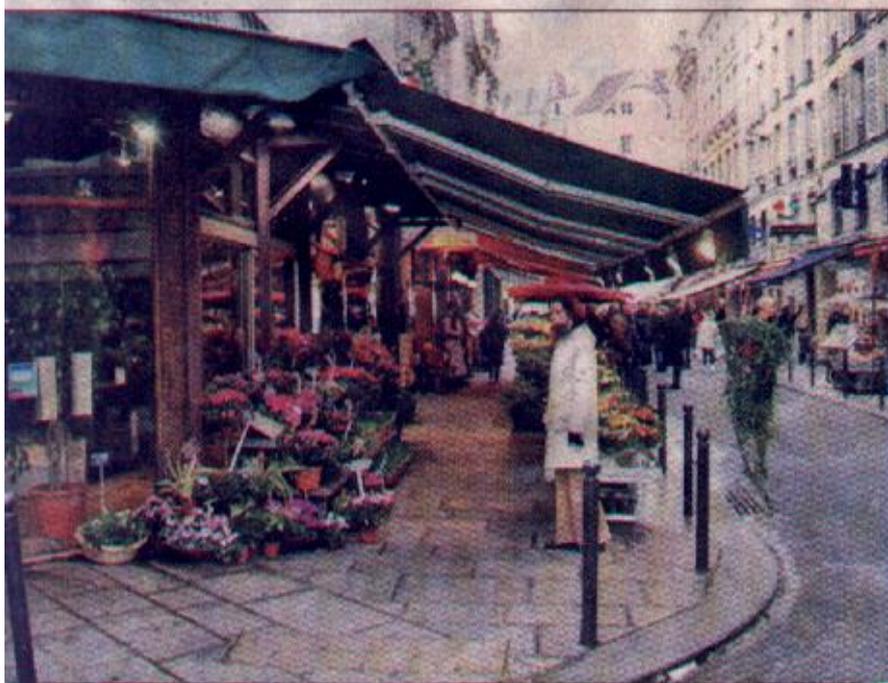
Assim, a partir daquilo que Basílio chama de “entradas lexicais” e do conhecimento que o falante tem da estrutura de sua língua, algumas palavras são criadas e abandonadas. Outras, contudo, permanecem. O *mensalão* é exemplo típico dos tempos atuais. Embora muitas pessoas não saibam ao certo o porquê da escolha do termo, sabem muito bem identificar o seu significado – e o adotam. É somente uma questão de tempo – aguardar até a próxima edição do *Aurélio* ou do *Houaiss* – para conferir se haverá ou não a sua incorporação aos dicionários com esse novo significado.⁵¹

As palavras vão sendo criadas na medida da necessidade do falante e até mesmo apenas com propósito humorístico. Assim, por exemplo, com o elemento **sem-**, tem-se: *sem-barraca* (G, 22/04/05), *sem-calçada* (G, 30/01/06) ou *sem-concurso* (G, 25/04/05, numa referência à terceirização); com **des-**: *desprofissionalizados* (*Veja*, 10/03/04); e assim por diante. Alguns vocábulos chamam mais atenção do que outros em suas formações inusitadas. O elemento **sem-**, por exemplo, nos remete ao vocábulo *sem-terra* – hoje já dicionarizado e criado em função de uma realidade social que começou a se voltar para os indivíduos do campo desprovidos de terra para sobreviver.⁵² Novas situações sociais, novos comportamentos, novas necessidades de expressar essas situações, novas palavras para designá-las...

⁵⁰ CARVALHO. “Neologismos na imprensa escrita”. In: OLIVEIRA e ISQUERDO (orgs.), 2001, p. 65.

⁵¹ Segundo Felipe Felisbino e Maria Felomena Souza Espíndola, “a palavra ‘mensalão’, que já se tornou comum aos ouvidos de todos, não consta no dicionário, mas, se aderida pelo povo, pode ser oficializada na língua portuguesa nos próximos anos”. Segundo eles, ‘mensalão’ é uma palavra com sentido pejorativo, sinônimo de corrupção, derivada do latim *mens* ou *mensis*, que se relaciona a mês, mensal, mensalidade. A palavra, que tem sido repetida diariamente nos noticiários quando o assunto é escândalo no governo, tanto pode ser incorporada ao dicionário, como pode cair no esquecimento depois de um certo tempo. ‘É o caso da palavra **collorido**, muito usada durante o governo Collor e que as pessoas fizeram questão de deixar de usá-la. Outro exemplo é a palavra deletar. Antes, era usada somente como termo técnico na área da informática, mas hoje já consta nos dicionários da língua portuguesa. Mais um exemplo dado pelos professores é a palavra **orkut**, nome dado a uma comunidade virtual, que tende a ser oficializada. ‘São as próprias pessoas que definem se uma palavra torna-se oficial ou não, se ela cai em desuso ou não’, explicam (grifos meus) (In: <http://www.unisul.br/index>, acesso em 20 de julho de 2005).

⁵² Maria Aparecida Barbosa diz que muitos neologismos, depois de dicionarizados, acabam por se tornar signos-símbolos de “certas facetas culturais, de universos de discurso, de discursos manifestados” (BARBOSA apud AZEREDO, 2000, p. 177).



O MSC, MOVIMENTO dos Sem-Calçada, chega hoje, acredite, a... Paris — e pelas lentes do fotógrafo amador Ricardo Amaral, o próprio, o empresário da noite carioca. A Cidade Luz, conta Amaral, que circula por lá, está cheia de quarteirões "sempre superocupados por mesas, cadeiras, toldos, geladeiras, flores e muito mais". Nosso "correspondente", além das fotos, manda um desabafo: "Deve ser terrível morar numa cidade assim"... É mesmo

(G, 30/01/06)

Os sem-barraca dos Estados Unidos

Chuva atrapalha grupo Amigos do MST na montagem de acampamento em Washington



(G, 22/04/05)

Mas importa saber que regras incidem sobre essas novas formações e por que algumas palavras são cristalizadas, consagradas – dicionarizadas, quando assumem uma existência lexical independente –, enquanto outras são abandonadas. Exemplos das primeiras são imexível, fumódromo, sambódromo, entre tantos outros. Registrem-se os arcaísmos – vocábulos que, embora dicionarizados, não encontram lugar entre os falantes hoje, sendo muitas vezes até mesmo confundidos com neologismos.

Que regras, então, nos autorizam a afirmar que um vocábulo estaria adequadamente construído, enquanto outro não? Por que, em determinadas situações, o falante se vê diante de construções que, à primeira vista, parecem absurdas? Será que nós também – que, logicamente, nos incluímos nesse universo de falantes da língua portuguesa – estamos resistindo a essas inovações? Ou será que é comum mesmo esse estranhamento?

Para responder a essas indagações, é necessário empreender um estudo baseado na teoria morfológica, o que não se pretende fazer, de forma complexa, no presente trabalho – aqui, objetiva-se tão-somente acionar no leitor a curiosidade que conduzirá a mais pesquisas sobre o tema.

Resumindo, portanto, o conceito de competência lexical de um falante nativo, articulado por Margarida Basílio, tem-se: “O conhecimento de uma lista de entradas lexicais. O conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais, assim como relações entre os vários itens.

O conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas”.⁵³

Dessa noção de competência lingüística, aliada às entradas lexicais, depreende-se que é possível a um falante criar palavras novas, mesmo que elas ainda não existam como palavras reais. Trata-se de casos possíveis de novas palavras, apenas não utilizados, mas aos quais a competência do falante pode recorrer a qualquer instante.

E por que são acionados pelos falantes, ou seja, por que a ocorrência desses neologismos? Noam Chomsky responde que “a língua humana é livre de controle de estímulos e não serve a uma função meramente comunicativa, mas é antes um instrumento para a livre expressão do pensamento e para a resposta apropriada às novas situações”.⁵⁴

Todo falante da língua domina esse mecanismo e, assim, por exemplo, a partir de uma palavra como *computar* (verbo que significava *calcular* ou *orçar*, dentre outras significações), já registrado desde 1685 (CF. *Dicionário Houaiss*), é possível, diante de um objeto novo, que anteriormente não existia, criar computador (substantivo) ou computacional (adjetivo). Outro exemplo foi colhido em nosso *corpus*: *geracional* (adjetivo), formado a partir do substantivo “geração”:

Que bela saga, que começa mas não termina, sobre as trocas *geracionais*. Fernanda mãe e filha alternando-se nos papéis (G, 07/05/05).

1.6 Bloqueio lingüístico

Por bloqueio lingüístico, recorrendo às palavras de Aronoff, tem-se “a não-ocorrência de uma forma devido à simples existência de uma outra”.⁵⁵

Rocha assinala que algumas construções não são permitidas na língua, a exemplo de *denteiro*, no lugar de dentista, ou *lingüeiro*, no lugar de lingüista. Mas foi possível a criação, por exemplo, de *treineiro* (V, 11/02/04). *Treineiros*, no Brasil, são os indivíduos que se submetem ao vestibular “antes da hora”, com a finalidade única de treinar. Em Portugal, usa-se o termo para designar os técnicos de futebol ou de outros esportes (no Brasil, *treinadores*). Assim, à base *treino*, foi aposto o sufixo *-eiro*, tendo em vista que não tínhamos anteriormente algo como “treinista”. Dessa forma, não se operou o bloqueio lingüístico.

⁵³ BASILIO, 1980, p. 9.

⁵⁴ CHOMSKY, 1972, p. 23.

⁵⁵ ARONOFF, Marc apud ROCHA, 2003, p. 141.

Verifica-se, ainda, como motivação à restrição de formação de uma nova palavra, o aspecto fonológico. Sandmann ilustra com o caso da opção de verbos em -ecer pelo sufixo -mento (e não pelo sufixo sinônimo -ção). Assim, enfraquecer → enfraquecimento (e não “enfraquecição”).

1.7 Vários tipos de neologismo

Vários são os critérios que podemos adotar para fazer uma classificação dos neologismos. Optamos por dividi-los da seguinte forma:

1.7.1 Neologismo lexical (ou vocabular)

Este é o objeto de nosso estudo. Consiste basicamente na formação de novas unidades lexicais a partir das regras de formação de palavras que estudaremos no Capítulo II.

1.7.2 Neologismo semântico (ou de sentido)

Nos neologismos semânticos, não se observa qualquer alteração formal no vocábulo: tão-somente são-lhes atribuídos novos significados, que devem, logicamente, ser depreendidos do contexto. Assim, tem-se, por exemplo: *pandeiros*, numa referência a nádegas (G, 14/02/05).

Para M. Louis Guilbert⁵⁶, há basicamente três tipos de neologia semântica:

- a) No aspecto retórico: alteração no agrupamento dos semas aferentes a um lexema, mediante figuras denominadas sinédoque, metáfora,⁵⁷ comparação e metonímia;
- b) No aspecto gramatical: mutação da classe gramatical do lexema;
- c) No aspecto sociológico: deslocamento de um termo de vocabulário especializa-

⁵⁶ GUILBERT, s.d.. *La néologie sémantique*. Fragmento traduzido por André Valente.

⁵⁷ A respeito das metáforas, Sergio Rodrigues critica o presidente Lula, quanto ao excesso em seu uso, trazendo exemplos como: “O Brasil é um transatlântico e não um fusquinha”. Lembra o autor que FHC já tinha feito algo semelhante, com a diferença de seu traquejo e preparo intelectual: “Governar é navegar em nevoeiro denso”. Conclui que “o que Lula busca – e alcança – com imagens tiradas do senso comum é uma analogia que jogue luz clara e inequívoca sobre seu ponto de vista” (RODRIGUES, 2005, p. 82).

do a outro.

A mudança da classe gramatical, segundo defende Guilbert, implica neologia semântica, a chamada neologia por conversão. Compartilhamos desse entendimento, embora contestado por alguns.

Nota-se que, em alguns casos já consagrados de neologia semântica (hoje, não mais ostentando o status de neologismo), tem-se a mudança do gênero a indicar, de forma bastante clara, o sentido figurativo que se pretende atribuir ao vocábulo: a *laranja* (termo originário, fruta) → o *laranja* (indivíduo, nem sempre ingênuo, cujo nome é utilizado por outro na prática de diversas formas de fraudes financeiras e comerciais, com a finalidade de escapar do fisco ou aplicar dinheiro de origem ilícita; testa-de-ferro, CF. *Houaiss*); a *banana* (termo originário, fruta) → o *banana* (indivíduo covarde, pessoa sem iniciativa, cf. *Houaiss*); ou ainda a cabeça (uma das divisões do corpo humano) → o cabeça (indivíduo que lidera determinada situação).

A neologia semântica parece ser o processo mais freqüente e mais produtivo na dinâmica de ampliação e renovação lexicais, segundo Maria Aparecida Barbosa, que atribui a isso a explicação para o fato “de ser a polissemia a regra, e a monossemia, a exceção, no amplo conjunto dos lexemas que integram o universo léxico”.⁵⁸ Tal comentário remete à seguinte advertência de Bakhtin: “Se um complexo sonoro qualquer comportasse uma única significação inerte e imutável, então esse complexo não seria uma palavra, não seria um signo, mas apenas um sinal”,⁵⁹ porque é a multiplicidade de significações que faz com que uma palavra seja uma palavra.

Importante assinalar que é por meio do contexto, da situação discursiva, que se depreendem os significados de uma palavra. A significação, portanto, “pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compre-

⁵⁸ BARBOSA, Maria Aparecida. “Da neologia à neologia na literatura”. In: OLIVEIRA e ISQUERDO, 2001, p. 40. Remetemos a questão da produtividade no campo semântico aos conceitos articulados por Lakoff e Johnson, 2002, pp. 20-29. Segundo os autores, os processos de pensamento são, em grande parte, metafóricos. A metáfora está, pois, infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Acrescentam que os conceitos governam nossa vida cotidiana nos mínimos detalhes: estruturam o que percebemos, a forma como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Como exemplo, cita-se a tão conhecida expressão: “Tempo é dinheiro”. Porque o tempo é considerado um bem valioso na cultura ocidental, nós o concebemos assim. Utilizamos, portanto, expressões como “desperdiçando tempo”, “gastando tempo”, “poupando horas”, “investindo tempo”, entre outras.

⁵⁹ BAKHTIN, 2004, p. 130.

ensão ativa e responsiva”.⁶⁰

Assim, um vocábulo já dicionarizado pode assumir novos sentidos, numa relação polissêmica com vários contextos. A palavra *garotinho*, vista no contexto abaixo, traduz com muita fidelidade essa possibilidade:

“A batalha dos ‘garotinhos’”, manchete de *O Globo* em 12 de fevereiro de 2005, é uma referência a clubes de futebol pequenos do interior do estado do Rio de Janeiro durante o Campeonato Estadual de 2005 e a políticos ligados ao Governo Anthony Garotinho. A alusão, portanto, diz respeito aos campos político e esportivo. Assim, *garotinhos*, além de denotar os clubes pequenos, refere-se àqueles que são ligados à política do ex-governador e de sua esposa-governadora (também chamada de “garotinha”).

1.7.3 Neologismo cultural (ou de língua)

Os neologismos culturais (ou de língua) são aqueles criados em decorrência de fatores extralingüísticos, ou seja, signo e significado guardam intrínseca relação e esse encontro se dá num ponto exterior ao texto. Trata-se, em síntese, de neologismos que expressam necessidades do grupo social e, embora possam surtir, secundariamente, algum efeito estilístico no texto, não são criados com essa finalidade precípua.

Geralmente, o neologismo cultural ou de língua não causa estranhamento nos interlocutores/receptores, pois é encarado com mais naturalidade. Muitas vezes, para identificar sua condição de neologismo, é necessário recorrer a um dicionário, pois ele soa muito familiar ao falante nativo, principalmente quando em consonância com as regras de formação de palavras da língua. Exemplos do *corpus*:

Brados *antialienação*: [...] a música, sem gravadora e sem espaço em rádio, não se quer grande arte, nem arte de rua, nem vanguarda nem atraso, nem mímica, nem nada. São uns hinos longos, apinhados de improvisos e de brados contra a alienação. (G, 02/05/05)

O movimento pela *desfusão* da antiga Guanabara tem sofrido baixas importantes desde que foi divulgada a logomarca da campanha – um desenho da saudosa capivara da Lagoa. Muitos acham que a escolha dela como símbolo acabou com a seriedade da proposta. (G, 10/04/05)

⁶⁰ Idem, p. 132.

1.7.4 Neologismo literário (formações esporádicas)⁶¹

Michel Rifaterre diz:

O neologismo literário difere profundamente do neologismo na língua. Este é forjado para exprimir um referente ou um significado novo; seu emprego depende, portanto, de uma relação entre palavras e coisas, em suma, de fatores não lingüísticos; é, antes de mais nada, portador de uma significação, e não é necessariamente captado como forma insólita. O neologismo literário, ao contrário, é sempre captado como uma anomalia e utilizado em virtude dessa anomalia, às vezes até independentemente de seu sentido. Ele não pode deixar de chamar a atenção porque é captado em contraste com seu contexto e porque seu emprego, assim como seu efeito, dependem de relações que se situam inteiramente na linguagem.⁶²

O início do século XX foi um período muito propício a inovações em muitos campos, inclusive no vocabulário. Os escritores em todo o mundo foram tomados por um espírito mais aberto a inovações e, particularmente em nosso país, houve uma mudança drástica com o advento da Semana de Arte Moderna. Assim, nossos autores recorreram com bastante frequência a neologismos, tanto na qualidade de portadores de caráter cultural – refletindo, portanto, a sua época – como na condição de criadores, criando novos vocábulos, com a finalidade de atender à demanda de sua obra. Citemos Guimarães Rosa,⁶³ um verdadeiro artífice da palavra, para exemplificar essa inventividade lingüística:

O Menino riu, com todo o coração. Mas só *bis-viu*.
Mal podia com o que agora lhe mostravam, na *circuntristeza*.
Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava, pensava. *Cabismeditado*.⁶⁴

A literatura, em essência, sempre se revelou inconformada e desobediente no que diz respeito a amarras. Por isso, tais neologismos merecem a seguinte ressalva, de autoria de Edith Pimentel:

A circulação de tais vocábulos freqüentemente se limita à obra de seus criadores ou lançadores e, eventualmente, à de seus discípulos. Importa, no entanto, assinalar que sua presença constitui marca tipi-

⁶¹ Aqui, toma-se o termo como palavras transitórias, não restritas à literatura propriamente dita, mas que também veiculam na imprensa escrita; ou seja, neologismos literários são vocábulos criados (ou sentidos atribuídos) em razão de relações intralingüísticas, circunscritas ao propósito do texto.

⁶² RIFATERRE apud VALENTE. “A produtividade lexical em diferentes linguagens”. In: AZEREDO (org.), 2000, p. 163.

⁶³ Podemos afirmar que, no campo da linguagem, Guimarães Rosa tratava as palavras como entidades sagradas e que, como poucos, ousou (e muito!). Muitas vezes, levava dias e dias na elaboração de um vocábulo. Para ele, a palavra tinha existência própria, na medida em que integra a coisa e participa de sua vivência. A linguagem roseana é dinâmica: subverte a sintaxe tradicional, a semântica dicionarizada e trabalhar intensamente com a qualidade fônica – pelo uso de aliterações, assonâncias etc. –, além de criar vários neologismos.

⁶⁴ ROSA, 2001, pp. 52 e 58.

ficadora de época, na história da língua literária.⁶⁵

Quanto aos processos de formação, adverte a autora, geralmente encontram-se duas vertentes: a formação analógica, seguindo processos regulares da língua, e a montagem livre, calcada em matrizes vernáculas ou não. O neologismo literário difere profundamente do neologismo de língua.

Podemos incluir no grupo desses neologismos “esporádicos” a eventual prática da linguagem publicitária e humorística:

MEGAFEIRÃO DICASA FIAT (G, 11/02/2005),

→ O anúncio de uma revendedora de automóveis emprega prefixo e sufixo redundantemente “aumentativos” com o apelo típico da publicidade

A Câmara não vai ser o supositório do governo. ‘Então, medida provisória mudou de nome para *medida supositória!*’ (FSP, 20/03/05)

→ *medida supositória* é expressão criada apenas para fazer uma alusão bem-humorada a “medida provisória”

Me apeguei com meu santinho, pedi ‘bênção, Wanderléa’, que o papa ficou *papo-rotweiller* demais para minha adoração (G, 25/04/05)

→ *papo-rotweiller* Referência à eleição do papa, que integra uma corrente mais conservadora da Igreja Católica e tem fama de ser rígido em relação a antigos valores

Não podemos deixar de considerar, nesses casos, o aspecto comercial e o teor cômico. A intenção de provocar risos com uma enunciação também está presente no verbo *lular*. Diz o autor do texto: “[...] é um verbo significando atrapalhamento, meter os pés pelas mãos, meter-se a comentar o que não entende”.⁶⁶ Logicamente o humorista seguiu o mesmo processo de formação de *malufar*⁶⁷ ou *brizolar*.⁶⁸

Para finalizar, lembramos Edith Pimentel Pinto, que discorre acerca do destino, em regra, dos neologismos literários: “[...] o destino mais comum dos neologismos de autor [neologismos literários] é sua circunscrição ao texto no qual e para o qual foram gerados”.⁶⁹

⁶⁵ PINTO, 1988, p. 19.

⁶⁶ Extraído de <http://conjur.estadao.com.br/static>. Acesso em 30 de outubro de 2005.

⁶⁷ Na revista *Veja*, de 28 de julho de 2004, Roberto Pompeu de Toledo exercita variações do verbo “malufar”: *malufices, malufagem, malufandragem, malufunchuras, malufilia, malufumalismo*.

⁶⁸ In: <http://conjur.estadao.com.br>. Acesso em 25 de novembro de 2005.

⁶⁹ PINTO, 1988, p. 30.

1.7.5 Neologismo terminológico (tecnoleto ou neônimo)

Neologismos terminológicos são termos ligados a uma área específica do conhecimento. Trata-se do “conjunto de termos que representam um sistema de conceitos de uma subárea particular”.⁷⁰ Rondeau criou os termos “neonímia” e “neônimo” para as novas criações das línguas de especialidade, equivalentes a “neologia” e “neologismo”, utilizados para a língua geral.⁷¹

Trata-se, em síntese, consoante Ieda Maria Alves, de uma criação motivada pela necessidade de denominar objetos e conceitos inerentes ao desenvolvimento técnico e científico. No que diz respeito aos processos de formação, tais vocábulos seguem as mesmas regras dos demais neologismos. Todavia, entendemos que diferem – e muito – do neologismo de língua em face de sua não-espontaneidade, inclusive devendo contar, para a sua criação, com a presença de profissionais da área em foco, que sejam capazes de orientar propostas neológicas, a fim de que o signo criado alcance efetividade na comunicação, ou seja, tanto transmissor quanto receptor partilhem os mesmos elementos. Essa situação exige, portanto, uma experiência anterior de mundo por parte dos dois lados. Algumas áreas são bastante propícias a essas formações, sendo das mais produtivas nos dias de hoje as áreas econômica e de informática.

Na área da informática, por exemplo, especialistas em computação, a partir de uma terminologia pertencente à língua inglesa, criam termos bastante dissonantes com os processos de formação de palavras na língua portuguesa. Como exemplos, temos: *plugar*, *bootar*, *logar*, *startar* (nesse caso, há pessoas inclusive de outras áreas substituindo os verbos iniciar ou começar por *startar*). Assim, a uma base da língua inglesa, é apostado o sufixo *-ar* para dar origem a esses verbos sem qualquer alteração quanto à ortografia original.⁷² Ou *blogueiros* e *vlogueiros*, este último exemplo extraído do *corpus*:

Primeiro vieram os blogs, depois os fotologs. E agora é a vez do videoblog. Os videobloggers, também conhecidos como *vlogueiros*, postam regularmente vídeos na internet, criando shows primários para

⁷⁰ De acordo com Ieda Maria Alves, que remete à Norme Internationale 1087, 1990.

⁷¹ RONDEAU apud CARVALHO. “Neologismos na imprensa escrita”. In: OLIVEIRA e ISQUERDO (orgs.), 2001, p. 67.

⁷² Segundo Maria Aparecida Barbosa, a esse tipo de neologismo denomina-se alogenético, por se tratar de uma unidade lexical nova emprestada de outro sistema lingüístico e sociocultural. A autora assinala que “a adoção do novo lexema compreende várias etapas, e nas várias fases por que vai passando, nesse processo de adoção, assume tal lexema características diversas, segundo o grau de aceitabilidade, o grau de assimilação pelo grupo, sua integração a estruturas da língua receptora” (BARBOSA. “Da neologia à neologia na literatura”. In: OLIVEIRA e ISQUERDO (orgs.), 2001, p. 42).

quem quiser assistir. (G, 01/02/05)

Nesse campo, é muito normal observarem-se hibridismos. Ainda nessa área, fazemos menção ao termo *vírus*, que, embora seja um termo específico da área da medicina, foi incorporado pela informática para designar uma disfunção provocada no funcionamento do computador, consistindo, portanto, também em um neologismo semântico.

Na área econômica, temos, por exemplo, *globalitarismo*. Trata-se da junção de globalização e totalitarismo, com nítido processo de composição por acoplação. Todavia, num exemplo muito claro da necessidade de contextualização do vocábulo – é preciso analisá-lo discursivamente –, Maria da Conceição Tavares, economista, aponta:

Outra leitura possível, do ponto de vista da cultura e da ideologia, seria a fusão entre Global e utilitarismo, uma velha doutrina dos liberais clássicos (o liberalismo), agora retraduzida com roupas novas pelo “neoliberalismo”. Esta última expressão, incomoda profundamente o sociólogo e social-democrata tardio FHC, que acaba de inventar um novo neologismo – o “neobobismo” – para quem ousa taxá-lo de neoliberal.⁷³

Além disso, é comum, segundo Ieda Maria Alves, encontrarmos itens léxicos sintagmáticos nos vocabulários técnicos. Para Maria Aparecida Barbosa, essas formações sintagmáticas podem ser representadas por diferentes estruturas formais, sendo mais frequentemente “constituídas por um substantivo determinado, que corresponde a um conceito genérico e é especificado por um adjetivo determinante”.⁷⁴

1.7.6 Empréstimos lingüísticos (estrangeirismos)

Um outro mecanismo de formação é a importação de estrangeirismos, hoje fato bastante corriqueiro, principalmente com o advento da informática, como examinado no item anterior. Também o processo de globalização amplia a influência estrangeira no léxico, tanto na terminologia técnica como na de costumes.⁷⁵

Segundo Bloomfield, “empréstimo é a adoção de traços lingüísticos diversos dos do sistema tradicional”.⁷⁶

A língua é mecanismo de identificação de um povo, parte de sua cultura, e funciona

⁷³ TAVARES, 1997, p. 1.

⁷⁴ BARBOSA. “Da neologia à neologia na literatura”. In: OLIVEIRA e ISQUERDO (orgs.), 2001, p. 28.

⁷⁵ Há uma via de mão dupla. O português também influencia línguas estrangeiras, como, por exemplo, o japonês.

⁷⁶ CAMARA JR, 1985, p. 196.

como mecanismo de poder. Os povos colonizados estão aí para contar a história. E o sentimento de colonização – contra o qual lutamos bravamente – é muito forte. Com fins ilustrativos, transcrevemos, a seguir, o fragmento de um diálogo travado entre Teotônio Vilela e João Tancredo (então governador de Minas) que retrata a preocupação com a presença dos estrangeirismos em nossa língua:

No meio da conversa, ao falarem do poder americano, Teotônio disse que morreria com uma dúvida: seus trinetos ainda falariam português, ou só falariam inglês? E, já convencido de que seu interlocutor viria a ser presidente, bateu no ombro do mineiro e disse: “Isso vai depender de você, Tancredo”.⁷⁷

A presença dos estrangeirismos em nossa língua e o combate que se empreende contra eles não são fatos recentes. Achamos que sua presença não deve ser rechaçada de modo tão radical quanto às vezes lemos em artigos publicados na imprensa ou mesmo em propostas de lei, como a que nos final dos anos 90 foi enviada ao Congresso pelo deputado Aldo Rebelo. A princípio, somente não seriam defensáveis quando tivéssemos, em nossa própria língua, recursos para dar conta do significado. Mas isso é também muito relativo, pois, se assim fosse, a expressão “shopping center” jamais substituiria a locução “centro comercial”.⁷⁸

Sobre o tema, Marcos Bagno assinala:

A quem confessarei meu pecado por ter pensado em comer num self-service? Ou por ficar ansioso, durante uma palestra, pelo coffee-break? Ou por gostar de viajar de van?... A luta contra os estrangeirismos é uma bandeira que, de tão velha, já está mais do que esfarrapada. **Ora, a língua muda porque a sociedade muda... Querer uma língua pura é o mesmo que querer uma raça pura, e já sabemos a que tipo de tragédias idéias desse tipo podem nos levar.**⁷⁹ (grifo meu)

Essa posição se ameniza com o lembrete de Sergio Rodrigues, pois “não há pureza nenhuma a ser defendida”, já que o que há, na verdade, é um intenso intercâmbio entre as línguas e isso sempre fez parte da história, afetando vocabulário e sintaxe.⁸⁰ Segundo Bakhtin,

desde a mais remota Antigüidade até nossos dias, a filosofia da palavra e a reflexão lingüística fundamentam-se, especificamente, na a-

⁷⁷ Extraído do *Jornal do Brasil*, 24 de abril de 2005.

⁷⁸ Retomando observação anterior referente ao uso da metáfora pelo presidente Lula, Sergio Rodrigues aponta a expressão adotada com freqüência pelos petistas: “jogar um papel”, no lugar de “desempenhar um papel” ou “assumir um papel”. Trata-se, ao que indica, de uma tradução inepta do inglês *to play a role* ou *to play a part*. Afastando possível equívoco de tradução que tenha ocasionado esse emprego “inadequado”, concordamos com Sergio Rodrigues, quando ele diz que consiste num “estrangeirismo semântico inútil [...] – subserviente é uma boa palavra para defini-lo”. Nada justifica seu emprego.

⁷⁹ BAGNO apud FARACO, 2001, p. 28.

⁸⁰ RODRIGUES, 2005, p. 30.

preensão da palavra estrangeira e nos problemas que a língua estrangeira apresenta para a consciência: a saber, o deciframento e a transmissão do que foi decifrado.⁸¹

Em suma, as influências que as línguas têm entre si desde há muito despertam o interesse dos estudiosos. O estrangeirismo, consoante entendido por Bakhtin, é uma palavra que carrega consigo forças e estruturas estrangeiras e que “algumas vezes é encontrada por um jovem povo conquistador no território invadido de uma cultura antiga e poderosa”.⁸²

Nicolau Marr foi outro estudioso que explorou a fundo a questão da interferência lingüística como fator preponderante na evolução das línguas. Para ele, “a língua é uma criação da sociedade, oriunda da intercomunicação entre os povos provocada por imperativos econômicos; constitui um subproduto da comunicação social, que implica sempre populações numerosas”.⁸³

Não há como impedir um intercâmbio cultural, ainda por cima em tempos globalizados... Celso Cunha resume a questão da seguinte maneira:

O problema do empréstimo lingüístico não se resolve com atitudes reacionárias, com barreiras ou cordões de isolamento à entrada de palavras ou experiências de outros idiomas. Resolve-se com o dinamismo cultural, com o gênio inventivo do povo. Povo que não forja cultura dispensa-se de criar palavras com energia irradiadora e tem de conformar-se, queiram ou não queiram os gramáticos, à condição de mero usuário de criações alheias.⁸⁴

1.7.7 Gírias

A gíria é entendida como um processo expressivo da linguagem popular a que se recorre para expressar rebeldia, insatisfação, agressividade, muitas vezes por meio da ironia e do humor.⁸⁵

De maneira geral, entende-se a gíria como manifestação de cunho essencialmente oral e jovem – associada a grupos que fazem questão de marcar sua oposição ou mesmo hostilidade com relação às ideologias dominantes ou mesmo aos comportamentos sociais estabelecidos. No entanto, atualmente observa-se sua presença reiterada em veículos de imprensa, tais

⁸¹ BAKHTIN, 2004, p. 100.

⁸² Idem, p. 101.

⁸³ MARR apud BAKHTIN, 2004, p. 102.

⁸⁴ CUNHA, Celso apud SILVA, 2000, p. 145.

⁸⁵ PRETI. “A gíria na sociedade contemporânea”. In: VALENTE, 1998, p. 121.

como revistas e jornais, do que se depreende um uso mais amplo desse tipo de criação vocabular, inclusive sem tanta distinção de idade ou classe social. Isto porque há uma nítida intenção da imprensa em dividir espaço entre a linguagem padrão escrita e as influências da linguagem popular. Segundo o autor, “é preciso fazer um jornal que se identifique com o leitor para o qual é produzido, mas é preciso também obedecer às regras previstas para a escrita”.⁸⁶

Importante registrar que Dino Preti entende que essa utilização mais irrestrita decorre da incorporação de *esquemas de conhecimento*, termo adotado, segundo o autor, por Deborah Tannen, “para nomear, em nível cognitivo, o preenchimento das informações não proferidas, decorrentes de experiências anteriores do mundo, com a conseqüente formação de novas atitudes lingüísticas, isto é, novas posições assumidas perante a língua e seus valores de prestígio social”.⁸⁷

Concordamos com Preti quando afirma que as gírias refletem o tempo atual, marcado pela celeridade, pela fugacidade dos valores, em que nossas ações têm por objetivo o aproveitamento do momento presente, menosprezando o passado e não refletindo sobre a incerteza do futuro.⁸⁸

⁸⁶ Idem, p. 122.

⁸⁷ Idem, p. 124.

⁸⁸ Idem, p. 122.

2. FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Não podemos pensar que o sistema seja uma lista de palavras. Saussure comparava-o a um jogo de xadrez. Para o jogador, não importam, por exemplo, o formato das peças ou o material de que elas são feitas. O que importa é que as peças se distingam de algum modo, pois essa diferenciação lhes dá valor diferente, e que **elas se movam no tabuleiro segundo determinadas regras**. (grifo meu) (José Luiz Fiorin)

Em qualquer língua, para entendermos os mecanismos formadores das novas palavras, é necessário proceder a uma descrição de suas regras de formação, bem como de suas especificidades morfossemânticas e de seus operadores morfológicos. Basílio defende a idéia de que, “para descrever estruturas lexicais, é necessário descrever processos de formação de unidades lexicais, independentemente de sua caracterização como palavras”.⁸⁹ Esse conhecimento facilita a criação de novas palavras pelo falante, a quem torna possível uma série de generalizações. Todavia, não se deixa de levar em conta que há uma intuição natural, do tipo que leva, por exemplo, uma criança a afirmar diante de uma formiga que aparentemente morreu, ao vê-la, trôpega, andar novamente: “Pai, a formiga *desmorreu!*”⁹⁰

Ademais, para garantir a viabilidade do processo de desneologização e conseqüente incorporação do vocábulo à língua, é importante observar se sua formação se deu de acordo com as regras do sistema lingüístico a que pertence, o que facilita sobremaneira o processamento semântico e, portanto, a memorização. Valente afirma que

reconhecer as matrizes morfológicas é fundamental para quem pretende inovar lingüisticamente, uma vez que elas correspondem aos modelos – os esquemas da língua – para formação de palavras. A matriz morfológica equivale, portanto, ao molde lingüístico para a criação de palavras.⁹¹

Essas matrizes morfológicas podem ser traduzidas pelo seguinte esquema:

a) Matriz morfológica para a criação de substantivos ou adjetivos:⁹²

→ substantivo ou adjetivo + sufixo = substantivo⁹³ ou adjetivo

⁸⁹ BASILIO apud VALENTE, 1998, p. 245.

⁹⁰ Exemplo extraído de ROCHA, 2003, p. 21.

⁹¹ VALENTE. “A criação vocabular”. In: PEREIRA (org.), 1997, p. 96.

⁹² Na formação de adjetivos, observa-se que há dois tipos resultantes: adjetivos derivados uniformes, com forma única para dois gêneros, normalmente construído a partir da aposição do sufixo *-al*, como, por exemplo, *geracional* (G, 07/05/05), e os biformes, que apresentam uma forma para cada gênero, formado, basicamente, a partir do sufixo *-oso* (que denota “provido de”). Como exemplo, cita-se a palavra *saudoso(a)*.

⁹³ Os sufixos mais produtivos na formação de substantivos a partir de base adjetival são: *-idade*, *-eza* e *-ice*, con-

Exemplo: *invejismo* (G, 02/08/05)

→ verbo + sufixo = substantivo ou adjetivo⁹⁴

Exemplo: *lulante* (G, 27/02/05)

→ derivação regressiva em verbos = substantivo⁹⁵

Exemplo: buscar → busca

b) Matriz morfológica para a criação de verbos:

→ substantivo ou adjetivo + sufixo = verbo

Exemplo: *descamelotizar* (G, 17/10/05) ou *desfavelar* (G, 17/10/05)

c) Matriz morfológica para a criação de advérbios:⁹⁶

→ Adjetivo (no feminino) + sufixo *-mente* = advérbio (derivado)⁹⁷

Exemplo: afinada → afinadamente

Ora, tratando-se a língua de um sistema de comunicação, o léxico não poderia ser ampliado por um sem-número de entradas lexicais. Isto contrariaria, com toda certeza, a produtividade lingüística, visto que teríamos de memorizar todas essas alternativas. Assim, tem-se, na verdade, um molde que abriga regras e entradas, às quais lançamos mão para expandir o léxico, tornando todo o sistema mais eficiente.

As palavras são formadas pela combinação de morfemas, aqui considerados como unidades significativas de dimensões inferiores à palavra.

Antes do exame mais acurado do processo morfológico, consigna-se que, desde há muito, o processo derivacional por sufixação é considerado como um dos que maior produtividade gera na língua portuguesa, senão o primeiro nessa lista. No entanto, a prefixação também desempenha papel fundamental. É necessário registrar que se observa um grande número

forme se verifica em BASILIO, 2004, pp. 48-49. Observa ainda que o sufixo *-ice* traz uma conotação pejorativa. Assim, podemos constatar em *anhangaburrice* (G, 17/10/05).

⁹⁴ “Os principais processos de formação de adjetivos a partir de verbos correspondem à adição dos sufixos *-nte*, *-(t)ivo*, *-(t)ório*, *-vel* e *-do*” (BASILIO, 2004, p. 57).

⁹⁵ Também chamados *deverbais*.

⁹⁶ Observamos que a matriz morfológica somente permite a formação de advérbios a partir de adjetivos e, mesmo assim, estamos falando de advérbios que exercem a função de modificadores de verbos e, segundo Basílio, “eventualmente de enunciados”.⁹⁶ Observa-se, ainda, que a classe gramatical dos advérbios não permite derivação – uma vez formado, não cabe mais esse mecanismo.

⁹⁷ Basílio observa que, “do ponto de vista morfológico, formações em *-mente* são problemáticas por serem construídas a partir da forma feminina do adjetivo correspondente, o que vai contra a regra geral de que formas derivadas são construídas a partir do radical ou tema, e não de formas já flexionadas” (BASILIO, 2004, p. 62). Acrescenta-se que os advérbios também são formados, a partir de adjetivos, pelo processo de conversão. Trata-se de um mecanismo fundamentalmente explorado na língua falada, como, por exemplo, “Ele falou direto comigo”.

de formações neológicas a partir de prefixos propriamente ditos (in-, des-, re-, com-, sobre- etc.), mas também com a utilização de preposições e advérbios que, segundo Assumpção, são denominados “palavras-prefixos”. Falaremos mais adiante desses processos de formação.

2.1 Palavra ou vocábulo

A vida é assim, está cheia de palavras que não valem a pena, ou que valeram e já não valem, cada uma que ainda formos dizendo tirará o lugar a outra mais merecedora, que o seria não tanto por si mesma, mas pelas conseqüências de tê-la dito. (José Saramago)

Até agora, remetemo-nos à noção de léxico como conjunto de palavras e, com certeza, se rastreamos o vocábulo “palavra” neste estudo, verificaremos ter sido, com toda certeza, o que mais percorreu o texto. No entanto, foi utilizado num sentido pré-teórico. Ora, é necessário tentar defini-lo, pois se trata de nossa razão primeira, o tijolo da construção, que, para nós, é a linguagem.

Utilizamos *vocábulo* ou *palavra* concordando com Henriques, para quem “é razoável que não se façam considerações tão minuciosas a ponto de diferenciar dois termos que se consagraram como sinônimos”.⁹⁸ André Martinet, por sua vez, consigna a dificuldade de se definir a noção de “palavra”. Diz o autor:

Debalde se procuraria definir com maior rigor a noção de ‘palavra’ em lingüística geral. Pode tentar-se fazê-lo dentro de uma língua determinada, mas, ainda assim, a aplicação de critérios rigorosos conduz muitas vezes a análises discordantes do emprego corrente do termo.⁹⁹

Valter Kehdi remete o conceito à NGB, segundo a qual “a palavra, considerada do ponto de vista fonético, como constituída de fonemas e sílabas e provida ou não de tonicidade, recebe a designação de vocábulo; palavra é a denominação mais adequada se enfocarmos o ponto de vista semântico”.¹⁰⁰ O autor discorda dessa abordagem simplista e julga necessária uma combinação de critérios morfológicos, semânticos e sintáticos para um melhor entendimento desse conceito.

⁹⁸ HENRIQUES, mimeo, p. 11.

⁹⁹ MARTINET, 1978, p. 117.

¹⁰⁰ KEHDI, 2004, p. 10.

Margarida Basílio aprofunda a questão trazendo a noção de “palavra de língua”, as quais seriam “aquelas que aparecem listadas nos dicionários”,¹⁰¹ mas, ainda assim, deparamo-nos com a lacuna verificada entre o uso da palavra e o registro respectivo no dicionário, o que não ajuda muito. Não podemos, contudo, contestar o fato de que a palavra é tida como uma unidade de significação. Basílio complementa com as noções de “unidade lexical” e “unidade formal”.

Há vários enfoques para a questão: vocábulo fônico, gráfico, mórfico, semântico, sintático, pragmático. Quanto à estrutura mórfica, Mattoso Camara assinala:¹⁰²

O vocábulo é indivisível, constituído de uma única forma mínima: um morfema – *de*, um semantema, sem afixo – *mar*; ou divisível com mais de uma forma mínima (ex.: *mares*), podendo os divisíveis ser – a) simples (semantema e afixos flexionais) ou – b) complexos por derivação (v.) ou composição (v.) (ex.: *mares*, b) *maremoto*, *marulho*.

E acrescenta, baseando-se em Bloomfield, a noção de vocábulo morfológico ou formal, que “é a unidade a que se chega, quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres”. As unidades formais da língua, portanto, são livres e presas, tendo as primeiras um funcionamento autônomo, como, por exemplo, no enunciado “Você prefere praia ou campo”; resposta: “Praia”. “Praia”, portanto, funciona como uma unidade formal livre, que não depende de outra para existir. As segundas, contudo, estão presas a outras unidades, como, por exemplo, o prefixo *des-* em *desler* ou o sufixo *-ismo* em *denuncismo*:

O Brasil perdeu a oportunidade de dar um bom exemplo ao mundo na questão das armas. Mas estou escrevendo sem saber qual foi o resultado do referendo. Pode ter dado o ‘Sim’. Neste caso, se você leu até aqui, *desleia*. (G, 23/10/05)

Denuncismo denunciado // Lula critica *denuncismo* e compara imprensa brasileira à da Venezuela. (G, 16/07/04 e 25/04/05)

Silva e Koch assinalam que, a fim de alcançar as partículas proclíticas e enclíticas – artigos, preposições, pronomes átonos etc. –, Mattoso Camara “introduziu um terceiro conceito, o de formas dependentes, as quais funcionam ligadas às livres”.¹⁰³ Assim, em “Exemplo clássico *dos* novos tempos”, tem-se uma forma dependente.

Basílio encerra a questão lembrando que toda essa imprecisão a respeito da delimitação do que é palavra “é o preço que pagamos por um sistema de comunicação mais flexível;

¹⁰¹ BASÍLIO, 2004, p. 13.

¹⁰² CAMARA, 1996, p. 241.

¹⁰³ SILVA e KOCH, 2003, p. 25.

as estruturas rígidas são sempre mais fáceis de descrever, mas muito mais limitadas em sua utilização”.¹⁰⁴

2.2. Morfema

O termo morfema não é assunto pacífico entre os estudiosos. Henriques observa que “o essencial é que, hoje em dia, se reconheça que os morfemas não são formas desprovidas de sentido”.¹⁰⁵ Eugene Nida registrou tal diversidade atribuindo à dificuldade de descrever os significados das formas presas.¹⁰⁶ Toda essa dificuldade conduziu a uma necessidade de redimensionamento do conceito de morfema.

Assim, cientes de que encontramos visões diversas, selecionamos algumas já consagradas. Entre elas, por sua clareza e consistência, tem-se a de Henriques: “Podemos chamar de *morfema* a todo e qualquer constituinte de um vocábulo, englobando os *lexemas* (morfemas dotados de significação externa, chamados *morfemas lexicais*) e os *gramemas* (morfemas dotados de significação interna, chamados *morfemas gramaticais*)”.¹⁰⁷ Enquadram-se, nesse último caso, portanto, preposições, conjunções e verbos auxiliares, portanto, desprovidos de significado lexical. Mattoso Câmara adverte que:

Dá-se esse nome ao elemento formal que se combina com o semantema, constituindo um mecanismo gramatical por meio do qual o semantema passa a funcionar na comunicação lingüística. Como forma lingüística, o morfema tem um significante (o material fônico) e um significado, que é a noção gramatical que ele traz para o semantema.¹⁰⁸

Considerada como unidade básica da gramática, cada morfema, segundo Rosa, “é um átomo de som e significado – isto é, um signo mínimo”.¹⁰⁹ Para Bloomfield, “o morfema é a uma forma recorrente (com significado) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores”¹¹⁰ ou “uma forma lingüística que não mantém semelhança fonético-

¹⁰⁴ BASILIO, 2004, p. 18.

¹⁰⁵ HENRIQUES, mimeo, p. 12.

¹⁰⁶ NIDA apud ROSA, 2000, p. 67.

¹⁰⁷ HENRIQUES, mimeo, p. 12.

¹⁰⁸ CAMARA JR, 1996, 170.

¹⁰⁹ ROSA, 2000, p. 50.

¹¹⁰ Basílio esclarece que Bloomfield define a palavra como forma livre mínima. “Forma livre é aquela que pode, por si só, constituir um enunciado, ao contrário da forma presa, ou afixo, que só pode ocorrer em conjunto com outra, da qual depende” (BASILIO, 2004, p. 17).

semântica com qualquer outra forma”.¹¹¹

Com Bloomfield, portanto, o signo se desloca do nível da palavra para o do morfema, encontrando seu lugar no léxico.¹¹²

2.3 Classes gramaticais

Um dos mecanismos mais produtivos na formação de palavras é a mudança de classe.

As classes de palavras se definem por um conjunto de critérios, morfológicos, sintáticos e semânticos, os quais precisam ser combinados para os propósitos de descrição gramatical. Lembramos que é muito difícil afirmar que uma palavra será sempre um substantivo ou um adjetivo se deslocada do contexto. É necessário observar características peculiares, tais como natureza mórfica ou sintática, para afirmar que a palavra é um substantivo ou um adjetivo em determinado enunciado.

O próprio sistema lingüístico conduz à criação de um novo item lexical. Ou seja, nas palavras de Assis Rocha, há uma “coerção discursiva”, que obriga a formação de palavras novas. Nesse sentido, muitas vezes, é necessário fazermos adaptações morfológicas com o auxílio de sufixos para a obtenção de um termo com alteração de sua classe lexical. É o caso já citado no item 1.5 (“Competência lexical”), *geracional* (adj.), a partir de geração (subst.).

De substantivos, formam-se adjetivos e vice-versa e também verbos. De adjetivos, formam-se advérbios, e por aí seguimos. Para facilitar a compreensão, Basílio afirma que se pode resumir o padrão geral correspondente aos processos de mudança de classe da seguinte forma: “(1) As categorias lexicais plenas são: substantivo, adjetivo e verbo; (2) Processos de formação de palavras possibilitam a formação de palavras de qualquer categoria lexical plena a partir de palavras de qualquer outra categoria lexical plena”.¹¹³

2.4. Mecanismos de formação dos neologismos

Novas palavras são criadas, basicamente, por meio de mecanismos oriundos da própria

¹¹¹ BLOOMFIELD apud ROSA, 2000, p. 49.

¹¹² Idem, *ibidem*.

¹¹³ BASÍLIO, 2004, p. 27.

língua, seguindo princípios de analogia e economia, por composição e derivação, e por “itens léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos”,¹¹⁴ ou seja, os casos de estrangeirismos ou empréstimos lingüísticos, os quais já vimos sucintamente. Observe-se que alguns processos revelam-se mais produtivos do que outros e poderíamos afirmar que também há uma nuance mais criativa em uns do que em outros.

Sandman assinala que “a criatividade ou produtividade da *derivatio voluntaria* é um fato constante, ao passo que praticamente não há inovação no campo da *derivatio naturalis*.”¹¹⁵ Algumas formações lexicais são bastante criativas e ousamos discordar de Sandman, quando afirma que aquelas decorrentes de derivação pela afixação de *-ismo* seriam consideradas pouco produtivas. Isto porque, de acordo com o *corpus* coletado, encontramos exemplos bastante interessantes de seu uso, em consonância com os processos de formação e com grande chance de virem a ser bem recebidos pela comunidade lingüística. Vejamos:

Compadrismo, invejismo e deslumbrismo nos jornais. (G, 02/08/05).
 Lula: É preciso parar com o *denuncismo* vazio. (G, 06/11/05).
 História que desafia o ‘*Rio-centrismo*’: Cabral de Mello destrincha lideranças de Pernambuco que foram contra a centralização do país na Independência (G, 28/05/05).

Assembleísmo ‘Sexta-feira agora, haverá, acredite, mais de 30 assembleias gerais de empresas que formam o intrincado controle societário da Brasil Telecom. Tudo por causa da decisão do Citibank de destituir o Opportunity da gestão da telefônica’ (G, 26/04/05).

Objetivando organizar uma proposta de classificação para as ocorrências neológicas, podemos considerar alguns princípios que contribuem para a formação de novas palavras.

2.4.1. Princípio da analogia

Trata-se de um recurso muito utilizado e que se socorre do processo de semelhança com um modelo que sirva de imitação. A analogia está intrinsecamente relacionada com a competência lexical e com a natural intuição do falante em relação à sua língua. Sergio Rodrigues afirma que “o ato de criar, no plano simbólico, analogias entre coisas não imediatamente análogas é uma das operações básicas da inteligência”.¹¹⁶ A analogia está intrinseca-

¹¹⁴ ALVES, 1990, p. 5.

¹¹⁵ Segundo Sandman, tais expressões foram introduzidas, de forma bastante apropriada, pelo gramático latino Varrão, para designar, respectivamente, morfologia lexical e morfologia flexional.

¹¹⁶ RODRIGUES, 2005, p. 82.

mente ligada à metáfora.

Como exemplos, podem-se citar termos criados por analogia a *autódromo*, no qual o elemento -dromo originalmente guardava a noção de “correr”.¹¹⁷ André Valente¹¹⁸ registra que, quando foi criado o vocábulo “sambódromo” (local destinado ao desfile de escolas de samba no carnaval carioca), perdeu-se a noção de correr, o que permitiu o surgimento de “camelódromo”, “barbeiródromo”, “beijódromo”, “namoródromo”, “malhódromo”, “sexódromo”, “fumódromo” e mais um número considerável de exemplos em que -dromo serviu para designar local destinado a alguma atividade.

Também por analogia, formam-se vocábulos como *antitucanês*, *lulês* e *juridiquês*, inseridos no seguinte contexto:

Antitucanês reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha ‘Morte ao tucanês’ (FSP, 27/02/05).

O *lulês* é mais fácil que o inglês (FSP, 27/02/05).

AMB fará campanha para banir o *juridiquês* de tribunais brasileiros” ou “Abaixo o *juridiquês*. (G, 10/04/05/LP, 11/05)

Ou ainda *com-terra*, criado em nítida analogia ao já existente e desneologizado sem-terra, como se vê a seguir:

Os trabalhadores *com-terra* do Brasil, esses milhões de agricultores tradicionais que construíram a riqueza básica do país, acostumaram-se a viver meio isolados, distantes. (G, 21/06/05)

→ referência aos trabalhadores do campo que possuem um pedaço de terra para cultivar, trabalham arduamente e são contrários ideologicamente aos sem-terra

2.4.2 Princípio da economia

O princípio da economia está intrinsecamente associado à questão da competência lexicográfica. Margarida Basílio¹¹⁹ ilustra suas explicações fazendo uma comparação com uma lista telefônica. Se não houvesse a possibilidade de, na língua, partirmos de entradas lexicais para a formação de novas palavras – ou mesmo de aproveitar os itens já existentes, atribuindo-lhes

¹¹⁷ A respeito do elemento final -*dromo*, Luiz Carlos de Assis Rocha (2003, p. 155) assinala que há controvérsia se seria base presa ou sufixo. Ele encerra a questão decidindo pela primeira opção, tendo em vista que -*dromo* equivale a um substantivo (local destinado a algum evento), ou seja, trata-se de uma base presa substantiva. Nos casos citados acima, tem-se, portanto, formações por composição (base + base).

¹¹⁸ Idem, *ibidem*.

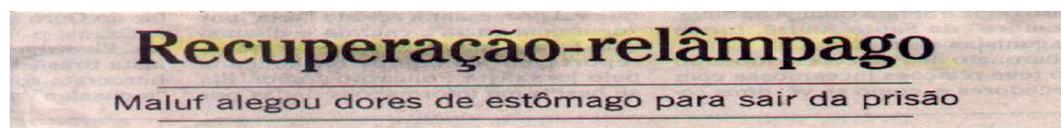
¹¹⁹ BASÍLIO, 2004, p. 10.

novos significados, ou seja, criando neologismos semânticos –, teríamos de memorizá-las tal como fazemos com números de telefone em uma lista – recurso em que não há regras ou previsibilidade.

Basílio ainda utiliza a figura da “reciclagem” para representar o que fazemos com os fragmentos de palavras. Na verdade, elas seriam como tijolos em uma construção, que vão se encaixando até formar o prédio inteiro, ou seja, um texto que guarde coesão e coerência. Por fim, afirma que o léxico é “ecologicamente correto”.¹²⁰

2.4.3 Composição: justaposição, acoplação ou reduplicação

Na composição, agrupam-se radicais diferentes para a formação de um novo vocábulo. Ocorre justaposição quando não há redução de qualquer dos elementos mórficos das palavras que se agrupam, levando-se em conta suas realidades fonológicas. Ou seja, nenhum dos constituintes sofre abalo em sua integridade material. Nesse processo, há uma subdivisão em paratática e hipotática. A primeira traduz a idéia de coordenação entre os elementos, enquanto a segunda, a de subordinação. Exemplos de processo de composição neológica, retirados do *corpus*:



(G, 02/11/05)

Já estava com gengivite, vista cansada, pensando em aderir ao *cartão-fidelidade* da farmácia (G, 10/04/05)

Outro processo de composição, a aglutinação, é denominado por Assumpção como “acoplação”, termo adotado neste estudo. Essa formação se revela muito produtiva nos dias atuais, principalmente nas linguagens humorística e publicitária, conforme já previra Assumpção em 1986:

Há outra modalidade de junção que, embora não apresente ainda produtividade de relevo, merece ser abordada não só por constituir, cremos, a mais recente manifestação da dinâmica léxico-criativa mas, sobretudo, por se prenunciar tendente a expandir-se na língua

¹²⁰ Idem, *ibidem*.

portuguesa.¹²¹

Esse processo ocorre quando, na combinação das palavras que se agrupam, há perda ou adaptação fonética de algum elemento. São exemplos neológicos do *corpus*:



(G, 19/01/06)

**Bundoplastia: os
próteses e os
contras**

(G, 01/05/05)

Os dois vocábulo, que serão descritos no Capítulo 3, condensam como componentes de manchetes o teor jocoso das notícias publicadas.

Tem-se ainda o caso de reduplicação, normalmente utilizado em onomatopéias ou com

¹²¹ ASSUMPCÃO, 1986, p. 61.

finalidade hipocorística. No exemplo a seguir – *toda-toda* –, embora correntemente o processo de formação incidente seja considerado como justaposição, neste estudo o entendemos como reduplicação. Isto porque, embora não se verifique onomatopéia propriamente dita (ou seja, primária), incide a chamada secundária, posição defendida também por Assumpção, para quem: “Recorre-se igualmente ao processo [reduplicação], com alguma freqüência, para estruturação da onomatopéia *secundária*, ou seja, aquela em que o som evoca não uma experiência acústica [como na *primária*, explicita-se] mas um movimento [...] ou **qualquer qualidade física ou moral** [...]” (grifos meus).¹²² Por outro lado, a característica hipocorística também se faz presente, pois ela está definida no *Houaiss* como: “[...] qualquer palavra criada com intenção de carinho e para uso no trato familiar ou amoroso (*papai, mano, benzinho* etc.). Indiscutível o tratamento afetivo dispensado pelo enunciador. Ademais, deve-se levar em conta que, na justaposição, tem-se a concatenação de duas ou mais formas distintas e que a essência da reduplicação é a repetição de uma forma preexistente, para a obtenção de um novo efeito semântico ou sonoro. Não há, no caso em questão, duas formas distintas, mas apenas uma. E o efeito semântico obtido é a intensificação.”¹²³ Vejamos:



(G, 01/10/05)

Toda-toda, no contexto utilizado, indica que o enunciador subentende o adjetivo “bonita”, “inteira”, “deslumbrante” ou qualquer outra palavra que pudesse ocupar lugar nesse

¹²² Idem, p. 65.

¹²³ Walter Kehdi chama a atenção para o processo chamado redobro intensivo, exemplificando com “linda, linda” ou “já, já”. Também aponta para casos de redobro com finalidade de conferir a um substantivo repetido “caráter aparente de adjetivo”, como, por exemplo, “Este é o livro livro” (aquele que é bom mesmo, que guarda todas as características de um livro, e não um livro qualquer) (cf. KEHDI, 2005, p. 50).

campo semântico. *Toda* – assumindo, por si só, a significação “toda bonita”, em processo de elipse –, portanto, estaria reduplicada¹²⁴ para demonstrar a intensidade da beleza.

2.4.4 Derivação: prefixação ou sufixação

O processo de derivação consiste basicamente na afixação¹²⁵ – aposição de sufixo ou prefixo – a um radical ou a uma base primitiva, com vistas à nova palavra.

O prefixo é definido como um afixo que se antepõe ao radical para lhe adicionar uma nova informação. Prefixos e sufixos têm como características comuns serem elementos presos e servirem para formar inúmeras palavras; e distinguem-se entre si pelo fato de aqueles serem antepostos à base e estes, pospostos. A classe gramatical do novo vocábulo será determinada gramatical ou semanticamente pelo afixo.

Os afixos, segundo a tradição gramatical e como acima se afirmou, são formas presas ou, como ensina Assumpção, “formas não-autônomas”. Todavia, observa-se que há muita produtividade também em formas autônomas prefixadas, como por exemplo: sobre-, menos-, sem-, com-, não-, quase-, entre outras. De nossa parte, entendemos que essas formas, aos poucos, vão-se convertendo em prefixos. Por esse motivo, neste estudo, consideramos formações do tipo exemplificado abaixo como derivações prefixais, e não como processos de composição.

Partidários dos *sem-concurso*. (G, 25/04/05)

Tampouco é preconceito dizer que os índios não são bons por natureza, não têm os defeitos dos *não-índios* e sua vida é não melhor que a nossa. (G, 10/04/05)

Desses prefixos referidos acima e exemplificados (sem- e não-), temos a dizer que se revelam, na atualidade, altamente produtivos. O elemento sem-, como assinala Assumpção, tem uma longa história, pois, desde a década de 1930, já se assinalava: “sem – preposição vernácula já usada como prefixo em certas palavras, equivalente ao prefixo negativo *in* e preposta a substantivos”.¹²⁶ E não-, oriundo do latim *non*, é um advérbio que tem a preferência

¹²⁴ A reduplicação, neste trabalho, não inclui apenas os casos de formação por onomatopéia ou hipocorística.

¹²⁵ Antonio Pio de Assumpção Junior (1986, p. 43) também utiliza o termo “adjunção” para nomear o processo de afixação (ASSUMPÇÃO, 1986, p. 43).

¹²⁶ OITICICA apud ASSUMPÇÃO, 1986, p. 45.

do falante sobre o também latino *in*, quando se pretendem construir vocábulos que signifiquem o oposto da base. Até porque, em casos de substantivo, por exemplo, a construção viável é a aposição de não-: homens/não-homens (*inhomens* não seria uma formação viável!). Sua produtividade, inclusive, não é recente em nossa língua. Na década de 1920, Barreto já afirmava: “A palavra *não* une-se a outras palavras [...] para lhes dar significação negativa”.¹²⁷

Assumpção, entre outros, prefere chamar essas formas de “palavra-prefixo” e “palavra-sufixo”.¹²⁸ Há, ainda, os chamados pseudoprefixos, ou seja, radicais latinos ou gregos que assumiram o sentido global dos vocábulos que antes integravam. Como exemplo, citamos *euro*. Hoje, há um sem-número de vocábulos formados com esse prefixóide: *eurodólar*, *eurocomunismo*, *eurovisão*, entre outros.

O prefixo é o afixo que vem na parte inicial do vocábulo. Mattoso Camara aponta para a necessidade de se observar “a significação pronominal ou nominal que caracteriza os prefixos e vai modificar a significação do semantema a que se adjunge”.¹²⁹

Na prefixação, não há alteração de classe – a mudança é tão-somente semântica.

O movimento pela *desfusão* da antiga Guanabara tem sofrido baixas importantes desde que foi divulgada a logomarca da campanha – um desenho da saudosa capivara da Lagoa. Muitos acham que a escolha dela como símbolo acabou com a seriedade da proposta (G, 10/04/05) // Fusão, *desfusão* e muita confusão (G, 28/05/05).

Não há, dessa forma, qualquer alteração na classe gramatical: fusão (subst.) → desfusão (subst.). Na sufixação, ao contrário, pode haver mudança de classe. A sufixação é o processo por meio do qual ocorre o acréscimo do afixo na parte final da base. Mattoso Camara adverte para o fato de que, “para cada vocábulo há sempre a possibilidade, ou a existência potencial, de uma derivação”.¹³⁰ Isso nos remete ao conceito de bloqueio lingüístico e aos exemplos extraídos de Rocha: “A casa lexical do adjetivo correspondente a *braço* já está preenchida por *braçal*. Os falantes não vêem necessidade de criar (?) *braçar*, (?) *braçano*, (?) *braçário*, (?) *braceiro* etc.”.¹³¹

Deve-se observar que a sufixação, em proporção marcadamente maior em relação à

¹²⁷ BARRETO apud ASSUMPÇÃO, 1986, p. 45.

¹²⁸ Idem, *ibidem*.

¹²⁹ CAMARA, 1996, p. 198. Neste estudo, não verificamos, por escapar ao objeto, o porquê de serem utilizados determinados sufixos em detrimento de outros, mas sim aqueles que são mais produtivos dentro do *corpus*.

¹³⁰ CAMARA, 1969, p. 49.

¹³¹ ROCHA, 2003, p. 141.

prefixação, é bem mais espontânea no processo de criação. Tem, portanto, um nível de aceitação muito grande (provocando menos estranhamentos do que a prefixação), “tanto que o primeiro ouvinte ou leitor reage à sua aparição como se já lhe fosse familiar, como se lhe reconhecesse preexistência”.¹³² Tal naturalidade é facilmente comprovada hoje com o sufixo -ismo (prefixo grego, que significa doutrina). Na linguagem atual, verifica-se, por exemplo, que o sufixo -ismo é bastante produtivo no meio político. Assim, são normais as ocorrências de *lulismo*,¹³³ *malufismo*, *brizolismo*, *aberturismo*, entre outros.

2.4.5 Hibridismo

Este processo se faz presente tanto na composição quanto na derivação e envolve a formação de uma nova palavra com elementos que provêm de línguas distintas. Observa-se que, neste estudo, não é levado em conta o aspecto diacrônico; o elemento estrangeiro é observado tão-somente do ponto de vista sincrônico. Exemplos neológicos do *corpus*:

Petista é preso em manifestação *anti-Bush*. (G, 07/11/05)

É nesses casos, em que não estão envolvidas questões de vida e morte, que as técnicas *anti-stress* funcionam. (G, 11/02/04)

Aqui também tentaram algo semelhante com a *beatleânica* Jovem Guarda através da famigerada passeata dos ‘bem-pensantes’ contra o Iê-iê-iê. (G, 19/04/05)

2.5 Neologia primária e neologia secundária

Ao longo deste estudo, observaram-se alguns vocábulos criados, em processo analógico, a partir de outros ainda considerados neologismos. Dessa forma, constatou-se a necessidade de tratá-los de forma diferenciada, porquanto se trata de etapas diferentes da criação do vocábulo.

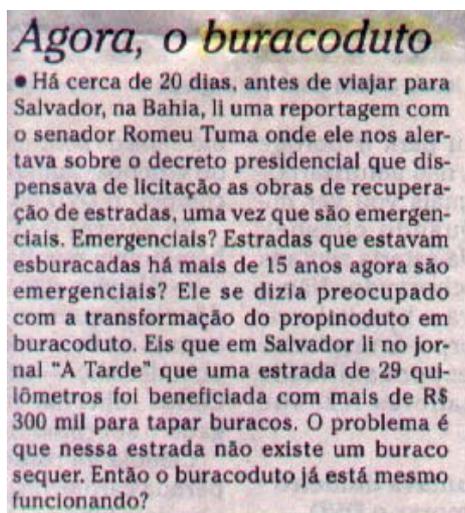
Aos vocábulos produzidos diretamente de termos dicionarizados, inclusive os já desneologizados¹³⁴, chamaremos “neológicos primários”, enquanto àqueles decorrentes de termos ainda neológicos, denominaremos “neológicos secundários”.

¹³² ASSUMPÇÃO, 1986, p. 46.

¹³³ Título da obra de Sergio Rodrigues *What língua is esta? Estrangeirismos, lulismos e modismos*.

¹³⁴ O verbete *sem-terra* exemplifica um caso de desneologização.

Exemplifica-se o conceito com neologismos como *valerioindulto*, *cuecoduto*, *buracoduto*, derivados do também neologismo *valerioduto*, ou *antitucanês*, derivado de *tucanês*.



(G, 09/01/06)

X, o assessor parlamentar detido com US\$ 100 mil na cueca. X tentou convencer que o, digamos, '*cuecoduto*' era para pagar verduras (G, 14/08/05)

Antitucanês reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha 'Morte ao tucanês' (FSP, 27/02/05).

Indiscutivelmente, esse processo secundário revela uma boa receptividade do neologismo considerado primário, ou seja, da cumplicidade do receptor no seu processo de criação, tendo em vista que gera, inclusive, novas formações – do ponto de vista lexical e semântico. Um outro bom exemplo é o verbete *sangue-ruim*

Zé Pequeno, o traficante *sangue-ruim* que ele incorporava no longa sobre o universo do tráfico. (JB, 17/04/05)

→ Criado por analogia ao neologismo *sangue-bom*, gíria de uso corrente entre a população carioca. Seu valor semântico reside no contraponto com o outro neologismo

No capítulo seguinte, quando da análise do *corpus*, introduziremos na entrada "tipologia neológica" também essa classificação.

3. O CORPUS À LUZ DOS CONCEITOS ARTICULADOS

Uma língua não se fixa nunca. O espírito humano está sempre em marcha, ou melhor, em movimento, e a língua com ele. As coisas são assim. Quando o corpo muda, porque não mudaria o traje? [...] Toda época tem suas idéias próprias, é preciso que ela tenha também palavras próprias para essas idéias. As línguas são como o mar, oscilam continuamente [...]. Que fazer? Isso é fatal. É, pois, inútil querer petrificar a instável fisionomia de nosso idioma sob uma forma dada. É em vão que os nossos Josués literários ordenam a língua deter-se; nem as línguas nem o sol não param nunca. (Victor Hugo, Prefácio de *Cromwell*)

3.1. Critérios de organização

Para além de tratar de processos de derivação ou composição, torna-se necessário contextualizar os verbetes. E contextualizar neologismos, segundo Maria Aparecida Barbosa ensina, significa verificar “quem criou a nova palavra, em que universo do discurso foi produzida, em que tempo, em que lugar geográfico e semântico surgiu, para quem foi criada, como foi criada”.¹³⁵ Assim, verificam-se quatro atores em cena no processo de produção e interpretação, de acordo com conceitos articulados por Charaudeau: (a) o eu comunicante (jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Folha de São Paulo* e revista *Veja*), (b) o eu enunciador (autor do texto), (c) o tu interpretante (leitor) e (d) o tu destinatário (público).¹³⁶

Boa parte das questões acima articuladas já foi resolvida. Nosso *corpus* é jornalístico porque o jornal é um veículo que trata de assuntos diversos, guarda relação com a cotidianidade, atinge um grande número de receptores e consiste num “padrão médio de linguagem da nossa sociedade”.¹³⁷ Cunha aponta que

é na linguagem da imprensa que surgem as inovações no vocabulário das línguas de cultura, decorrentes de notícias que despertam a atenção de um público cada vez mais ávido de novidades. A cada conceito novo corresponde um novo vocábulo, o qual terá vida longa se o conceito expresso pelo novo vocábulo permanecer vivo na mente dos usuários da língua.¹³⁸

Ademais, contextualizá-los representa analisá-los à luz discursiva. No primeiro capítulo, examinou-se a questão da ideologia que percorre a palavra (sob um aspecto micro) e o tex-

¹³⁵ BARBOSA. “Da neologia à neologia na literatura”. In: OLIVEIRA e ISQUERDO (orgs.), 2001, p. 35.

¹³⁶ CHARAUDEAU apud CARNEIRO, 1996, p. 81.

¹³⁷ VALENTE. “Produtividade lexical: criações neológicas”. In: PAULIUKONIS e GAVAZZI (orgs.), 2005, p. 129.

¹³⁸ CUNHA apud PEREIRA (org.), 1997, p. 326.

to (sob um aspecto macro). Não há como ser neutro na produção textual. Há sempre um posicionamento, uma intenção expressa ou subliminar e, no texto midiático, como lembra André Valente, remetendo a Charaudeau, “um certo comportamento de proteção”,¹³⁹ que obriga o leitor crítico a identificar seus implícitos. Isto porque o jornalista/enunciador, sujeito a sanções penais e profissionais, toma cuidados na elaboração de sua mensagem e a constrói com base em uma situação sociopolítica.

Vejamos um exemplo expressivo da necessidade de o vocábulo ser apreciado à luz do aparato discursivo, tomando um neologismo criado muito recentemente, por ocasião da vinda de um conjunto de rock ao Rio de Janeiro: *micada* (G, 21/02/06). A matéria se referia ao líder dos Rolling Stones, Mick Jagger.

De plano, faz-se uma primeira leitura em que se verifica a coincidência fonológica dos radicais do nome do artista (Mic[k]) e de mico (gíria de uso corrente para *vergonha*). Por isso, do exame atento, observa-se que há dois componentes semânticos básicos: Mick (de Mick Jagger, astro do rock) e frustração (donde frustrada, referente à noite frustrada). A manchete é: “A noite ‘micada’ de Mick”. Nesse sentido, uma outra possibilidade seria a composição da forma: Mic[k][o] + ada, de acordo com os elementos discursivos encontrados no texto, revelando uma segunda possível intenção do jornalista/enunciador, que, para Foucault¹⁴⁰, não é uma entidade que existe fora e de forma distanciada do discurso. Ao contrário: ele próprio é uma função do enunciado.

Voltando à metodologia adotada, nosso período de coleta foi delimitado de janeiro de 2004 a fevereiro de 2006. O lugar geográfico é nosso país, num período em que, basicamente, se viu mergulhado em questões políticas, o que, naturalmente, nos leva à verificação de um grande número de neologismos na área política – área que já se revela bastante fértil para a sua produção, pois está impregnada pelo discurso do poder, por discursos de guerra e de paz; “dela saem as normas, os debates”, como assinala Clare.¹⁴¹

Levemos em conta, outrossim, que a gênese neológica, tal como Barbosa denomina o processo de criação da nova palavra, segue um percurso linear:

(a) o instante mesmo de sua criação; (b) o momento pós-criação, que

¹³⁹ VALENTE. “Produtividade lexical: criações neológicas”. In: PAULIUKONIS e GAVAZZI (orgs.), 2005, p. 129.

¹⁴⁰ FOUCAULT apud FAIRCLOUGH, 2001, 68.

¹⁴¹ CLARE, 2004, p. 49.

se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo lingüístico cultural; (c) o momento em que começa a dar-se a sua desneologização.

Sobre alguns vocábulos aqui estudados, podemos vaticinar a permanência¹⁴² de alguns, dadas sua incidência e boa receptividade por parte dos interlocutores – eles mesmos tornados locutores –, além da realidade social que os envolve.¹⁴³

Nesse perfil, estaria o já consagrado pela opinião popular *mensalão*, o qual, entre tantas incidências, transcreve-se a seguinte:

[...] e o Genu, o recém-chegado ‘João Mercedão’, valete nos repasses na pensão do José Janene do *mensalão*, esse nome proxenético como uma menstruação. (G, 21/06/05)

Outros, todavia, não passam de neologismos transitórios, aqueles a que poderíamos chamar de *quase-literários*, criados certamente visando ao estrito efeito que produziram naquele contexto – texto – específico. A título de ilustração, citemos o verbete *mijônibus*, empregado por Ancelmo Góis no seguinte contexto:

Já se viu todo tipo de mijão no Rio. Mas este, veja só, passou dos limites. Ontem, por volta de 15h, num ônibus da linha 582 (Éden-Central), em plena Av. Brasil, na altura do Caju, um sujeito pôs o, digamos, baixinho folgado para fora e, chuáááá, fez pipi ali mesmo, a bordo! Há testemunhas. (G, 02/11/05)

Observa-se na matéria que termos como *baixinho folgado* para fazer referência ao órgão sexual masculino já são reflexo de uma mudança do ponto de vista cultural. Talvez nos idos de 1960, 1970, quando ainda vivíamos sob outros padrões de comportamento, não fosse possível veicular um parágrafo como esse num jornal como *O Globo*.

O *corpus* deste trabalho contém 111 neologismos, selecionados pelo critério da ex-

¹⁴² É importante registrar que, em caso de consagração do vocábulo, sua ocorrência será abonada ou documentada. Segundo Cunha, “ao lexicógrafo compete registrar essa ocorrência, sem entrar no mérito sobre a maior ou menor propriedade do seu emprego. Esta consideração, que foge à competência do lexicógrafo, será talvez do gramático ou do especialista em estilística” (CUNHA. “O vocabulário português: perspectivas para a realização de estudos lexicológicos e de trabalhos lexicográficos nos países de língua portuguesa”. In: PEREIRA (org.), 1997, p. 327).

¹⁴³ Ainda com relação à produtividade nos tempos de crise, encontrou-se na Internet um *Dicionário da crise*, com finalidade basicamente humorística, mas que, ainda assim, vale a pena consignar. Em suma, trata-se de uma coletânea dos principais neologismos (de forma, sintagmáticos, de sentido) utilizados ao longo do escândalo que vitimou a política brasileira. Traz alguns exemplos como *blindar* (preservar figuras importantes não-envolvidas diretamente em denúncias de corrupção); *chavismo* (tudo aquilo que o governo faz para se defender e desagradar a oposição); *mensalão* (o mais célebre neologismo da atual crise: suborno pago regularmente a deputados corruptos. Variações regionais: cesta básica, conta do jantar, mensalinho. Quando pago esporadicamente, é o pinga-pinga. De uma vez só, para operações específicas, é o pingadão) (www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/dicionario_da_crise.htm).

pressividade – critério intrinsecamente subjetivo. Optou-se prioritariamente pela inclusão no *corpus* de neologias lexicais; todavia também foram citados alguns casos expressivos de neologia semântica, como já assinalado. Todos os verbetes são organizados em ordem alfabética e têm as seguintes entradas: termo, fonte, informações gramaticais (classe e gênero), contexto (transcrição do trecho ou frase em que aparece, de modo a guardar unidade de significação), comentário explicativo (subsídios para a contextualização), tipologia neológica, processo de formação e, quando necessário, observações complementares.

Os verbetes identificam os termos neológicos em grifo, e a fonte é representada da seguinte forma (acompanhada da data):

O Globo: G
Jornal do Brasil: JB
Revista Veja: V
Folha de São Paulo: FSP

3.2 Glossário de termos neológicos

1) **Termo:** *aerolula*

Fonte: FSP, 27/02/05, e G, 03/12/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “Vai descer na passarela do teatro Kodak com o Aerolula” // “A polícia prendeu o responsável pela venda a assessores de Lula daquele DVD pirata de ‘2 filhos de Francisco’ que o presidente assistiu no *Aerolula*”.

Comentário explicativo: Apelido atribuído ao avião presidencial utilizado por Lula, o qual teria apresentado um custo muito elevado. Foi utilizado freqüentemente na imprensa, sempre de forma pejorativa, principalmente quando das viagens presidenciais, aludindo ao gasto desnecessário de verba pública.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: *aero-* + *Lula* (tornado substantivo comum) = *aerolula*

→ Composição por justaposição

Observação: Celso Cunha classifica *aero-* como um pseudoprefixo.

2) **Termo:** *alonsomania*

Fonte: G, 08/05/05

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “*Alonsomania* cada vez mais intensa na Espanha”.

Comentário explicativo: Referência ao culto a Fernando Alonso, piloto campeão mundial de Fórmula 1 em 2005.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *Alonso* (tornado comum) + *-mania* (do grego *-mania*, indicativo de loucura, do latim, tendência) = *alonsomania*

→ Composição por justaposição

3) Termo: *anafilático*

Fonte: G, 01/05/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Um acidente cirúrgico ou choque *anafilático* pode deixar o paciente raboplégico para sempre”.

Comentário explicativo: Referência humorística a um choque anafilático (sensibilidade orgânica a um antígeno) na região anal

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: adjetivo *anal* + adjetivo [*ana*] *filático* = *anafilático*

→ Composição por acoplação

Observação: Também denominada palavra-valise ou *portemanteau* (porta-mantô)

4) Termo: *anhangaburrice*

Fonte: G, 17/10/2005

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “Acha que tudo não passa de *anhangaburrice*, ibirabesteira”.

Comentário explicativo: Referência a pessoas que, segundo o cronista, recusam-se a ir a São Paulo pela mania lá existente de chamar tudo de “Anhangá” e “Ibira”.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *anhangá* (origem indígena, “ente que protege os animais”) + substantivo *burrice* = *anhangaburrice*.

→ Composição por justaposição (com hibridismo)

5) Termo: *antialienação***Fonte:** G, 02/05/05**Informações gramaticais:** substantivo feminino em função adjetiva**Contexto:** “Brados *antialienação*: [...] a música, sem gravadora e sem espaço em rádio, não se quer grande arte, nem arte de rua, nem vanguarda nem atraso, nem mímica, nem nada”.**Comentário explicativo:** Referência a brados contra a alienação.**Tipologia neológica:** neologismo lexical cultural, primário**Processo de formação:** *anti-* (prefixo de origem grega, denotativo de oposição, ação contrária) + substantivo *alienação* = *antialienação*.

→ Derivação prefixal

6) Termo: *anti-Bush***Fonte:** G, 07/11/05**Informações gramaticais:** substantivo masculino em função adjetiva**Contexto:** “Petista é preso em manifestação *anti-Bush*”.**Comentário explicativo:** Referência a manifestações contra o presidente americano George W. Bush.**Tipologia neológica:** neologismo lexical literário, primário**Processo de formação:** *anti-* (prefixo de origem grega, denotativo de oposição, ação contrária) + lexema antroponímico *Bush* = *anti-Bush*.

→ Derivação prefixal

Observações: 1) *Anti-Bush* é substantivo qualificador de outro substantivo e exerce função adjetiva. 2) Em derivações prefixais de substantivos próprios nem sempre prevalecem as regras de emprego do hífen (neste caso: “não se usa hífen quando o prefixo *anti-* está seguido de palavra iniciada por **b**”: antibélico, antibrasileiro).**7) Termo:** *anti-salazarista***Fonte:** JB, 17/04/05**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “O anti-salazarista histórico, que foi um dos restauradores da República Portuguesa em 1974, é velho admirador de Joaquim José”.**Comentário explicativo:** Referência ao ex-presidente português Mário Soares, notabilizado por sua posição contrária ao governo Salazar.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: *anti-* (prefixo de origem grega, denotativo de oposição, ação contrária) + substantivo *salazarista* (indivíduo partidário do salazarismo) = *antisalazarista*.

→ Derivação prefixal

8) Termo: *anti-stress*

Fonte: V, 11/02/04

Informações gramaticais: substantivo masculino em função adjetiva

Contexto: “É nesses casos, em que não estão envolvidas questões de vida e morte, que as técnicas *anti-stress* funcionam”.

Comentário explicativo: Refere-se a técnicas que aliviam o estresse.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: *anti-* (prefixo de origem grega, denotativo de oposição, ação contrária) + *stress* (empréstimo lingüístico) = *anti-stress*.

→ Derivação prefixal (com hibridismo)

Observações: 1) *Anti-stress* é substantivo qualificador de outro substantivo e exerce função adjetiva. 2) A grafia vernácula *estresse* já está dicionarizada.

9) Termo: *anti-tricolor*

Fonte: JB, 17/04/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Foi de tamanha infelicidade, em dia de final de campeonato, o jornalista revelar sua paixão anti-tricolor!”

Comentário explicativo: O adjetivo *tricolor* é uma referência ao Fluminense, clube de futebol do Rio de Janeiro.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: *anti-* (prefixo de origem grega, denotativo de oposição, ação contrária) + adjetivo *tricolor* = *anti-tricolor*

→ Derivação prefixal

Observação: A grafia da matéria não atende à regra “não se usa hífen quando o prefixo *anti-* está seguido de palavra iniciada por *t*” (antiterrorista, antiteatral).

10) Termo: *antitucanês***Fonte:** FSP, 27/02/05, 20/03/05**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “*Antitucanês reloaded*, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha ‘Morte ao *tucanês*’. É que na Bahia tem um bloco só de coroas chamado Bloco da Espada Preguiçosa. Rarará. Mais direto, impossível. Viva o *antitucanês*. Viva o Brasil!”**Comentário explicativo:** *Tucanês* seria a forma de falar dos tucanos, referência aos filiados do PSDB, partido do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. *Antitucanês*, o modo de falar contrário. Contexto humorístico.**Tipologia neológica:** neologismo lexical literário, secundário**Processo de formação:** substantivo *tucan[o]* (neologismo semântico) + sufixo *-ês* (indicativo de idioma) = *tucanês* → + prefixo *anti-* = *antitucanês*

→ Derivação prefixal

11) Termo: *arapongagem***Fonte:** V, 20/04/05**Informações gramaticais:** substantivo feminino**Contexto:** “Artífice da operação de contra-espionagem que flagrou e denunciou ao governo a *arapongagem* da Kroll”.**Comentário explicativo:** Prática referente a indivíduos que trabalham para serviços de informação.**Tipologia neológica:** neologismo lexical cultural, primário**Processo de formação:** substantivo *araponga* + sufixo *-agem* (do latim *-aticum*, no sentido de coletivo, ato ou estado) = *arapongagem*.

→ Derivação sufixal

12) Termo: *assembleísmo***Fonte:** G, 26/04/05**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “*Assembleísmo*: sexta-feira agora, haverá, acredite, mais de 30 assembleias gerais de empresas que formam o intrincado controle societário da Brasil Telecom. Tudo por causa da decisão do Citibank de destituir o Opportunity da gestão da telefônica”.**Comentário explicativo:** Prática de se realizarem muitas assembleias para a tomada de deci-

sões no interior de empresas ou órgãos públicos.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *assembléia* + sufixo *-ismo* (sufixo de origem grega que denota sistema ou modo de proceder) = *assembleísmo*.

→ Derivação sufixal

13) Termo: *autofornicação*

Fonte: G, 03/10/04.

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “E de que imaginável jeito alguém pode praticar a *autofornicação*, mesmo sendo um contorcionista?”

Comentário explicativo: Referência a um ato sexual praticado sozinho.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: prefixo *auto-* (referente a si mesmo) + substantivo *fornicação* = *autofornicação*.

→ Derivação prefixal

14) Termo: *auto-idealizante*

Fonte: G, 26/07/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Na avaliação da política, tem de levar em conta o acaso, o acidente, os vícios humanos e abandonar o discurso quixotesco e *auto-idealizante*. O discurso épico tem de ser substituído por um discurso realista, até pessimista. O pensamento da “esquerda metafísica” tem de dar lugar a uma reflexão mais testada, sentida, mais sociológica”.

Comentário explicativo: Contexto político: crônica de Arnaldo Jabor

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: prefixo *auto-* (referente a si mesmo) + adjetivo *idealizante* = *auto-idealizante*.

→ Derivação prefixal

15) Termo: *beatleônica*

Fonte: G, 19/04/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Aqui também tentaram algo semelhante com a *beatleânica* Jovem Guarda através da famigerada passeata dos ‘bem-pensantes’ contra o Iê-iê-iê”.

Comentário explicativo: Trata-se de uma comparação entre os Beatles e o Movimento da Jovem Guarda, ambos contemporâneos. Indica um tom de brasilidade na beatlemania nacional, impregnada pelas praias, pelos oceanos, pela possível alienação da juventude chamada “iê-iê-iê”.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: *beatle* (substantivo próprio tornado comum, empréstimo lingüístico) + adjetivo [*oce]ânica = beatleânica*.

→ Composição por acoplação (com hibridismo)

Observação: Com manutenção da grafia em inglês do primeiro elemento, diante do improvável aportuguesamento “bítou”.

16) Termo: *beijo-de-língua*

Fonte: G, 21/06/05

Informações gramaticais: substantivo

Contexto: “A mão displicente do Maurício Marinho pegando os três mil reais que surgem no canto do quadro e ele embolsa, deixando-a escorregar para dentro do paletó, com a calma de quem recebe um troco de cafezinho, e o espetáculo shakesperiano de Jefferson na Câmara, com sua camisa lilás de candomblé, tão Brasil, tão nosso, sua impecável ausência de suor, seu rosto frio, seus biquinhos, suas mãos ondulantes, a verdade e a mentira num longo *beijo-de-língua* [...]”

Comentário explicativo: Crônica de Arnaldo Jabor. O *beijo-de-língua* traduz a intrínseca relação entre o beijo e a língua, a intimidade plena, aqui no contexto retratando a intensa proximidade entre verdade e mentira.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *beijo* + preposição *de* + substantivo *língua* = *beijo-de-língua*.

→ Composição por justaposição sucessiva

17) Termo: *bolsa-família*

Fonte: G, 24/04/05

Informações gramaticais: substantivo em função adjetiva

Contexto: “O programa *Bolsa-Família*, que unificou os programas de transferência de renda (Bolsa-Escola, Cartão-Alimentação e Vale-Gás), ficou com 60% dos recursos”.

Comentário explicativo: O contexto é auto-explicativo e o vocábulo tem uso corrente em âmbito nacional, por se tratar de um programa do governo.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *bolsa* + substantivo *família* = *bolsa-família*.

→ Composição por justaposição.

18) Termo: *branquificar-se*

Fonte: G, 02/05/05

Informações gramaticais: verbo

Contexto: “...a ponto de ele haver cedido ao impulso, quiçá compreensível, mas injustificável, cafona e atrasadinho, de *branquificar-se* durante sua ascensão.”

Comentário explicativo: Trata-se de uma crônica de João Ubaldo Ribeiro, na qual alude a um possível processo de embranquecimento do presidente Lula para chegar ao poder. O uso do verbo no lugar de embranquecer talvez guarde relação com as freqüentes críticas à falta de atenção do presidente à norma culta da língua.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: adjetivo *branco* + sufixo verbal (*i*)ficar = branquificar + p. reflexiva (se)

→ Derivação sufixal

19) Termo: *bundoplastia*

Fonte: G, 01/05/05

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “*Bundoplastia*: os próteses e os kontras”

Comentário explicativo: Referência humorística ao modismo de enxerto de silicone na região glútea a que muitas mulheres estão aderindo.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo bund[a] + o + -plastia (do grego *plastós*, no sentido de modelagem) = bundoplastia.

→ Composição por justaposição

20) Termo: *buracoduto***Fonte:** G, 09/01/06**Informações gramaticais:** substantivo masculino

Contexto: “Há cerca de 20 dias, antes de viajar para Salvador, na Bahia, li uma reportagem com o senador Romeu Tuma onde ele nos alertava sobre o decreto presidencial que dispensava de licitação as obras de recuperação de estradas, uma vez que são emergenciais. Emergenciais? Estradas que estavam esburacadas há mais de 15 anos agora são emergenciais? Ele se dizia preocupado com a transformação do propinoduto em *buracoduto*.”

Comentário explicativo: Referência a um programa do governo Lula em que seriam gastos R\$400 milhões para tapar, em seis meses, os buracos existentes em estradas.

Tipologia neológica: neologia lexical literária, secundária

Processo de formação: substantivo *buraco* + *-duto* (radical de origem latina *duco*, com alteração do *c* → *t*, no sentido de conduzir através de) = *buracoduto*.

→ Composição por justaposição.

21) Termo: *cartão-fidelidade***Fonte:** G, 10/04/05**Informações gramaticais:** substantivo masculino

Contexto: “Já estava com gengivite, vista cansada, pensando em aderir ao *cartão-fidelidade* da farmácia”.

Comentário explicativo: Espécie de cartão de crédito que reúne bônus para quem é fiel a um determinado estabelecimento comercial.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *cartão* + substantivo *fidelidade* = *cartão-fidelidade*.

→ Composição por justaposição

22) Termo: *caveirão***Fonte:** G, 17/01/06**Informações gramaticais:** substantivo masculino

Contexto: “Infelizmente o Estado continua não dando vez ao morro. Quando sobe lá, é na crise, no desespero, com “caveirão” para abafar a rebelião e debelar o caos urbano. E o que é pior: atira-se entre pobres crianças indefesas que pagam o pato pela barbárie de atos terroristas praticados por bestas humanas”.

Comentário explicativo: *Caveirão* é o nome dado a veículos blindados que sobem os morros cariocas para o confronto com pessoas ligadas ao tráfico.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: alteração de gênero do substantivo feminino *caveira* + aposição do sufixo *-ão* = *caveirão*.

→ Derivação sufixal

Observação: O neologismo surge basicamente pela alteração de gênero, que vai gerar *caveirão*, e não *caveirona* (aumentativo de *caveira*).

23) Termo: *chavismo*

Fonte: G, 25/01/06

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: Manchete: “*Chavismo* dá as cartas em Fórum Social”.

Comentário explicativo: Referente ao governo de Hugo Chavez, da Venezuela.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: lexema *Chav[ez]* (tornado comum) + sufixo *-ismo* (indicativo de doutrina, modo de proceder) = *chavismo*.

→ Derivação sufixal

24) Termo: *cocacabana*

Fonte: G, 19/01/06

Informações gramaticais: substantivo

Contexto: “Forte de *Cocacabana*: a inconfundível garrafa de Coca-Cola, de 15 metros de altura, no Forte de Copacabana, onde a prefeitura retirou um outdoor na semana passada. A peça é uma propaganda da taça da Copa do Mundo, que será exposta amanhã.”

Comentário explicativo: Alusão à exposição da Copa do Mundo realizada no Forte de Copacabana, com o patrocínio da Coca-Cola.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *Coca [-Cola]* + *Co[pa]cabana* = *Cocacabana*.

→ Composição por acoplação

25) Termo: *com-terra*

Fonte: G, 21/06/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Os trabalhadores *com-terra* do Brasil, esses milhões de agricultores tradicionais que construíram a riqueza básica do país, acostumaram-se a viver meio isolados, distantes.”

Comentário explicativo: Referência aos trabalhadores do campo que possuem um pedaço de terra para cultivar, trabalham arduamente e são contrários ideologicamente aos sem-terra.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: Prefixo *com-* + substantivo *terra* = *com-terra*.

→ Derivação prefixal

Observação: Neologismo do tipo primário pela desneologização de *sem-terra*.

26) Termo: *compadrismo*

Fonte: G, 02/08/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “*Compadrismo, invejismo e deslumbrismo* nos jornais”.

Comentário explicativo: O autor do texto esclarece que *compadrismo* é o comportamento do tipo “eu falo bem de você porque você fala bem de mim”.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *compadr[e]* + sufixo *-ismo* (denotando ideologia, modo de proceder).

→ Derivação sufixal

27) Termo: *conhecer-casar-e-descasar*

Fonte: G, 08/12/05

Informações gramaticais: verbo

Contexto: “Comemoram a data, um feito impensável para a geração que se *conhece-casa-e-descasa* em seis meses”.

Comentário explicativo: Referência à velocidade com que se *conhece*, *casa* e *descasa*, revelada pelo processo de hifenização, que, neste caso, traduz simultaneidade.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: verbo *conhecer* + verbo *casar* + conjunção aditiva *e* + verbo *descasar* = *conhece-casa-e-descasa*

→ Composição por justaposição sucessiva

Observação: Formação inusitada por combinar num único sintagma elementos verbais coor-

denados.

28) Termo: *cuecoduto*

Fonte: G, 14/08/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “X, o assessor parlamentar detido com US\$ 100 mil na cueca. X tentou convencer que o, digamos, ‘cuecoduto’ era para pagar verduras.”

Comentário explicativo: Escândalo político em que um assessor parlamentar foi flagrado no aeroporto com elevada soma no interior de sua peça íntima. Referência a *valerioduto*, o qual, por sua vez, alude a *aqueduto*, *dinheiroduto*, entre outros vocábulos

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, secundário

Processo de formação: substantivo *cuec[a]* + (o) + *-duco* (t) (radical de origem latina *duco*, com alteração do c → t, no sentido de conduzir através de) = *cuecoduto*.

→ Composição por justaposição

29) Termo: *delinqüência-companheira*

Fonte: FSP, 01/01/06, Coluna de Elio Gaspari

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “Referindo-se às delinqüências-companheiras, *Nosso Guia* disse o seguinte ao repórter X: ‘Não interessa se foi A, B ou C. Todo o episódio foi uma facada nas minhas costas’. Há em Pindorama cerca de 350 mil pessoas encarceradas pela prática dos mais diversos delitos. Tudo o que eles querem é usufruir do carinho com que o juriconsulto Lula protege seus correligionários”.

Comentário explicativo: Referência ao comportamento do presidente Lula diante do escândalo do *mensalão*, quando se declarou traído.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, secundário

Processo de formação: substantivo *delinqüência* + substantivo *companheira* = *delinqüência-companheira*.

→ Composição por justaposição

Observação: Processo considerado secundário porque parte do princípio de que há uma neologia semântica no vocábulo *companheiro(a)*, referência à forma como o presidente Lula trata seus correligionários.

30) Termo: *denuncismo***Fonte:** G, 16/07/04 // 25/04/06**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “*Denuncismo* denunciado // Lula critica *denuncismo* e compara imprensa brasileira à da Venezuela.”**Comentário explicativo:** Referência à divulgação de informações prejudiciais a alguém sem a necessária confirmação ou sem atender ao interesse público.**Tipologia neológica:** neologismo lexical cultural, primário**Processo de formação:** substantivo deverbal *denúncia* + sufixo *-ismo* (sufixo de origem grega que denota sistema ou modo de proceder) = *denuncismo*.

→ Derivação sufixal

31) Termo: *depoiminto***Fonte:** V, 20/07/05**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “*Depoiminto*: depoimento feito à CPI que não convence ninguém”.**Comentário explicativo:** Referência a um depoimento da CPI impregnado de mentiras.**Tipologia neológica:** neologismo lexical literário, primário**Processo de formação:** *depoim[e]nto* + [*m*]*i*[*nto*] (P1 do presente do indicativo do verbo mentir) = *depoiminto*.

→ Composição por acoplação

32) Termo: *deputado-canguru***Fonte:** V, 11/02/04**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “*Deputados-cangurus*: o governo incentiva os adversários a trocar de partido e, com isso, debilita a oposição”.**Comentário explicativo:** Referência à prática dos deputados de trocarem de partido com muita frequência, “saltando” de um para outro com muita facilidade.**Tipologia neológica:** neologismo lexical literário, primário**Processo de formação:** substantivo *deputado* + substantivo *canguru* = *deputado-canguru*.

→ Composição por justaposição

33) Termo: *descamelotizar***Fonte:** G, 17/10/2005**Informações gramaticais:** verbo**Contexto:** “Valia tudo, tudo posto na boca do Adamastor, coitado, o tal que encontrei em Copacabana e me passou umas opiniões novas – ‘tem que desfavelar o Rio rápido, *descamelotizar* a Rio Branco”.**Comentário explicativo:** -----**Tipologia neológica:** neologismo lexical cultural, primário**Processo de formação:** prefixo *des-* (de origem latina, no sentido de ação contrária) + *camelotizar* (verbo transitório, formado do substantivo *camel[ô]* + sufixo *-izar* [sufixo formador de verbos]) = *descamelotizar*.

→ Derivação prefixal

34) Termo: *desconstrutivismo***Fonte:** G, 10/04/05**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “...*desconstrutivismo*, movimento pós-moderno, com origem na crítica literária, que propôs a ruptura brusca das formas.”**Comentário explicativo:** -----**Tipologia neológica:** neologismo lexical cultural, primário**Processo de formação:** prefixo *des-* (de origem latina, no sentido de ação contrária) + substantivo *construtivismo* = *desconstrutivismo*.

→ Derivação prefixal

35) Termo: *desfusão***Fonte:** G, 10/04/2005, 28/04/05, G, 21/04/05**Informações gramaticais:** substantivo feminino**Contexto:** “O movimento pela *desfusão* da antiga Guanabara tem sofrido baixas importantes desde que foi divulgada a logomarca da campanha – um desenho da saudosa capivara da Lagoa. Muitos acham que a escolha dela como símbolo acabou com a seriedade da proposta” // “Fusão, *desfusão* e muita confusão” // “Fusão, disfunção e *desfusão*”.**Comentário explicativo:** -----**Tipologia neológica:** neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: prefixo *des-* (de origem latina, no sentido de ação contrária) + substantivo *fusão = desfusão*.

→ Derivação prefixal

36) Termo: *desinformante*

Fonte: G, 19/04/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Por isso, é de se estranhar o *desinformante* e agressivo artigo ‘Jovem Guarda festeja sua inexistência’, a respeito do CD ‘Um barzinho, um violão’.”

Comentário explicativo: -----

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: prefixo *des-* (de origem latina, no sentido de ação contrária, negação) + adjetivo informante = *desinformante*.

→ Derivação prefixal

37) Termo: *desler*

Fonte: G, 23/10/05

Informações gramaticais: verbo

Contexto: “O Brasil perdeu a oportunidade de dar um bom exemplo ao mundo na questão das armas. Mas estou escrevendo sem saber qual foi o resultado do referendo. Pode ter dado o ‘Sim’. Neste caso, se você leu até aqui, *desleia*.”

Comentário explicativo: Texto elaborado antes do referendo acerca do desarmamento. Como o cronista, quando da redação, não sabe o resultado e se posiciona pelo “Sim”, no caso hipotético desse resultado, recomenda ao leitor que *desleia* o texto todo, que o desconsidere.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: prefixo *des-* (de origem latina, no sentido de ação contrária, negação) + verbo *ler = desler*.

→ Derivação prefixal

38) Termo: *deslumbrismo*

Fonte: G, 02/08/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “Compadrismo, invejismo e *deslumbrismo* nos jornais”.

Comentário explicativo: O autor do texto esclarece que *deslumbrismo* é o comportamento do tipo “eu falo bem porque está todo mundo falando bem, então não sou eu quem vai destoar”, ou seja, o indivíduo fica deslumbrado com a opinião da maioria.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *deslumbr[e]* + sufixo *-ismo* (denotando ideologia, modo de proceder).

→ Derivação sufixal

39) Termo: *desprofissionalizados*

Fonte: V, 10/03/04

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “Hoje, é ainda maior a proporção dos *desprofissionalizados*.”

Comentário explicativo: Referência aos graduados do ensino superior que não conseguem emprego em sua área de atuação e que, por isso, acabam *desprofissionalizados*

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: prefixo *des-* (de origem latina, ação contrária) + adjetivo *profissionalizados* = *desprofissionalizados*.

→ Derivação prefixal

40) Termo: *dirceuzista*

Fonte: G, 22/11/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “...o PT *dirceuzista* não se deterá.”

Comentário explicativo: Aquilo ou aquele que se revela adepto das idéias políticas de José Dirceu, ex-Chefe da Casa Civil do Presidente Lula.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: lexema *Dirceu* (tornado comum) + *-ista* (no sentido de sectário) = *dirceuzista*.

→ Derivação sufixal

41) Termo: *disque-extorsão*

Fonte: G, 10/01/06

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “Desarticulada quadrilha de *disque-extorsão*”.

Comentário explicativo: Prática desvendada de presidiários que praticavam extorsão por meio de celulares.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: *disque-* (verbo discar no modo imperativo, 3ª p. sing.) + substantivo *extorsão* = *disque-extorsão*.

→ Composição por justaposição hipotática

Observação: O elemento *disque-*, dada a sua produtividade sincrônica, tende a ser considerado “pseudoprefixo”.

42) Termo: *disque-saúde*

Fonte: G, 19/04/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “*Disque-saúde* vai agendar cirurgias eletivas no Rio”.

Comentário explicativo: O *disque-saúde* é um número de telefone colocado à disposição da população pelo Ministério da Saúde, a fim de dirimir dúvidas acerca de algumas doenças.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: *disque-* (verbo discar no modo imperativo, 3ª p. sing.) + substantivo *saúde* = *disque-saúde*.

→ Composição por justaposição hipotática

Observação: O elemento *disque-*, dada a sua produtividade sincrônica, tende a ser considerado “pseudoprefixo”.

43) Termo: *dizimão*

Fonte: G, 12/07/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “Escândalo do *dizimão*: a multiplicação das malas. Bispo da Universal, deputado do PFL, é detido com mais de R\$ 10 milhões em dinheiro vivo”.

Comentário explicativo: Escândalo posterior ao do *mensalão*, em que um bispo – também político – foi flagrado com alta soma em espécie dentro de malas.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, secundário

Processo de formação: substantivo *dízimo* + sufixo aumentativo *-ão* = *dizimão*.

→ Derivação sufixal

Observação: O verbete parte da analogia com o neologismo-base *mensalão*.

44) Termo: *duracelso*

Fonte: G, 02/05/2005

Informações gramaticais: substantivo

Contexto: “A maratona rendeu ao ministro o apelido de *Duracelso* (pilha de longa duração), dado por seus próprios assessores”.

Comentário explicativo: Referência ao chanceler Celso Amorim, que, em três meses, visitou 29 países.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: lexema indicativo de marca *dura[cel]* + lexema *[Cel]so* (tornado comum) = *duracelso*.

→ Composição por acoplação

45) Termo: *eco-limite*

Fonte: G, 07/10/05

Informações gramaticais: substantivo

Contexto: “Prefeitura anuncia novo prazo para desocupar área em Laranjeiras onde não se respeitam eco-limites”.

Comentário explicativo: Limites ecológicos fixados pelo poder público para evitar desmatamento.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: radical *eco-* (do grego *ekhó*, do latim *echo*) + substantivo *limite* = *eco-limites*.

→ Composição por justaposição.

Observação: Por coerência com a convenção ortográfica em vigor, o vocábulo deveria ser grafado sem hífen.

46) Termo: *esbarrashopping*

Fonte: G, 21/12/05

Informações gramaticais: substantivo

Contexto: “As ruas do Saara têm andado tão cheias nessa véspera de Natal que ganharam um apelido dos comerciantes da área: ‘Esbarrashopping’”.

Comentário explicativo: Referência humorística ao Barrashopping, centro comercial carioca a que costuma afluir um grande número de pessoas, principalmente em época natalina.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: verbo *esbarra[r]* (P3 do presente do indicativo) + *barrashopping* (empréstimo lingüístico) = *esbarrashopping*.

→ Composição por justaposição

Observação: *Shopping* é grafado na forma original e não há forma aportuguesada.

47) Termo: *Febelião*

Fonte: FSP, 20/03/05

Informações gramaticais: substantivo

Contexto: “O bom é que nunca mais vai ter rebelião na Febem. Então, vou sugerir nomes: *Febelião ...*”

Comentário explicativo: Coluna José Simão. Referência humorística às freqüentes rebeliões na Febem, instituição para menores infratores onde há fugas constantes.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: *Fe[bem]* + substantivo *[r]ebelião* = *Febelião*.

→ Composição por acoplação

Observação: Neologismo primário que guarda analogia com *Fogebem*, *Freebem* e *Fugabem* (q.v.).

48) Termo: *Fogebem*

Fonte: FSP, 20/03/05

Informações gramaticais: substantivo

Contexto: “O bom é que nunca mais vai ter rebelião na Febem. Então, vou sugerir nomes: *Febelião, Fogebem...*”

Comentário explicativo: Referência humorística às freqüentes rebeliões na Febem, instituição para menores infratores onde há fugas constantes.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: verbo *foge* (fugir – P3 do presente do indicativo) + *[Fe]bem* = *Fogebem* (q.v.).

→ Composição por acoplação

Observação: Neologismo primário que guarda analogia com *Febelião*, *Freebem* e *Fugabem*.

49) Termo: *Freebem***Fonte:** FSP, 20/03/05**Informações gramaticais:** substantivo**Contexto:** “O bom é que nunca mais vai ter rebelião na Febem. Então, vou sugerir nomes: *Febelião, Fogebem, Freebem...*”**Comentário explicativo:** Referência humorística às freqüentes rebeliões na Febem, instituição para menores infratores onde há fugas constantes.**Tipologia neológica:** neologismo lexical literário, primário**Processo de formação:** *free* (empréstimo lingüístico, livre em inglês) + [*Fe*]bem = *Freebem*.
→ Composição por acoplação (com hibridismo)**Observações:** Neologismo primário que guarda analogia com *Febelião, Fogebem* e *Fugabem* (q.v.).**50) Termo:** *Fugabem***Fonte:** FSP, 20/03/05**Informações gramaticais:** substantivo**Contexto:** “O bom é que nunca mais vai ter rebelião na Febem. Então, vou sugerir nomes: *Febelião, Fogebem, Freebem* e *Fugabem...*”**Comentário explicativo:** Referência humorística às freqüentes rebeliões na Febem, instituição para menores infratores onde há fugas constantes**Tipologia neológica:** neologismo lexical literário, primário**Processo de formação:** substantivo *fuga* + [*Fe*]bem = *Fugabem*

→ Composição por acoplação

Observação: Neologismo primário que guarda analogia com *Febelião, Fogebem* e *Freebem* (q.v.).**51) Termo:** *funkar-se***Fonte:** G, 23/11/05**Informações gramaticais:** verbo pronominal**Contexto:** “*Funk-se* quem puder.”**Tipologia neológica:** neologismo lexical literário, primário**Comentário explicativo:** Referência à violência nos bailes *funk* da cidade do Rio de Janeiro.**Processo de formação:** *funk* (empréstimo lingüístico, que denota ritmo musical) + sufixo

verbal *-ar = funkcar-se*

→ Derivação sufixal

Observação: A grafia da língua inglesa foi conservada na derivação.

52) Termo: *geracional*

Fonte: G, 07/05/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Que bela saga, que começa mas não termina, sobre as trocas *geracionais*. Fernanda mãe e filha alternando-se nos papéis”.

Comentário explicativo: Referência à troca entre gerações que envolve Fernanda Montenegro e Fernanda Torres, mãe e filha na vida real.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *geraç[ão]* + ion + sufixo *-al* (pertencente a) = geracional.

→ Derivação por sufixação

53) Termo: *glotofobia*

Fonte: G, 01/01/06

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “*Gltofobia*: ‘Falei, e muito, em 2005. Silêncio, no meu caso, é injúria’”.

Comentário explicativo: Veríssimo, de forma humorística, tece comentários acerca do medo de expor as próprias opiniões, declarando-se avesso a essa prática.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *glot[e]* (abertura triangular na parte mais estreita da laringe, circunscrita pelas duas pregas vocais inferiores, segundo *Houaiss*, aqui usada no sentido figurado) [o] + *-fobia* (origem grega, no sentido de temor) = *gltofobia*.

→ Composição por acoplação

54) Termo: *googledependente*

Fonte: G, 08/02/06

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Virei um homem *googledependente*.”

Comentário explicativo: Referência à dependência relativa ao site de busca Google. Neologismo advindo da área da informática.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: *google* (empréstimo lingüístico) + adjetivo dependente = *googlede-
pendente*.

→ Composição por justaposição

Observação: Com manutenção da grafia em inglês do primeiro elemento, diante do improvável aportuguesamento “gúgol”.

55) Termo: *governo-bicho-papão-de-esquerda*

Fonte: G, 25/06/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “[...] a catarse de um país adolescente ultrapassando uma difícil e decisiva etapa para a maturidade política ao derrubar, no voto, com o apoio da maioria da sociedade, o grande tabu do *governo-bicho-papão-de-esquerda*”.

Comentário explicativo: Alusão ao medo que algumas pessoas expressaram diante da eventual eleição do candidato Lula, político de esquerda, ao cargo de presidente da República.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: locução *governo de esquerda* + substantivo masculino *bicho-papão* = *governo-bicho-papão-de-esquerda*.

→ Composição por justaposição sucessiva

Observação: No processo de formação do novo elemento, houve um deslocamento de *bicho-papão* para o interior do sintagma *governo de esquerda*, para que o elemento precedido por preposição (de esquerda) pudesse posicionar-se à direita, confirmando o paradigma dos compostos com preposição *de* e marcando a relação atributiva de *bicho-papão* em relação apenas a *governo*.

56) Termo: *ibirabesteira*

Fonte: G, 17/10/2005

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “Acha que tudo não passa de anhangaburrice, *ibirabesteira*”.

Comentário explicativo: Referência a pessoas que, segundo o cronista, recusam-se a ir a São Paulo pela mania lá existente de chamar tudo de “Anhangá” e “Ibira”.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *ibira* (de *embira*, origem indígena, “várias árvores e ar-

bustos que ocorrem no Brasil”) + substantivo *besteira* = *ibirabesteira*.

→ Composição por justaposição (com hibridismo)

57) Termo: *invejismo*

Fonte: G, 02/08/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: Manchete: “Compadrismo, *invejismo* e deslumbrismo nos jornais.”

Comentário explicativo: O *invejismo*, segundo o autor do texto, seria uma prática bastante comum na mídia do tipo “está todo mundo falando bem, então vou falar mal, porque senão ele acaba ocupando o meu lugar”.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *inveja* + sufixo *-ismo* (denotando ideologia, modo de proceder) = *invejismo*

→ Derivação sufixal

58) Termo: *juridiquês*

Fonte: G, 10/04/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “AMB fará campanha para banir o *juridiquês* de tribunais brasileiros” // “Abaixo o *juridiquês*”

Comentário explicativo: *Juridiquês* é a redação rebuscada que se escreve nos tribunais, muitas vezes de forma ininteligível para os que estão fora do campo jurídico.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: adjetivo *jurídico* + sufixo *-ês* (idioma) = *juridiquês*.

→ Derivação por sufixação

59) Termo: *lilás-cheguei*

Fonte: G, 03/08/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “X parece ter um gosto especial por gravatas, digamos, berrantes. Ontem, no depoimento de Y, usou uma meia rosa fosforescente, parecida com a *lilás-cheguei* que exibiu em sua fala na mesma Comissão de Ética.”

Comentário explicativo: Referência a cores exuberantes.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: adjetivo *lilás* + verbo *chegar* (utilizado na P1 do pret. perfeito, no sentido de espalhafatoso, chamativo, berrante) = *lilás-cheguei*.

→ Composição por justaposição

Observação: O uso de “cheguei” no papel adjetivo está registrado no *Dicionário Houaiss* e é adotado com frequência na linguagem coloquial. O composto contém como segundo elemento uma forma do verbo chegar gramaticalizada como adjetivo e que não admite flexão nem como verbo nem como nome: *lilás-chegamos**, *lilás-chegueis**.

60) Termo: *logodesafio*

Fonte: G, 27/03/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “*Logodesafio*”

Comentário explicativo: Título de um jogo do tipo “caça-palavras”, veiculado diariamente no jornal *O Globo*.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: *logos* (do grego *logos* + substantivo *desafio*) = *logodesafio*.

→ Composição por justaposição

61) Termo: *lulante*

Fonte: FSP, 27/02/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio *lulante*”.

Comentário explicativo: Trocadilho à locução de uso corrente óbvio *ululante*, referindo-se à linguagem utilizada pelo presidente Lula.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: lexema *[u]lul[ar]* + sufixo *-nte* (formador do antigo particípio latino, mantendo valor adjetivo quando evoluiu para o português) = *lulante*.

→ Derivação sufixal

Observação: Referência intertextual à expressão “óbvio *ululante*”, consagrada pelo dramaturgo Nelson Rodrigues.

62) Termo: *lulês***Fonte:** FSP, 27/02/05**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “O *lulês* é mais fácil que o inglês”.**Comentário explicativo:** Criação do verbete para designar a modalidade de língua utilizada pelo presidente Lula, que, por não ter muita escolaridade, é frequentemente criticado na mídia.**Tipologia neológica:** neologismo lexical literário, primário**Processo de formação:** lexema *Lula* (tornado comum) + sufixo *-ês* (indicativo de idioma) = *lulês*.

→ Derivação sufixal

63) Termo: *lulificação***Fonte:** G, 01/05/2005**Informações gramaticais:** substantivo feminino**Contexto:** “Baixou um espírito relativista nas cabeças das pessoas que defendem a possibilidade, quase a certeza, de o papa Bento 16 fazer um pontificado com idéias diferentes daquelas defendidas pelo cardeal Joseph Ratzinger. Em bom português, espera-se o milagre da *lulificação* do papa. Era uma coisa e, no trono, virou outra.”**Comentário explicativo:** Época da escolha do novo papa. Alusão ao fato de Joseph Ratzinger, conhecido por suas idéias ultraconservadoras, fazer um pontificado diferente do que pregava anteriormente. Daí a analogia com Lula – cujo mandato, segundo os críticos, revela-se diferente de sua candidatura.**Tipologia neológica:** neologismo lexical literário, primário**Processo de formação:** lexema *Lula* (tornado comum) → *lulificar* ([lul]a + (i)ficar) → *lulificação*.

→ Derivação sufixal sucessiva

Observação: Considerando-se a criação do verbo transitório *lulificar*.**64) Termo:** *lulocêntrica***Fonte:** G, 01/01/06**Informações gramaticais:** adjetivo**Contexto:** “Dentro da Teoria *Lulocêntrica* do Universo, a ordem do produto altera os fatores.

Ele acha que um dia o Brasil crescerá, porque ele é presidente. O que aconteceu no terceiro trimestre de 2005 foi uma curva fora do ponto.”

Comentário explicativo: Trata-se de um modo de ver do presidente em que tudo giraria em torno dele. Analogia à teoria concêntrica do universo.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: lexema *Lul[a]* + (o) + adjetivo [*con*]cêntrica = *lulocêntrica*

→ Composição por acoplação

65) Termo: *macunaísmo*

Fonte: G, 02/08/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “O que há hoje, em geral, nas páginas dos suplementos culturais dos grandes jornais [...] o *macunaísmo* – ‘não falo de ninguém porque não há absolutamente nada de interessante no cenário atual da literatura brasileira’.”

Comentário explicativo: O *macunaísmo* seria o comportamento da mídia do tipo descrito acima.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *macunaíma* + sufixo *-ismo* = *macunaísmo*.

→ Derivação sufixal

66) Termo: *medievália*

Fonte: G, 18/06/05

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “O violão é um instrumento obsoleto, disse-me o alternativo Mr. Y, num delírio medonho, as luzes se apagarem e a *medievália* se instalar num instante”.

Comentário explicativo: Alusão ao movimento da tropicália e ao aspecto medieval, segundo opinião do autor, do uso do violão na música.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: adjetivo *medieval* + substantivo [*tropic*]ália = *medievália*.

→ Composição por acoplação

67) Termo: *megashow***Fonte:** G, 08/05/05**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “O *megashow* na Praia de Copacabana, em fevereiro, será apresentado lá como o ‘mais importante da turnê’”.**Comentário explicativo:** Referência a um show estrondoso, magnífico.**Tipologia neológica:** neologismo lexical cultural, primário**Processo de formação:** prefixo *mega* + *show* (empréstimo lingüístico) = *megashow*.

→ Derivação prefixal (com hibridismo)

Observação: *Show* é grafado na forma original e não há forma aportuguesada.**68) Termo:** *megassucesso***Fonte:** G, 01/01/06**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “Cameron Diaz faz Bonequinho começar a rir: o *megassucesso* ‘Quem vai ficar com Mary?’ dá partida à nova coleção de DVDs de filmes cômicos de *O Globo*”.**Comentário explicativo:** Sucesso estrondoso.**Tipologia neológica:** neologismo lexical cultural, primário**Processo de formação:** prefixo *mega* + *sucesso* = *megassucesso*.

→ Derivação prefixal

69) Termo: *mensalão***Fonte:** G, 21/06/05 e um sem-número de incidências**Informações gramaticais:** substantivo masculino**Contexto:** “[...] e o Genu, o recém-chegado “João Mercedão”, valete nos repasses na pensão do José Jatene, do *mensalão*, esse nome proxenético como uma menstruação”.**Comentário explicativo:** *Mensalão*: mesada de R\$30 mil que, segundo denúncias do deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ), teria sido paga por dirigentes do PT e deputados do PP e do PL, partidos aliados, para que votassem de acordo com a orientação do governo (definição encontrada no site oficial www.senado.gov.br).¹⁴⁴ Na wikipédia,¹⁴⁵ encontramos tanto a defi-

¹⁴⁴ Acesso em 25 de novembro de 2005.¹⁴⁵ <http://pt.wikipedia.org>.

nição de *mensalão* (suposta mesada paga a deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Executivo), como o sintagma *escândalo do mensalão* (nome dado à crise política sofrida pelo governo brasileiro em 2005).

Tipologia neológica: neologismo lexical/semântico literário, secundário

Processo de formação: adjetivo *mensal* + sufixo aumentativo *-ão* = *mensalão*

→ Derivação sufixal

Observação: (a) A formação é inusitada, pois troca o gênero da palavra-base; (b) O termo *mensalão* deve ser considerado neologismo semântico ou de sentido porque o vocábulo já existia previamente com outro significado, como se pode comprovar em www.receita.fazenda.gov.br: *mensalão* é “um recolhimento facultativo que pode ser efetuado pelo contribuinte para antecipar o pagamento do imposto devido na Declaração de Ajuste anual, no caso de recebimento de duas ou mais fontes pagadoras pessoa física e jurídica, ou mais de uma pessoa jurídica”.

70) Termo: *merlotnização*

Fonte: G, 27/03/05

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “A padronização a que se refere poderia ser traduzida como a *merlotnização* dos tintos, o que significa dizer que em todo o mundo prevalecem as características das uvas, que, cada vez mais, compõem cortes.”

Comentário explicativo: Alusão à qualidade de vinhos da marca *merlot* e ao conseqüente processo de os fabricantes se esforçarem por tornar os demais parecidos com esse tipo.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *merlot* (marca de vinho) → verbo *merlotniza[r]* (formação transitória) + sufixo *-ção* = *merlotnização*.

→ Derivação sufixal sucessiva

Observação: O paradigma de formação exigiria a presença de uma vogal de ligação *-i-* (*merlot + i + nização*). No entanto, para preservar o elemento gráfico caracterizador da marca, o autor manteve a grafia original.

71) Termo: *mesadão*

Fonte: V, 20/07/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “O *mesadão* que os petistas recebiam no banco”.

Comentário explicativo: Uma espécie de *mesadão*, variação de *mensalão*, só que pago como um mimo para custear as despesas pessoais de integrantes do partido do governo.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, secundário

Processo de formação: substantivo *mesada* + sufixo aumentativo *-ão* = *mesadão*

→ Derivação sufixal

Observação: A formação é inusitada porque há troca de gênero com a aposição do sufixo *-ão* no lugar de *-ona* (*mesadona*).

72) Termo: *mijônibus*

Fonte: G, 02/11/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “*Mijônibus*: Já se viu todo tipo de mijão no Rio. Mas este, veja só, passou dos limites. Ontem, por volta de 15h, num ônibus da linha 582 (Éden-Central), em plena Av. Brasil, na altura do Caju, um sujeito pôs o, digamos, baixinho folgado para fora e, chuáááá, fez pipi ali mesmo, a bordo! Há testemunhas”.

Comentário explicativo: Coluna do jornalista Ancelmo Góis. Referência humorística a um fato ocorrido no Rio de Janeiro, em que um indivíduo urinou dentro do ônibus, na frente dos demais passageiros.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *mijo* + substantivo [*ô*]*nibus* = *mijônibus*.

→ Composição por acoplação

73) Termo: *mosquitópolis*

Fonte: G, 20/08/05

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “Veranico faz do Rio uma *Mosquitópolis*: sem fumacê, bairros perto de matas ou recortados por canais assoreados sofrem com pernilongos.”

Comentário explicativo: Alusão à invasão de mosquitos na cidade do Rio de Janeiro, provocada por um calor fora de época em agosto de 2005.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *mosquito* + *pólis* (do radical grego *polis*, cidade) = *Mosquitópolis*.

→ Composição por justaposição

74) Termo: *multi-homem*

Fonte: G, 22/04/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “As aventuras de um *multi-homem* dos Pampas.”

Comentário explicativo: Alusão a um homem com múltiplos talentos. No caso específico, o compositor Totonho Villeroy, produtor de diversos gêneros musicais

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: prefixo *multi-* + substantivo *homem* = *multi-homem*.

→ Derivação prefixal

75) Termo: *multiinstrumentista*

Fonte: G, 18/01/06

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “*Multiinstrumentista*, Jones era peça fundamental.”

Comentário explicativo: Referência ao talento musical de Jones, instrumentista do Grupo Rolling Stones.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: prefixo *multi-* + substantivo *instrumentista* = *multiinstrumentista*.

→ Derivação prefixal

76) Termo: *não-índio*

Fonte: G, 10/04/05.

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “Tampouco é preconceito dizer que os índios não são bons por natureza, não têm os defeitos dos *não-índios* e sua vida não é melhor que a nossa.”

Tipologia neológica: Alusão ao aspecto de humanidade nos índios.

Processo de formação: prefixo *não-* + substantivo *índios* = *não-índios*.

→ Derivação prefixal

77) Termo: *não-informado*

Fonte: G, 19/02/06

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “Ele percebeu e virou o discurso para a massa dos *não-informados*”.

Comentário explicativo: Referência aos desinformados.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: prefixo *não-* + *informados* = *não-informados*.

→ Derivação prefixal

78) Termo: *não-residente*

Fonte: G, 12/08/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Israel fecha Gaza a judeus *não-residentes*”.

Comentário explicativo: Referência à proibição de entrada a judeus que não residem na Faixa de Gaza.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: prefixo *não-* + adjetivo *residente* = *não-residente*.

→ Derivação prefixal

79) Termo: *palocciana*

Fonte: G, 17/11/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “*Paloccianas* I, II e III: a audiência de Palocci ontem no Senado foi igual à Batalha de Itararé, aquela que não houve”.

Comentário explicativo: Referência a informações que têm como tema o ministro Antonio Palocci.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: lexema *Palocci* + sufixo *-ano(a)* (designativo de origem, sectarismo, semelhança) = *paloccianas*.

→ Derivação sufixal

Observação: Por se tratar de um nome próprio, foi mantida a grafia original do antropônimo na formação do novo vocábulo.

80) Termo: *panfletarismo*

Fonte: G, 02/05/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “São uns hinos longos, apinhados de improvisos e de brados contra a alienação, mas sem *panfletarismo*”.

Comentário explicativo: Ato de panfletar, distribuir panfletos.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: verbo *panfletar* + sufixo *-ismo* = *panfletarismo*.

→ Derivação sufixal.

Observações: A formação panfletismo, a partir do substantivo panfleto, está dicionarizada.

81) Termo: *papo-rotweiller*

Fonte: G, 25/04/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Vinha voando no meu carro quando vi pela frente o Hugo Sukman e o Jerry Adriani brigando nas páginas do Globo porque a Jovem Guarda era isso, porque a Jovem Guarda estava fazendo 40 anos e não era aquilo outro que julgava ser. Me apeguei com meu santinho, pedi ‘bênção, Wanderléa’, que o papa ficou *papo-rotweiller* demais para minha adoração”.

Comentário explicativo: Referência humorística à eleição do Papa, integrante de uma corrente mais conservadora da Igreja Católica e considerado rígido em relação a antigos valores. Alusão a *rotweiller*, raça de cães que costuma ser brava.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *papo* (no sentido de conversa) + *rotweiller* (empréstimo lingüístico).

→ Composição por justaposição (com hibridismo)

Observação: Com manutenção da grafia em inglês do primeiro elemento, diante do improvável aportuguesamento “rotvailer”.

82) Termo: *personal-psi*

Fonte: G, 17/10/2005

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “O ‘eu’, como diria meu *personal-psi*, é um cara extenuante.”

Comentário explicativo: Referência a um *personal-trainer* psicológico.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, secundário

Processo de formação: *personal[-trainer]* (empréstimo lingüístico) + *psi* (forma reduzida de

psicológico) = *personal-psi*.

→ Composição por justaposição (com hibridismo).

Observação: Com manutenção da grafia em inglês do primeiro elemento.

83) Termo: *praçarela*

Fonte: G, 06/02/06

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “Os bairros Maracanã, Tijuca, Mangueira e São Cristóvão ganharão em breve oito *praçarelas*”.

Comentário explicativo: Referência a passarelas enormes, de até cem metros de largura, com área de lazer, praça de alimentação e lojas que serão vendidas para financiar o empreendimento, a serem construídas no Rio de Janeiro.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *praça* + substantivo [*passa*]*rela* = *praçarela*.

→ Composição por acoplação

Observação: Com aproveitamento da semelhança fônica entre os dois substantivos formadores.

84) Termo: *proibidão*

Fonte: JB, 17/04/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Lista as variantes do *funk*: do *melody* aos *proibidões*.”

Comentário explicativo: Referência a uma variante do *funk* surgida na década de 1990 nas favelas do Rio de Janeiro. Comercializado de forma clandestina, os *proibidões* tratam da realidade das comunidades onde ocorre tráfico. Esse estilo musical glorifica os feitos dos traficantes contra a polícia.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: adjetivo *proibido* + sufixo superlativo *-ão* = *proibidão*

→ Derivação sufixal

85) Termo: *pseudo-integração*

Fonte: G, 13/11/05

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “Na própria Paris central existem bairros inteiros de imigrantes e descendentes de imigrantes que convivem mais ou menos em paz. Numa zona como a da famosa Place Pigalle você vê gente na rua de mais raças do que sabia que existiam. Mas esta diversidade faz parte do folclore cosmopolita da cidade, não ameaça. Os *banlieus* são outra coisa. Não são redimidos nem pelo pitoresco nem pela proximidade com o centro. Sua posição em relação a Paris é uma metáfora perfeita para a *pseudo-integração* de muçulmanos e outras minorias na sociedade francesa.”

Comentário explicativo: Crítica à disposição dos bairros em Paris, que separam as elites das outras minorias.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: *pseudo* (do grego *pseûdo*, no sentido de mentira, falsidade) + substantivo *integração* = *pseudo-integração*.

→ Composição por justaposição

Observação: O elemento *pseudo-*, dada a sua produtividade sincrônica, tende a ser considerado “pseudoprefixo”.

86) Termo: *pseudoliberal*

Fonte: G, 17/05/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “No início, eu achava que Ronaldinho amava muito Daniella [...]. Depois, parei de acreditar no amor dos dois. Sempre percebi uma ponta de depressão e dúvida nos sorrisos escancarados, uma pequena sombra de receio em seus olhos lindos, como se estivesse sob as ordens da imprensa, mais além de sua liberdade. E, nele, eu vi um desejo excessivo, voraz, na conquista da branca mais cobiçada. Não quero saber quem largou quem, se ela era interesseira ou não. Falo de um contexto *pseudo-liberal* que não suportou o caso fora do padrão do mercado romântico. O caso dos dois me pareceu irreal, diante desse amor de mercado que temos hoje, onde o sentimento é apenas uma fachada para a fama ou a grana”.

Comentário explicativo: Crônica abordando a separação conjugal do jogador Ronaldinho e de Daniella Cicarelli.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: *pseudo* (do grego *pseûdo*, mentira, falsidade) + adjetivo *liberal* = *pseudoliberal*.

→ Composição por justaposição

Observação: O elemento *pseudo-*, dada a sua produtividade sincrônica, tende a ser considerado “pseudoprefixo”.

87) Termo: *publicitário-lobista*

Fonte: V, 20/07/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “O petista X, que andava silencioso, enrola-se com três visitas de sua mulher ao Rural e gastos com o *publicitário-lobista*”.

Comentário explicativo: Alusão a Marcos Valério, envolvido no esquema do *mensalão* e do *valerioduto*.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *publicitário* + adjetivo *lobista* = *publicitário-lobista*.

→ Composição por justaposição.

88) Termo: *quadrupinho*

Fonte: G, 28/04/05

Informações gramaticais: substantivo

Contexto: “É um *quadrupinho* valente e duro na queda, que, tenho fé, logo conseguirá se levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima”.

Comentário explicativo: Forma afetiva de nomear o gato da cronista, no lugar de quadrúpede ou quadrupedezinho.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo quadrúp[ede] + sufixo diminutivo *-inho*.

→ Derivação sufixal

Observação: De acordo com as regras de formação de palavras, o diminutivo seria formado com (z)inho → quadrupedezinho. O efeito obtido, mais próximo da coloquialidade, aponta a supressão da sílaba átona postônica final, com o intuito de marcar a afetividade.

89) Termo: *quase-piada*

Fonte: G, 10/04/05

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “Mesmo com um cardeal brasileiro valendo 3 por 1 nas casas de apostas que investem na eleição do próximo papa, não deixou de ser surpreendente ver a expressão de alegria,

os risos e as *quase-piadas* que nossos representantes no concílio fizeram ao embarcar para Roma”.

Comentário explicativo: Comentário crítico acerca da comitiva que se dirigia a Roma, para o enterro do papa.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: prefixo *quase* + substantivo *piadas* = *quase-piadas*.

→ Derivação prefixal

90) Termo: *raboplégico*

Fonte: G, 01/05/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Um acidente cirúrgico ou choque anafilático pode deixar o paciente *raboplégico* para sempre”.

Comentário explicativo: Crônica humorística.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *rabo* (no sentido de nádegas) + adjetivo [*parap*]légico = *raboplégico*.

→ Composição por acoplação

91) Termo: *recuperação-relâmpago*

Fonte: G, 02/11/05

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “*Recuperação-relâmpago*: Maluf alegou dores de estômago para sair da prisão.”

Comentário explicativo: Referência ao fato de Maluf ter alegado problemas de estômago para sair da prisão e, dias depois de ter sido colocado em liberdade, estar comendo pastéis e tomando cerveja em um bar paulista.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *recuperação* + substantivo *relâmpago* = *recuperação-relâmpago*.

→ Composição por justaposição

92) Termo: *Rio-centrismo***Fonte:** G, 28/05/05**Informações gramaticais:** substantivo**Contexto:** “História que desafia o *Rio-centrismo*: Cabral de Mello destrincha lideranças de Pernambuco que foram contra a centralização do país na Independência”.**Comentário explicativo:** Evaldo Cabral de Mello, autor do livro *A outra independência* alude à tradição secular de nos isolarmos no Sudeste na hora de estudar a Independência, uma interpretação do nascimento da nação graças ao brilho de gente nascida no eixo Rio-SP-Minas.**Tipologia neológica:** neologismo semântico // lexical, secundário**Processo de formação:** *Rio* (forma abreviada de Rio de Janeiro) + substantivo *centrismo* = *Rio-centrismo*.

→ Composição por justaposição

Observação: *Centrismo* é um neologismo semântico. Segundo o *Dicionário Houaiss*, trata-se de uma atitude, concepção ou orientação política equidistante de posições extremadas. Aqui, refere-se a uma idéia de centralização, de concentração dos expoentes políticos no Rio de Janeiro.**93) Termo:** *Rockgol***Fonte:** JB, 10/04/05**Informações gramaticais:** substantivo**Contexto:** “Na esteira de *Rockgol*, TVs investem em programas que misturam humor e futebol”.**Comentário explicativo:** Referência a um programa de televisão que mistura humor, música e futebol.**Tipologia neológica:** neologismo lexical literário, primário**Processo de formação:** *rock* (empréstimo lingüístico) + *gol* (empréstimo lingüístico) = *rockgol*.

→ Composição por justaposição

Observação: Com manutenção da grafia em inglês. Ademais, neste caso, o aportuguesamento do elemento *rock* geraria uma homonímia com o substantivo vernáculo *roque*, o que contribui para conservar a grafia em inglês.

94) Termo: *sangue-ruim*

Fonte: JB, 17/04/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Zé Pequeno, o traficante *sangue-ruim* que ele incorporava no longa sobre o universo do tráfico.”

Comentário explicativo: Alusão à gíria utilizada *sangue-bom*, também um neologismo.

Tipologia neológica: neologismo lexical, secundário

Processo de formação: substantivo *sangue* + adjetivo *ruim* = *sangue-ruim*.

→ Composição por justaposição

Observação: O processo explora a antonímia dos elementos bom/ruim, partindo da gíria *sangue-bom*.

95) Termo: *seguro-apagão*

Fonte: G, 24/12/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “Consumidores de São Paulo vão pagar *seguro-apagão*”.

Comentário explicativo: Trata-se de um encargo de capacidade cobrado mensalmente nas contas de energia de todos os consumidores, exceto os classificados como baixa renda. O objetivo da cobrança é a manutenção de usinas termelétricas emergenciais disponíveis para gerar energia elétrica em caso de ameaça ao abastecimento.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *seguro* + substantivo *apagão* (blecaute) = *seguro-apagão*.

→ Composição por justaposição

96) Termo: *semanão*

Fonte: G, 22/12/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “CPI: *valerioduto* financiou *semanão* e troca de partidos”.

Comentário explicativo: *Semanão* é um termo criado em analogia a *mensalão*, relativo a um apontado desvio de verba semanal direcionado a parlamentares.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, secundário

Processo de formação: substantivo *semana* + sufixo aumentativo *-ão*.

→ Derivação sufixal

Observação: A formação é inusitada, pois troca o gênero da palavra-base.

97) Termo: *sem-barraca*

Fonte: G, 22/04/05

Informações gramaticais: substantivo de dois gêneros e dois números

Contexto: “Os *sem-barraca* dos Estados Unidos: chuva atrapalha grupo Amigos do MST na montagem de acampamento em Washington”.

Comentário explicativo: Referência a um grupo que defende o movimento dos sem-terra que se atrapalhou com a montagem de sua barraca nos Estados Unidos, além de ter sido pego de surpresa com uma chuva repentina, que também dificultou o acampamento.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: prefixo *sem-* + substantivo *barraca* = *sem-barraca*.

→ Derivação prefixal.

98) Termo: *sem-calçada*

Fonte: G, 30/01/06

Informações gramaticais: substantivo de dois gêneros e dois números

Contexto: “O MSC, Movimento dos *Sem-Calçada*, chega hoje, acredite, a... Paris.”

Comentário explicativo: Comentário humorístico do colunista Ancelmo Góis aludindo à necessidade de se fazer um movimento brasileiro contra os “quarteirões franceses, sempre superocupados por mesas, cadeiras, toldos, geladeiras, flores e muito mais”.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: prefixo *sem-* + substantivo *calçada* = *sem-calçada*.

→ Derivação prefixal

99) Termo: *sem-concurso*

Fonte: G, 25/04/05

Informações gramaticais: substantivo de dois gêneros e dois números

Contexto: “Partidários dos *sem-concurso*”.

Comentário explicativo: Trata-se de uma matéria-denúncia acerca da existência de cerca de 72% servidores na Câmara e no Senado que ocupam cargos políticos sem terem prestado concurso público, requisito previsto na Constituição Federal de 1988.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: prefixo *sem-* + substantivo *concurso* = *sem-concurso*.

→ Derivação prefixal

100) Termo: *seqüestro-relâmpago*

Fonte: G, 03/08/05

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “E não saindo, evitam-se balas perdidas, tiroteios em vias expressas, *seqüestros-relâmpagos*, arrastões...”

Comentário explicativo: Referência a uma modalidade de crime de seqüestro em que a vítima é levada a percorrer caixas-eletrônicos e sacar dinheiro.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *seqüestro* + substantivo *relâmpago* = *seqüestros-relâmpagos*.

→ Composição por justaposição

101) Termo: *sonoplastrilha*

Fonte: G, 07/05/05

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “Mas a trilha Sonora, sonoplástica (*sonoplastrilha*, e perdoem o infame arroubo), de João Barone enche de grandiosidade esse que é talvez o melhor filme brasileiro dos últimos, sei lá quantos, mas muitos anos”.

Comentário explicativo: Alusão ao filme “Casa de Areia”.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *sonoplas[tia]* + substantivo *trilha* = *sonoplastrilha*

→ Composição por acoplação

102) Termo: *sub-urbana*

Fonte: G, 27/05/05

Informações gramaticais:

Contexto: “No mesmo CD, havia dois certos polaróides da vida *sub-urbana* carioca.”

Comentário explicativo: -----

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: Decomposição de *suburbana*, com afixação de hífen.

Observação: O uso do hífen confere à palavra *suburbana* uma característica mais nítida do prefixo *sub* (abaixo de), uma retomada de sua etimologia.

103) Termo: *sucolé*

Fonte: G, 19/01/06

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “*Sucolé* do verão”.

Comentário explicativo: Referência à comercialização nas praias cariocas de uma espécie de picolé no saco plástico.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *suco* + substantivo [*saco*]*lé* = *sucolé*.

→ Composição por acoplação

104) Termo: *supersambista*

Fonte: G, 17/01/06

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “X, o *supersambista*, recebe, *todo-todo*, um ‘cheiro’ da linda modelo Thaís Damaso na área VIP do Senai no Fashion Rio.”

Comentário explicativo: Referência ao talento artístico de X, considerando um sambista muito bom.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: prefixo *super-* (origem latina, superioridade) + adjetivo *sambista* = *supersambista*.

→ Derivação prefixal

105) Termo: *supositória*

Fonte: F, 20/03/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Então medida provisória mudou de nome para medida *supositória*!”

Comentário explicativo: De caráter humorístico, alusão pejorativa ao fato de a medida provisória ser prejudicial à população.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: *suposit[óri][o] + [provis][óri]a = supositória.*

→ Composição por acoplação.

106) Termo: *toda-toda*

Fonte: G, Coluna “Ancelmo Góis”, 01/10/05, 05/12/05, 03/01/06 (e muitas outras incidências)

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Karina Bacchi, a atriz *toda-toda*, mostra como faz para deixar seu cabelo cheio de cachos nos bastidores da Semana de Moda Grande Rio Shopping” // “Adriane Galisteu, a rainha da bateria *toda-toda* da Acadêmicos da Rocinha, ataca de ritmista entre seus ‘súditos’ na festa de apresentação das fantasias, na quadra da escola, no sábado” // “Veja só como Ana Hickmann excede em beleza. A modelo vai aparecer assim, *toda-toda*, na novela ‘Prova de Amor’, da TV Record. O capítulo vai ao ar dia 12.”

Comentário explicativo: O colunista criou *toda-toda* para expressar algo muito bom. Seu emprego equivale a uma adjetivação positiva, geralmente em relação a figuras femininas. Produz efeito estilístico, podendo-se considerar uma marca sempre presente em sua escrita.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: *toda + toda = toda-toda.*

→ Composição por reduplicação

107) Termo: *treineiro*

Fonte: V, 11/02/04

Informações gramaticais: substantivo

Contexto: “Em 2002, Raul já havia prestado vestibular da Universidade de São Paulo na condição de *treineiro*, como são chamados os que se submetem ao teste antes da hora”.

Comentário explicativo: -----

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *treino* + sufixo *-eiro* (variante de *-ário*, no sentido de = *treineiro*).

→ Derivação por sufixação.

108) Termo: *tucanato*

Fonte: G, 20/12/05, 19/02/06

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “O *tucanato* continua acreditando que o Padre Eterno concedeu-lhe um habeas-caixa.”

Comentário explicativo: Referência aos partidários do PSDB, chamados tucanos (neologismo semântico).

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, secundário

Processo de formação: substantivo *tucano* + sufixo *-ato* (variação do sufixo *-ado*, no sentido de abundância) = *tucanato*.

→ Derivação sufixal

109) Termo: *vaguitude*

Fonte: G, 06/02/06

Informações gramaticais: substantivo feminino

Contexto: “O medo, a absoluta certeza de constatar que o amor é feito de mãos e dentes, o resto se desfaz na *vaguitude* dos espíritos, no desespero das saudades, na obsessão eterna, amém”.

Comentário explicativo: Referência a vaguidão, vagueza ou vaguidade

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *vaguidão* + sufixo *-(i)tude* (indicativo de propriedade, qualidade) = *vaguitude*.

→ Derivação sufixal

110) Termo: *valerioduto*

Fonte: G, 13/11/05, 26/10/05, 12/08/05, 03/08/05, 07/12/05, 02/11/05, 22/12/05 e muitas outras incidências

Informações gramaticais: substantivo masculino

Contexto: “A conexão Angola do *valerioduto*” // “*Valerioduto* derruba tucano” // “Petistas e *valerioduto* usaram esquema em paraísos fiscais” // “*Valerioduto* repassava dinheiro regularmente” // “Do *valerioduto* para a Coteminas” // “Escândalo do *valerioduto* tem primeiro inocentado”.

Comentário explicativo: Contexto político dentro dos escândalos ocorridos no ano de 2005. Significa o esquema de repasse de recursos financeiros operado pelo empresário Marcos Valério, que proporcionava a arrecadação de verbas para o pagamento do *mensalão*.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, secundário

Processo de formação: lexema *Valério* + *-duco(t)* (radical de origem latina *duco*, com alteração do c → t, no sentido de conduzir através de) = *valerioduto*.

→ Composição por justaposição

111) Termo: *viajandona*

Fonte: G, 06/02/06

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Para eles, a *seqüelada* é apenas a mulher lerda, meio *viajandona*, que não entende bem as coisas.”

Comentário explicativo: Referência à mulher que tem certa dificuldade de entendimento, que estaria, figurativamente, sempre “viajando”, no chamado mundo da Lua.

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *viajan[te]* + adjetivo *[doi]dona* = *viajandona*.

→ Composição por acoplação

112) Termo: *videota*

Fonte: G, 15/10/05

Informações gramaticais: adjetivo

Contexto: “Um personagem oposto ao personagem *videota* de Peter Sellers no filme ‘Muito além do jardim’”.

Comentário explicativo: Referência ao personagem alienado de Sellers no filme citado, em analogia ao personagem de *O Idiota*, de Dostoievski

Tipologia neológica: neologismo lexical literário, primário

Processo de formação: substantivo *vídeo* + *[idi][o]ta* = *videota*

→ Composição por acoplação

113) Termo: *vlogueiro*

Fonte: G, 01/02/05

Informações gramaticais: substantivo

Contexto: “Primeiro vieram os blogs, depois os fotologs. E agora é a vez do videoblog. Os vloggers, também conhecidos como *vlogueiros*, postam regularmente vídeos na internet, criando shows primários para quem quiser assistir.”

Comentário explicativo: Remete ao contexto.

Tipologia neológica: neologismo lexical cultural, primário

Processo de formação: substantivo *vlog* + sufixo *-eiro* (variante de *ário*, no sentido de relação, posse, origem) = *vlogueiro*

→ Derivação por sufixação

CONCLUSÃO

Os termos coletados neste estudo são muito recentes – datam dos dois anos que antecedem o presente texto. Portanto, por meio deles, é possível pôr em foco parte do comportamento da sociedade brasileira nesse período. Período de escândalos políticos, reações indignadas, verdades e mentiras, encobrimentos e revelações. Mas a linguagem nos permite levantar parte desse véu – e desse tapete – e analisar o real propósito de determinadas enunciações. O falante possui mecanismos inatos dos quais nem ele próprio se dá conta no momento da criação. Prefixos: de negação e de movimento, de separação e aproximação, de redução e grandeza, de posições superiores e inferiores... Sufixos que traduzem ideologias, estados, resultados, agentes... cujos significados, muitas vezes esquecidos no tempo, são intuitivos e residem na capacidade criativa de novas palavras.

Alguns vocábulos podem passar a uma fase de desneologização, com sua adoção pelo falante e posterior dicionarização. Outros, certamente, até mesmo em razão da natureza de sua criação, de seu propósito único, serão deixados de lado. A renovação é constante, e o dicionário funciona como uma espécie de máquina filmadora, registrando um determinado período.

Em consequência disso, a partir do levantamento das incidências reunidas no *corpus*, torna-se possível articular algumas considerações.

O objeto em análise foram os neologismos lexicais, somente levando-se em consideração alguns neologismos semânticos expressivos com finalidade ilustrativa ou em razão de o vocábulo envolver concomitantemente esse processo, como, por exemplo, *mensalão*.

Quando acionamos o ponto de partida deste estudo, algumas questões foram propostas e, neste momento, nós as retomamos sob respostas concisas.

Vimos que há uma relação intrínseca entre a criação de novas palavras e a realidade que nos cerca. Constatamos, também, que a imprensa escrita nos oferece manancial para uma boa análise do português contemporâneo, pois, independentemente da ideologia que subjaz um ou outro jornal, é certo que os assuntos são variados e não se circunscrevem à voz da elite. Diálogos de falantes são reproduzidos, opiniões diversas são expressas, mesmo aquelas *desinformantes*, falas de políticos, de cientistas, de estudiosos, alunos e professores, dos *sem-terra* e dos *com-terra*, índios e *não-índios*, informados e *não-informados*. A partir dessas idéias, são feitas leituras e *desleituras*, e brados *antialienação* são ouvidos. Independentemente de os

jornalistas escreverem direcionados por *invejismos*, *deslumbrismos*, *macunaísmos* ou *comparismos*, seus textos são lidos por todos nós, em *lulês*, *juridiquês* ou *português*, todas formas de expressão de nossa identidade, marcas de nosso povo.

De um total de 113 neologismos, criados por esses falantes e com propósitos diversos, verificaram-se os seguintes dados:

Relativos à classe:

→ 83 substantivos (80 em função substantiva e 3 em função adjetiva), 25 adjetivos e 5 verbos.

Relativos ao processo de formação:

→ Derivação: (56) 25 prefixais (3 com hibridismo) e 31 sufixais (1 com hibridismo);

→ Composição: (57) 35 por justaposição (4 com hibridismo), 21 por acoplação (2 com hibridismo) e 1 por reduplicação.

Conclui-se pois – do *corpus* coletado – que o processo de composição por justaposição revelou-se o mais produtivo. No âmbito da derivação, a sufixação prevaleceu sobre a prefixação, revelando-se o sufixo -ismo o mais produtivo, com um total de 10 incidências. Quanto aos prefixos, destacam-se anti- (6), des- (4), não- (3), sem- (3), todos com sentido de esvaziamento, negação ou separação.

Num momento em que grandes são as diferenças sociais e que os indivíduos se encontram desprovidos do mínimo essencial à sua sobrevivência, e em que se voltam as atenções aos carentes, aos desprovidos de bens suficientes à sobrevivência, não é de se estranhar que o elemento *sem-* ofereça grande produtividade lexical, como constatamos em nosso *corpus*: *sem-barraca*, *sem-calçada*, *sem-concurso*. Também como reflexo de intensa crise política, constata-se a adoção do prefixo *anti-*, revelando a posição do sujeito contrária às práticas que vêm sendo adotadas, *anti-salazarista*, *antialienação*, *anti-Bush*, *anti-stress*, *anti-tricolor* e *antitucanês*. Lembramos que, em contrapartida, houve uma época em que o prefixo *neo-* se mostrou bastante fecundo, quando vivíamos a política financeira do neoliberalismo.

No processo de composição, chama-se a atenção para o radical *-duco* (t), em relação intrínseca com o apontado desvio de verbas públicas decorrente dos escândalos políticos. Assim, *propinoduto*, *dinheiroduto*, *valerioduto*, *cuecoduto*, *buracoduto*, entre outros, revelam o momento social pelo qual passamos, quando tudo parece grande: os escândalos, a soma das

verbas desviadas, as surpresas, as mentiras, *o dizimão*, *o mensalão*, *o semanão*, *o mesadão*.

Registre-se que os hibridismos apresentam número significativo (9) dentro do *corpus*, apontando para o fato de que nossa língua continua mantendo intenso diálogo com o inglês.

O processo de composição por acoplação também se mostra fértil, principalmente quando impregnado de ironia com fins humorísticos. Palavras como *bundoplastia*, *cocacabana*, *depoiminto*, *duracelso*, *mijônibus* revelam-se bastante criativas e servem ao propósito para os quais foram inventadas. Seu destino estará, salvo raríssimas exceções, circunscrito ao texto, mas elas terão alcançado seu objetivo: fazer com que sintamos prazer, que nos deliciemos com esses pequenos brinquedos, as palavras, compostos de fragmentos, dessa unidade a que chamamos morfemas. E, com toda certeza, servirão para nos fazer refletir, repensar a realidade, gerar novas relações e, conseqüentemente, novas palavras.

E é com dois sentimentos que este trabalho se conclui: a inquietude e a renovação. A inquietude do saber que se renova e desperta a curiosidade para novos saberes, tal como ocorre com as palavras. Como afirma Wittgenstein “Os limites da minha linguagem denotam os limites de meu mundo”.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro, 2004.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, Antônio Pio de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- AZEREDO, José Carlos de (org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- _____. *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. São Paulo, 2001.
- _____. *A norma oculta*. São Paulo: Parábola, 2005.
- _____. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. São Paulo: Loyola, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BASILIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. *Teoria Lexical*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- BECHARA, Evanildo. “Imexível não exige imexer”. *Idioma*, nº 18, 2º semestre de 1996, Rio de Janeiro: UERJ.
- _____. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 35 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. “Para uma nova análise do discurso”. In: CARNEIRO, Agostinho (org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

- CHOMSKY, Noam. *Linguística cartesiana*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- CLARE, Nícia de Andrade Verdini. *A linguagem da política: inovações linguísticas no português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2004.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: EUFC, 1999.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio. O dicionário da língua portuguesa*. Século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIORIN, José Luiz. “Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico”. In: SILVA, Fabio Lopes e MOURA, Heronides Maurílio. *O direito à fala: a questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: Insular, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar (org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação: estudos de língua e linguística*. Rio de Janeiro: Europa, 2003.
- _____. *Morfologia portuguesa em perspectiva sincrônica: teoria e prática*. Rio de Janeiro, 2003 (mimeo).
- _____; SIMÕES, Darcilia (org.). *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2005.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica – brincando com a gramática*. 4 ed. São Paulo:

Contexto, 2003.

_____. *Introdução ao estudo do léxico – brincando com as palavras*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em Português*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Morfemas do Português*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2004.

LAKOFF, Geoge e JOHNSON, Marc. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ, 2002.

MARTINET, André. *Elementos de lingüística*. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 3 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires e ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande/MS: COMPED/UFMS/INEP, 2001.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino e GAVAZZI, Sigrid (orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PEREIRA, Maria Teresa G. (org.). *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

PINILLA, Maria Aparecida Meireles de. "Algumas reflexões a respeito das classes de palavras". In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues e BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro, 2004.

PINTO, Edith Pimentel. *História da língua portuguesa, VI, século XX*. São Paulo: Ática, 1988.

POTTIER, Bernard e AUDUBERT, Albert e PAIS, Cidmar Teodoro. *Estruturas lingüísticas do português*. 2 ed. São Paulo: Difusão européia do livro, [s.d.].

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2 reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

RODRIGUES, Sérgio. *What língua is esta?: estrangeirismos, neologismos, lulismos e outros modismos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992. [Repensando a língua portuguesa.]

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle – Variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, M. Cecília P. de Souza e e KOCH, Ingedore Villaça. *Lingüística aplicada ao português: morfologia*. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

TAVARES, Maria da Conceição. “Globalitarismo e neobobismo”. In: www.race.nuca.ie.ufrj.br/journal/t/tavares. Acesso em 19/02/06.

VALENTE, André (org.). *Aulas de Português: perspectivas inovadoras*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. *Língua, lingüística e literatura: uma integração para o ensino*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

ANEXO**Verbetes em ordem alfabética**

| | |
|-----------|-------------------|
| 1 | aerolula |
| 2 | alonsomania |
| 3 | anafilático |
| 4 | anhangaburrice |
| 5 | antialienação |
| 6 | anti-Bush |
| 7 | anti-salazarista |
| 8 | anti-stress |
| 9 | anti-tricolor |
| 10 | antitucanês |
| 11 | arapongagem |
| 12 | assembleísmo |
| 13 | autofornicação |
| 14 | auto-idealizante |
| 15 | beatleânica |
| 16 | beijo-de-língua |
| 17 | bolsa-família |
| 18 | branquificar-se |
| 19 | bundoplastia |
| 20 | buracoduto |
| 21 | cartão-fidelidade |
| 22 | caveirão |
| 23 | chavismo |

| | |
|----|--------------------------|
| 24 | cocacabana |
| 25 | com-terra |
| 26 | compadrismo |
| 27 | conhece-casa-e-descasa |
| 28 | cuecoduto |
| 29 | delinqüência-companheira |
| 30 | denuncismo |
| 31 | depoiminto |
| 32 | deputado-canguru |
| 33 | descamelotizar |
| 34 | desconstrutivismo |
| 35 | desfusão |
| 36 | desinformante |
| 37 | desler |
| 38 | deslumbrismo |
| 39 | desprofissionalizados |
| 40 | dirceuzista |
| 41 | disque-extorsão |
| 42 | disque-saúde |
| 43 | dizimão |
| 44 | duracelso |
| 45 | eco-limite |
| 46 | esbarrashopping |
| 47 | febelião |
| 48 | fogebem |

| | |
|-----------|---------------------------------|
| 49 | freebem |
| 50 | fugabem |
| 51 | funkar-se |
| 52 | geracional |
| 53 | glotofobia |
| 54 | googledependente |
| 55 | governo-bicho-papão-de-esquerda |
| 56 | ibirabesteira |
| 57 | invejismo |
| 58 | juridiquês |
| 59 | lilás-cheguei |
| 60 | logodesafio |
| 61 | lulante |
| 62 | lulês |
| 63 | lulificação |
| 64 | lulocêntrica |
| 65 | macunaísmo |
| 66 | medievália |
| 67 | megashow |
| 68 | megassucesso |
| 69 | mensalão |
| 70 | merlotnização |
| 71 | mesadão |
| 72 | mijônibus |
| 73 | mosquitópolis |

| | |
|----|-----------------------|
| 74 | multi-homem |
| 75 | multiinstrumentista |
| 76 | não-índios |
| 77 | não-informados |
| 78 | não-residentes |
| 79 | paloccianas |
| 80 | panfletarismo |
| 81 | papo-rotweiller |
| 82 | personal-psi |
| 83 | praçarela |
| 84 | proibições |
| 85 | pseudo-integração |
| 86 | pseudoliberal |
| 87 | publicitário-lobista |
| 88 | quadrupinho |
| 89 | quase-piadas |
| 90 | raboplégico |
| 91 | recuperação-relâmpago |
| 92 | rio-centrismo |
| 93 | rockgol |
| 94 | sangue-ruim |
| 95 | seguro-apagão |
| 96 | semanão |
| 97 | sem-barraca |
| 98 | sem-calçada |

| | |
|------------|---------------------|
| 99 | sem-concurso |
| 100 | seqüestro-relâmpago |
| 101 | sonoplastrilha |
| 102 | sub-urbana |
| 103 | sucolé |
| 104 | supersambista |
| 105 | supositória |
| 106 | toda-toda |
| 107 | treineiro |
| 108 | tucanato |
| 109 | vaguitude |
| 110 | valerioduto |
| 111 | viajandona |
| 112 | videota |
| 113 | vlogueiro |